



Manual do Aluno

Língua Portuguesa 9^a Classe

1^o Ciclo do Ensino Secundário - Ensino Geral

Autores:

Helena Mesquita | Gonçalves Pedro

Ministério da Educação Angola

APROVADO ✓

República de Angola



**EDITORA
DAS LETRAS**

"Pensando o futuro"



Língua Portuguesa 9^a Classe

Autores: Helena Mesquita | Gonçalves Pedro

FICHA TÉCNICA**TÍTULO**

Manual do Aluno - Língua Portuguesa 9ª Classe

AUTORES

Helena Mesquita
Gonçalves Pedro

COORDENADORA EDITORIAL

Bruna Botelho

EDITORA

Editora das Letras, S.A.

PRÉ-IMPRESSÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Gestgráfica, S.A.

ANO / EDIÇÃO / TIRAGEM / Nº DE EXEMPLARES

2014 / 1ª Edição / 1ª Tiragem / 20 000 Ex.:

Registado na Biblioteca Nacional de Angola sob o n.º 5772/2012
ISBN 978-989-98725-2-3



**EDITORA
DAS LETRAS**

"Pensando o futuro"

Rua Kwamme Nkruma, n.º 252
Maianga, Luanda – Angola

E-mail: geral@editoradasletras.com
Tel.: +244 922 400 141
www.editoradasletras.com

© 2014 EDITORA DAS LETRAS

Reservados todos os direitos. É proibida a reprodução desta obra por qualquer meio (fotocópia, offset, fotografia, etc.) sem o consentimento escrito da editora, abrangendo esta proibição o texto, a ilustração e o arranjo gráfico. A violação destas regras será passível de procedimento judicial, de acordo com o estipulado no código dos direitos de autor.

Querido Aluno,

Com este Manual da 9.^a classe, terminarás mais um ciclo de estudos, o 1.º Ciclo do Ensino Secundário. Conheces já muitos dos teus colegas, mas esperam-te inúmeras novidades.

O Manual do Aluno da 9.^a classe é constituído por um leque de textos bem seleccionados, que irão constituir uma boa fonte de conhecimentos a todos os níveis. Obedeceu-se, como nos manuais anteriores, às linhas programáticas para este ano, atendendo às exigências pedagógico-didáticas para a 9.^a classe, não descurando a inovação e o rigor adequados a este nível, no que concerne a uma maior fluência no falar, um maior domínio no escrever, um melhor entendimento no ler e uma melhor compreensão da gramática.

Às tipologias textuais das 7.^a e 8.^a classes, foi acrescida mais uma, o Texto Argumentativo, cujas características, como é habitual, te apresentamos ao pormenor. Deverás, entretanto, investigar o mais possível, para que não te restem quaisquer dúvidas relativamente a essa e às outras tipologias textuais que fazem parte deste Manual.

Assim, deverás procurar saber ser e fazer, individualmente ou em grupo, de modo responsável e criativo, melhorando a relação professor/aluno, aluno/professor e aluno/aluno, para que cada aula seja desenvolvida de forma estruturada e com uma cooperação verdadeira, estreita e compreensiva.

Os Autores

Caro Professor,

O Manual do Aluno da 9.^a classe é o último do 1.º Ciclo do Ensino Secundário no Sistema de Reforma Educativa em Angola. A sua estrutura não difere da do Manual da 8.^a classe, sendo apenas acrescida a tipologia referente ao Texto Argumentativo.

Atendendo às características de cada uma das tipologias textuais constantes deste Manual, deverá ter cuidado para não se afastar dos conteúdos programáticos da 9.^a classe, não descurando os conteúdos apresentados no Apêndice / Bloco Gramatical.

Deverá explorar ao máximo cada um dos textos apresentados, com base nas orientações dadas no início de cada unidade, e trabalhar de forma conveniente a interpretação, recorrendo à investigação, à pesquisa e aos debates realizados na aula, entre outras actividades.

Com base nos exercícios das fichas de leitura apresentadas nas várias tipologias textuais, use a sua criatividade, elabore outros, enriqueça-os, principalmente no que concerne aos textos não trabalhados.

Desejamos-lhe bom trabalho, acompanhando e ajudando os seus alunos a ultrapassar todas as dúvidas e os problemas encontrados.

Os Autores

ÍNDICE

UNIDADE 1 · TEXTO NARRATIVO	9
O Texto Narrativo	10
Nova vida	13
O meu Cão	15
A Última Caçada	16
O Velho e o Mar	19
Riscos	23
Quina, Maria e Narcisa	25
A Viagem	27
Kapitia	30
A Confissão de Nhonhoso	32
A Triste Sorte de Katumbo	34
Parábola das Sete Varas	36
O Sonho	38
Ngana Samba e os Ma-kishi	41
UNIDADE 2 · TEXTO DESCRITIVO	45
O Texto Descritivo	46
Pertinho do Céu	48
Descrição do Carnaval	50
Ironia da Riqueza	53
Construir	55
De Regresso ao Céu	57
São Tomé e Príncipe	58
Anoitecer de Segunda	60
A Enchente	62
O Homem	64
O Vento e a Natureza	66
A Tempestade	68
UNIDADE 3 · TEXTO POÉTICO/LÍRICO	71
O Texto Poético/Lírico	72
Tudo o que Recusa o Dispêndio da Fala	74
Fala Baixo, Coração	75
Valsinha	76
Soneto ao Mar Africano	78
Quando os meus Irmãos Voltarem	80
Alegres Campos, Verdes Arvoredos	81
Meu Berço Infinito	83
Cana'ngana	84
Regresso	85
Mensagem	86
Angola	88
Nós Iremos, Nós Também	90
Guerra	91

UNIDADE 4 · TEXTO INFORMATIVO	95
O Texto Informativo	96
Culto Dominical Kimbanguista	101
A Dançar é que Vamos	104
A Arte Têxtil Angolana	106
Cuba – Um Perpétuo Verão	110
Exploração	112
Angola – Pátria e sua Literatura	114
Amazónia – Pulmão da Terra Ameaçado!	116
Sumo – Milenar Estilo de Luta Japonesa	119
Inauguração de Exposição de Quadros Feitos por Crianças	122
Angola Participa no Encontro de Especialistas do Programa sobre a Corrente Fria de Benguela	122
Huambo: Camponeses do Ukuma Beneficiam de Donativo do MPLA	123
Bonnard – Dar Vida à Pintura	124
Entrevista a Pepetela	126
Incêndios	129
Relembrar Viriato da Cruz	131
UNIDADE 5 · TEXTO EXPLICATIVO	135
O Texto Explicativo	136
Uma Reflexão sobre Modelos na Literatura Angolana	137
Programa Ano 2000 – Alimento para Todos	138
Frutos e Iogurte – Seu Valor Nutricional	140
Conservação dos Alimentos: do Passado aos Nossos Dias	142
Justificação do Nobel de Literatura de 1998	144
O Sangue da Buganvília	146
UNIDADE 6 · TEXTO INJUNTIVO/APELATIVO	149
O Texto Injuntivo/Apelativo	150
Quadros Negros	152
Como Desenvolver a Responsabilidade?	154
Tarefas a Cumprir Visando o Bom Funcionamento das Aulas	155
Eduque os seus Filhos a Comerem com Gosto: 10 Bons Hábitos Alimentares	156
Receita: Feijão de Óleo de Palma	157
Regras Básicas para Melhorar a Energia do seu Edifício	158
Guia do Cliente da EDEL	158
Actividades	160
UNIDADE 7 · TEXTO ARGUMENTATIVO	165
A Argumentação	166
O Texto Argumentativo	167
Para Saber Mais	168
Em Busca da Felicidade	170

O Escritor, o Intelectual...	172
A Juventude e a Sociedade	173
Rapazinhos	175
O investigador	177
Gentes	177
A Vida está Mal	178
A Cidade dos Mistérios	179
Actividades	180

UNIDADE 1

TEXTO NARRATIVO

O Texto Narrativo

A) CATEGORIAS DA NARRATIVA

Como sabes, o texto narrativo é aquele em que um **narrador** conta uma história, cujas **personagens** contribuem para o desenvolvimento de uma **acção**, que se situa num determinado espaço e se desenrola num certo período de tempo.

Quando analisas estes **elementos ou categorias da narrativa**, deves ter em conta diversos aspectos:

1. Na acção (conjunto de acontecimentos que se desenrolam num determinado espaço e num período de tempo mais ou menos extenso):

- o **relevo** ou grau de importância:
 - acção central (conjunto de acontecimentos com maior importância);
 - acção secundária (acontecimentos de menor relevo, dependentes da acção central);
- a **delimitação**:
 - acção fechada (a acção e o destino das personagens são resolvidos até ao pormenor);
 - acção aberta (não se apresenta a solução definitiva para o destino das personagens);
- as **sequências narrativas**:
 - situação inicial (apresentação);
 - peripécias e ponto culminante ou clímax (desenvolvimento);
 - desenlace (conclusão);
- a **organização das acções ou sequências narrativas**:
 - por encadeamento (ordenação cronológica dos acontecimentos);
 - por encaixe (introdução de uma acção numa outra acção que estava a ser narrada e que depois se retoma);
 - por alternância (desenrolar alternado das acções, que se podem unir em qualquer momento da narrativa).

2. Nas personagens:

- o **relevo**:
 - personagem central, protagonista ou herói (cuja actuação é fundamental para o desenvolvimento da acção);
 - personagem secundária (com um papel de menor relevo do que o da personagem central, sendo também importante para o desenrolar da acção);
 - personagem figurante (com um papel irrelevante no desenrolar da acção, servindo para ilustrar um ambiente ou um espaço social);
- a **composição**:
 - personagem modelada ou redonda (dinâmica, com densidade psicológica, capaz de alterar o seu comportamento e de evoluir ao longo da narrativa);
 - personagem plana ou desenhada (estática, sem vida interior significativa e sem evolução, comportando-se de forma previsível);
 - personagem-tipo (representante de um grupo profissional ou social);
 - personagem colectiva (representante de um grupo de indivíduos);

- o **processo de caracterização**:
 - caracterização directa (o narrador, a própria personagem ou outras personagens fornecem características suas ao leitor);
 - caracterização indirecta (as características das personagens são deduzidas pelo leitor a partir dos seus comportamentos);
- a **função**:
 - sujeito (personagem empenhada na consecução de um objectivo, representado pelo objecto);
 - objecto (que o sujeito procura obter ou atingir);
 - destinador (personagem que decide a favor de ou contra a obtenção do objecto pelo sujeito);
 - destinatário (sobre quem recai a decisão favorável ou desfavorável do destinador);
 - oponente (personagem que dificulta a obtenção do objecto);
 - adjuvante (personagem que facilita a obtenção do objecto).

3. No espaço:

- o **espaço físico**: espaço real, que serve de cenário à acção, onde as personagens se movem;
- o **espaço social**: o meio social a que pertencem ou em que se encontram as personagens;
- o **espaço psicológico**: espaço interior, onde se encontram o pensamento e as emoções das personagens.

4. No tempo:

- o **tempo cronológico ou da história**: determinado pela sucessão cronológica dos acontecimentos narrados;
- o **tempo histórico**: época ou momento histórico da acção;
- o **tempo psicológico**: tempo subjectivo, vivido ou sentido pela personagem;
- o **tempo do discurso**: tratamento do tempo da história pelo narrador, que pode narrar os acontecimentos:
 - por ordem linear;
 - com alteração da ordem temporal (anacronia), através da analepse (recurso a acontecimentos passados) ou da prolepse (antecipação de acontecimentos futuros);
 - reproduzindo o ritmo dos acontecimentos (isocronia), por exemplo, através dos diálogos;
 - com um ritmo diferente (anisocronia), nomeadamente através do resumo (condensação dos acontecimentos, suprimindo pormenores) e da elipse (supressão de acontecimentos).

5. No narrador:

- a **presença**:
 - narrador participante (narrador que participa nos acontecimentos, como personagem principal ou secundária – narração feita na 1.ª pessoa);
 - narrador não-participante (narrador que não participa nos acontecimentos – narração feita na 3.ª pessoa);
- a **posição**:
 - narrador objectivo (imparcial, não toma qualquer posição relativamente às personagens e aos acontecimentos);
 - narrador subjectivo (parcial).

B) MODALIDADES DE REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO

Podem observar-se, no texto narrativo, as **modalidades de representação**:

- **narração**: relato dos acontecimentos que permitem a progressão da acção (modalidade dinâmica, caracterizada pela utilização frequente de verbos de movimento, geralmente no pretérito perfeito ou no presente histórico);
- **descrição**: momento de pausa na acção, com a função de apresentar personagens, objectos, ambientes, etc. (modalidade estática, caracterizada pelo predomínio de verbos no pretérito imperfeito e de adjectivos).

Consideram-se, igualmente, as **modalidades de expressão**:

- **diálogo**: conversa entre as personagens, conferindo vivacidade e autenticidade à narrativa;
- **monólogo**: fala de uma personagem que não se dirige directamente a um interlocutor.

C) TIPOLOGIAS DO TEXTO NARRATIVO

Geralmente escritos em prosa, os textos do modo narrativo podem apresentar um carácter literário, correspondendo, sobretudo, ao conto, à novela e ao romance.

Os textos narrativos não literários compreendem uma maior variedade de tipologias textuais, como a fábula, o conto tradicional e a lenda. Vejamos algumas das características destes tipos de textos:

- A fábula pretende ilustrar um preceito moral e tem como personagens animais que agem como seres humanos.
- O conto tradicional é uma narrativa curta que transmite uma moralidade. As acções são localizadas num tempo e num espaço indeterminados e as suas personagens servem-se de manhas e esperteza para concretizarem os seus objectivos. Alguns dos temas presentes são o elogio da honradez, o triunfo da inocência, a maldade, a mentira, a infidelidade e a crença no destino.
- A lenda apresenta, geralmente, um carácter maravilhoso e pretende explicar um facto histórico ou fenómenos da natureza, que podem ter um alcance regional ou nacional.

Nova Vida

Rute Maria Tandu, em 1945, era uma mulher de muitas recordações. Sem qualquer ascendente vivo, salvo umas tias que não conhecia e que pensava poderem ainda estar vivas, algures em Cabinda, terra de seus falecidos pais.

5 Senhora muito respeitada e solicitada pela vizinhança na ilha do Cabo, local onde na altura residia, pois era a única mulher em toda a ilha, naquele tempo, que sabia ler e escrever qualquer coisa. Tratava-se também de uma negra muito atraente, com uma pele aveludada e uns olhos acastanhados, grandes e insinuantes. Nos seus vinte e nove anos de então, conservava toda a frescura e vaidade próprias de raparigas dez anos mais novas. Ela caprichava seriamente na combinação dos
10 panos que diariamente vestia, mantendo sempre um porte altivo, conseguidos graças aos sessenta e três quilos de peso, distribuídos de forma graciosa, no metro e sessenta e cinco de altura.

Rute e a filha sobreviviam de algum dinheiro que aquela ganhava por lavar e passar roupa do pároco da igreja do Cabo e manter a igreja sempre arrumada e
15 limpa. Além disso, também ajudava a velha a fazer uns doces de coco e matete de milho, que ela própria vendia com a maior facilidade.

Sábado, mês de Março, quatro horas de tarde, Sá Constância, mulher do velho Kassoma, mais conhecido por Ti N'buco, considerado o decano dos pescadores de cerco, que afirmava ter visto uma sereia, embora os outros pescadores, por trás,
20 dissessem que ele viu foi manatim, como chamavam os brancos, ou peixe-mulher por ter mamas, bate à porta da velha Ximinha.

Dona Constância fez saber à velha Ximinha que o seu homem ia organizar uma rebita para festejar o dia em que «se deu encontro com a sereia» e vinha pedir para Rute comparecer no «acto».

25 O quintal estava todo fechado com ramos de palmeiras, bem amarrados aos bordões e aos ramos secos já existentes. No interior, tudo arrumado e desimpedido. De um lado, via-se, ao longo da parede que dava para a porta da casa, um estrado improvisando um pequeno palco, feito com barrotes de madeira assentes sobre duas fiadas de tijolos. O chão de terra batida também arranjado, com areia do
30 Bungo espalhada. Material de ocasião... tudo conseguido na calada da noite, junto à igreja. O que restou das obras que o padre tinha lá mandado fazer... veio só de empréstimo! Logo, logo velho N'buco ia devolver. Assim ele pensava, enquanto admirava, na companhia do sobrinho, o resultado do seu trabalho.



COMPREENSÃO DO TEXTO

- 01) Situa a acção do texto no tempo e no espaço.
- 02) Rute Maria Tandu vivia na ilha do Cabo e era muito respeitada. Justifica esta afirmação, com base no texto.
- 03) Que atributos se podem atribuir a Rute Maria?
 - a) Classifica o processo de caracterização desta personagem, justificando.
- 04) De que viviam Rute Maria e a filha?
- 05) De que se orgulhava Rute Maria, apesar de ser uma simples lavadeira do pároco?
- 06) Havia ou não grau de parentesco entre Rute e velha Ximinha? Comenta.
- 07) O que aconteceu de especial num sábado do mês de Março?
- 08) Define “manatim” (l. 20).
- 09) Mas qual era, efectivamente, a intenção de Ti N’buco ao organizar a festa?
- 10) Faz a descrição do recinto da rebita.
- 11) «Material de ocasião... tudo conseguido na calada da noite, junto à igreja.» (l. 30).
 - a) Por que razão foi o material conseguido «na calada da noite»?
- 12) Que sentimento dominava Ti N’buco ao observar o recinto preparado para a rebita?
- 13) Imagina a rebita que terá ocorrido naquele quintal.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) «Tratava-se também de uma negra muito atraente, com uma pele aveludada e uns olhos acastanhados, grandes e insinuantes.»
 - a) Identifica os adjectivos da passagem transcrita.
 - b) Diz em que grau se encontra cada um desses adjectivos.
- 02) *Rute Maria mantinha a igreja sempre arrumada e limpa.*
 - a) Rescreve a frase, colocando os dois adjectivos no grau superlativo absoluto sintético.
- 03) «Ela caprichava **seriamente** na combinação dos panos que **diariamente** vestia...» (ll. 9-10).
 - a) Classifica morfológicamente as palavras destacadas.
- 04) «... conseguidas graças aos sessenta e três quilos de peso, distribuídos **de forma graciosa**, no metro e sessenta e cinco de altura.» (ll. 10-12).
 - a) Transforma a expressão destacada num advérbio de modo.
- 05) *Dona Constância pediu a Rute que comparecesse no «acto».*
 - a) Identifica, neste período, as orações que o constituem.
 - b) Transcreve a oração integrante.
 - c) Analisa sintacticamente a outra oração.
- 06) Classifica as seguintes formas verbais: **faziam**, **dizia**, **sido** e **dissessem**.

O Meu Cão

Vou contar sobre o meu cão, mas só em kimbundu. O camarada traduz para a língua que quiser. Falar dele e do mar e de mim só dá mesmo na minha língua.

O cão encontrou-me um dia na Corimba. Estava a preparar o dongo para voltar no Mussulo onde vivo. Às vezes vou na cidade, atravesso o canal e atraco o dongo na Corimba. (...)

O cão farejou-me, farejou o dongo. Gostou do cheiro, tinha ar contente. Reconheci-o logo. Não era aquele que dançou no Carnaval com o «União Kianda»? Era esse mesmo. Assisti às cenas, já todo velho até saí a dançar embora atrás dele. Vi logo não tinha dono, era como eu. Perguntei:

– Xê, vadio, queres ir morar comigo no Mussulo? Muitos amigos meus que têm cães lá. É bom, tomam conta da casa e das mulheres, quando vamos no mar. Minha mulher já morreu, os filhos estão na cidade de Luanda, não querem mais fazer vida de pescador. Aceito. Vida de pescador está cada vez mais difícil, com esses barcos modernos que chupam tudo. Os meus filhos querem ser torneiros, pedreiros, talvez até bandidos. Mas pescadores não querem. Não tenho ninguém a morar comigo, o cão vai fazer companhia.

Não respondeu à pergunta. Abanou o rabo. Continuei a preparar as velas. Em breve estava pronto para a partida. Ele não saía dali, só cheirava, cheirava...

– Sou um velho pescador, pobre como todo o pescador de dongo. Carne não te vou dar, uma vez no ano como uma galinha ou porco. Mas peixe podes comer sempre, enquanto esses braços tiverem força de puxar as redes. Vens?

Quando empurrei o barco para a água, ele saltou para dentro.

– Escolheste, cão. Podes sempre mudar de ideia. Não te vou prender, continuarás livre de escolher o teu caminho.

Pois o meu cão é diferente se está dum lado ou doutro do Mussulo. Se está do lado de Luanda, no Mussulo estrangeiro, como chamamos, passa a vida a ladrar atrás das pessoas. Não morde, só corre atrás a ladrar. Sobretudo aos que estão fazer aqui. (...) Se está na contra-costa, onde fica a minha cubata e o dongo e as redes, ele fica calmo, não faz confusão.

Pepetela, *O Cão e os Calús*



A Última Caçada

Quando encerrou o trabalho com as armadilhas, João Mendonça parou para comer. Calculou que devia ser meio-dia, mas era difícil saber com precisão, pois o sol não passava pela copa das árvores. Depois de dar água ao cavalo, o caçador resolveu continuar seguindo os rastros da onça.

5 O cavalo andava devagar, por causa do chão irregular e das árvores caídas. Atento, João Mendonça ouvia os mínimos ruídos da mata, provocados por pássaros e pequenos animais. Ele estava cansado e sabia o que isso significava. Em outros tempos, sua disposição seria a mesma do começo do dia. Mas, agora, sentia o corpo cedendo à idade, e a própria vista já não ajudava tanto.

10 Estava entregue a essas reflexões quando o inesperado aconteceu: o cavalo pisou num buraco no chão e, subitamente, projectou-se para a frente, lançando o cavaleiro ao ar. João Mendonça deu uma cambalhota antes de cair no solo, batendo com as costas em um toco de árvore. O choque fez com que a espingarda disparasse, provocando uma ruidosa revoada de pássaros e assustando o cavalo, que saiu a galope pelo mesmo caminho por onde tinha vindo.

15 O caçador tentou se levantar, mas a dor não permitiu. Ele estava deitado no chão, com a arma presa às costas, e não conseguia se mexer. «Acho que quebrei todas as costelas», pensou, tentando não entrar em pânico. Naquele meio de mato, ele nunca seria socorrido. Olhou para os raios de sol que penetravam em meio aos galhos das árvores e viu um bando de macacos que passavam guinchando violentamente, ainda assustados com o tiro. De repente, um silêncio estranho tomou conta do lugar, um silêncio tão intenso que o caçador conseguia ouvir o ruído de sua respiração ofegante. Foi quando a vegetação à sua frente se abriu e a onça apareceu; era enorme e caminhava calmamente na direcção do homem caído. João Mendonça sentiu um frio percorrer sua espinha: era a maior onça que havia visto em sua vida. Tentou virar o corpo, para liberar a espingarda, mas a dor não permitiu. E foi assim, indefeso, que assistiu à aproximação do animal.

20 O caçador percebeu que tremia incontrolavelmente. Fechou os olhos e pensou com tristeza na mulher e nos filhos, e também em sua fazenda em Soledade, onde o milho, apesar da pouca chuva, estava bonito e daria uma boa colheita – que ele não iria ver. Não tinha coragem de abrir os olhos; apenas aguardava o ataque da onça.

25 Passaram-se alguns segundos, que lhe pareceram intermináveis. Num último arranque de coragem, abriu os olhos e viu o bicho tão próximo de seu rosto que podia sentir sua respiração. As manchas na pele do animal eram irregulares e bonitas. Mas foi outro detalhe que deixou João Mendonça ainda mais gelado: uma das orelhas da onça era defeituosa, como se tivesse sido estraçalhada por um tiro.

30 Lágrimas brotaram dos olhos do caçador e ele prendeu a respiração quando a onça o cheirou demoradamente e emitiu um rugido que alvoroçou ainda mais os macacos e pássaros da mata. Em seguida, ela se virou e saiu caminhando com a mesma calma com que havia chegado. Antes de desaparecer na vegetação, a onça ainda olhou para trás – e o caçador seria capaz de jurar que o bicho tinha um ar vitorioso.

Quando o cavalo apareceu sozinho na praça de Roseiral, o povo se juntou e começaram os boatos de que o lobisomem tinha dado fim a João Mendonça.

45 O coronel Danilo Borges foi avisado e veio imediatamente ver o que estava acontecendo. Houve até quem chorasse, prevendo que agora a cidade estaria à mercê do animal.

No fim da tarde, quando já haviam decidido pedir ajuda à polícia da capital, João Mendonça apareceu na entrada da cidade, andando com dificuldade, apoiado na

50 espingarda. Todos correram para amparar o homem, que gemia muito.

Enquanto era atendido por Lindolfo Gomes, o caçador contou ao coronel Danilo Borges o que tinha acontecido. Anunciou também que aquela tinha sido sua última caçada e que, tão logo suas costelas estivessem recuperadas, ele iria voltar para Soledade.

55 O coronel não se conformava com o fato de a onça ter vencido o duelo e continuar viva:

– Mas, João, ela vai continuar atacando o meu rebanho e pode ameaçar até as pessoas da cidade. E não há ninguém aqui com coragem suficiente para ir caçá-la.

– Não se preocupe, coronel. Eu tenho certeza de que ela não vai atacar de novo.

60 Tudo o que ela queria era ajustar contas com o caçador que atirou nela há anos...

– Pois é, João, mas todo mundo sabe que uma onça ferida fica ainda mais perigosa. Você vai nos deixar na mão?

– Fique descansado, coronel. Essa onça não vai mais aparecer.

– Como é que você tem tanta certeza, meu Deus?

65 – Não sei explicar, coronel. Mas pode acreditar em mim: vocês estão livres dela. Eu vi isso quando ela me olhou, antes de entrar no mato: ela venceu o duelo comigo e poderia até ter me comido inteiro. Mas não o quis. Preferiu ir embora.

Fernando Portela, *in Sete Faces da Bravura*
São Paulo, Moderna





EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Retira do texto passagens, expressões ou palavras que despertem os sentidos do leitor, evocando sensações visuais e auditivas.
- 02) De entre as palavras que se seguem, assinala aquelas que correspondem a características da personagem principal: coragem, ousadia, sangue-frio, sensibilidade, imaginação, solidariedade, emotividade, idealismo e visão de futuro.
- 03) Descreve a onça.
- 04) Justifica o medo de João Mendonça ao observar a orelha do animal.
- 05) Explica o sentido das seguintes frases:
 - a) «O caçador percebeu que tremia incontrolavelmente.» (l. 28).
 - b) «Não tinha coragem de abrir os olhos os olhos; apenas aguardava o ataque da onça.» (l. 31).
- 06) No 9.º parágrafo, o narrador prepara o clímax com imagens sensoriais fortes e contrastantes.
 - a) Quais são as imagens que opõem alvoroço e calma no momento de maior tensão da narrativa?
- 07) Assinala a afirmação que melhor corresponde ao desfecho da narrativa:
 - a) A onça foi-se embora porque achou que o caçador estava morto.
 - b) A onça venceu o duelo, e o reconhecimento desse facto estava expresso no seu ar de vitória.
 - c) A onça chegou, assustou-se com o barulho dos macacos e foi-se embora.
 - d) A onça não pareceu ter reconhecido João Mendonça e resolveu poupá-lo.
- 08) Identifica, no texto, os momentos correspondentes aos seguintes momentos da narrativa:
 - situação inicial;
 - desenvolvimento (peripécias e clímax);
 - desfecho.
- 09) As histórias de aventura são baseadas num desafio: a personagem luta contra perigos e vence ou é vencida.
 - a) Do ponto de vista do desfecho da história, João Mendonça foi o vencido ou o vencedor? Justifica a tua resposta.
- 10) «João Mendonça sentiu um frio percorrer sua espinha...» (l. 25).
 - a) Qual é a comparação implícita na metáfora.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) Classifica as orações sublinhadas nas passagens seguintes:
 - a) «O caçador percebeu que tremia incontrolavelmente.»
 - b) «Estava entregue a essas reflexões quando o inesperado aconteceu...»
 - c) «... viu o bicho tão próximo de seu rosto que podia sentir sua respiração.»
 - d) «... uma das orelhas da onça era defeituosa, como se tivesse sido estraçalhada por um tiro.»

O Velho e o Mar

Não se recordava já de quando começara a falar em voz alta, se andava só. Nos bons tempos, andando sozinho, cantava, e cantara às vezes de noite, quando ficava só, de quarto ao leme, nos veleiros ou na pesca da tartaruga. Provavelmente, principiara a falar sozinho em voz alta, quando o rapaz deixara de o acompanhar.

5 Mas não se lembrava. Quando ele e o rapaz pescavam juntos, em geral falavam só quando era necessário. Falavam de noite, ou quando iam levados pelo temporal, se havia mau tempo. Era considerado uma virtude não falar inutilmente no mar, e o velho sempre assim considerara e respeitava o uso. Mas agora pensava em voz alta muitas vezes, desde que não vinha com ele quem quer que pudesse aborrecer-

10 -se.

– Se os outros me ouvissem falar alto, haviam de julgar que eu estava doido. – disse – Mas, como não estou doido, não me ralo. E os ricos têm nos barcos rádios que lhes falam e lhes dão as notícias do baseball.

15 «Não é a altura de pensar no baseball. É tempo de pensar numa só coisa. Aquela para que nasci. Podia andar um dos grandes à volta deste cardume. O que eu apanhei dos que estão a comer foi um tresmalhado. Mas vão entretidos e depressa. Tudo o que hoje me aparece à superfície vai depressa e para nordeste. Será da hora? Ou algum sinal do tempo que eu não conheça?»

20 Já não via a verdura da costa e apenas os topos das montanhas azuis que pareciam brancas como se tivessem neve, e as nuvens sobre elas, como altas montanhas nevadas. O mar estava muito escuro, e a luz irisava-se nas águas. O sol alto anulava as miríades de pontos de plâncton, e só aos grandes prismas profundos na água azul agora ele vai com as linhas descendo na água que tinha uma milha de profundidade.

25 Os atuns, como os pescadores chamavam a todos os peixes da espécie «tuna», que só distinguiam pelos nomes próprios quando vinham vendê-los ou trocá-los por iscas, os atuns haviam-se sumido. O sol estava quente, e o velho sentia-o no cachaço, como sentia o suor correr-lhe pelas costas abaixo, ao remar.

30 «Podia ir à deriva, pensou, dormir e dar uma volta de linha num dedo de um pé, que me acordava. Mas hoje faz oitenta e cinco dias, e devo pescar como deve ser.»

Nesse preciso instante, observando as linhas, viu uma das canas verdes dobrar-se subitamente.

35 – Sim. – disse – Sim – e embarcou os remos sem tocar no barco. Estendeu a mão para a linha, e segurou-a delicadamente entre o polegar e o indicador da mão direita. Não sentiu nem peso, e segurava muito ao de leve a linha. Novamente veio. Desta vez, um puxão a tentar, nem firme nem pesado, e o velho sabia exactamente o que era. A cem braças, um peixe graúdo estava a comer as sardinhas que cobriam a ponta e o corpo do anzol onde o anzol feito à mão se projectava da cabeça da pequena «tuna».

40 O velho segurava delicadamente a linha, e cuidadosamente, com a mão esquerda, soltou-a da cana. Podia assim deixá-la correr entre os dedos, sem que o peixe sentisse qualquer oposição.

«Este das profundas, é mês de estar no bom tamanho, pensou. Come-as, peixe. Come-as. Faz favor de as comer. Como estão frescas, e tu a seiscentos pés, na treva,
45 nessa água fria. Dá outra volta no escuro e volta a comer nelas.»

Sentiu o ligeiro e delicado puxão, e depois um puxão mais forte, quando a cabeça da sardinha teria custado mais a arrancar do anzol. Depois, mais nada.

– Anda – disse alto o velho. – Dá uma volta. Cheira-as. Pois não são boas? Come nelas, que ainda há a tuna. Tesa e fresca e saborosa. Não te acanhes, peixe. Come.

50 Esperou com a linha entre o polegar e o dedo, observando-a e às outras linhas, porque o peixe podia ascender ou afundar-se mais nas águas. Houve então o mesmo delicado toque.

– Há-de morder – disse o velho, em voz alta. – Deus permita que ele morda.

Não mordera, todavia. Fora-se embora, e o velho nada sentia.

55 – Não pode ter ido. Deus sabe que não pode. Está a dar uma volta.

Talvez já tenha engolido um anzol, e ainda se lembre um pouco.

Sentiu de novo o suave puxão, e ficou feliz.

– Tinha dado a sua volta. Há-de cair.

60 Sentir o puxão ligeiro era uma felicidade, e de repente sentiu algo incrivelmente pesado. Era o peso do peixe, e deu linha, linha, linha, recorrendo às duas pilhas de reserva. Enquanto ela descia, deslizando levemente entre os dedos do velho, ainda sentia o grande peso, embora a pressão do polegar e do dedo fosse quase imperceptível.

– Que peixe! Tem-na de esquelha na boca e vai-se com ela.

65 Há-de dar uma volta e engoli-la. Não dizia isto, por saber que, se se diz uma coisa boa, pode ela não acontecer. É que ele sabia que grande peixe aquele era, e imaginava-o afastando-se na treva, com a «tuna» atravessada na boca. Nesse momento, sentiu que ele parava, mas o peso mantinha-se. O peso aumentou; e largou mais linha. Apertou por instantes o polegar e o dedo, e o peso aumentava e ia para baixo.

70 – Caiu. Deixá-lo comer à vontade.

Permitiu que a linha deslizesse entre os dedos, enquanto com a mão esquerda prendia a ponta das duas pilhas de reserva às reservas da outra linha. Estava preparado. Tinha agora três tambores de quarenta braças, além do que ia desenrolando.

75

– Come mais um bocadinho. Come à vontade.

«Come, de maneira que o bico do anzol se te espete no coração e te mate, pensou. Vem para cima sossegado, que eu meto-te o arpão. Muito bem. Já acabaste? Estiveste à mesa o tempo que quiseste?»

80 – Agora! – exclamou, e deu um puxão a mãos ambas, recuperou uma jarda de linha, tornou a puxar, e outra e outra vez, atirando alternadamente cada braço à corda, com toda a força dos braços e o peso do corpo em alavanca.

85 Nada aconteceu. O peixe continuava a afastar-se devagar, e o velho não conseguia fazê-lo ascender uma polegada. A linha era forte, própria para peixe graúdo, e segurava-a contra as costas, tão tensa que gotículas de água saltavam dela. Depois, a linha principiou a chiar baixinho nas águas, mas continuava a segurá-la, retesando-se contra o banco e deitado contra o sentido da força. O barco começou a vogar lentamente para noroeste.

Ernest Hemingway, *O Velho e o Mar* (trad. Jorge de Sena)
Lisboa, Ed. Livros do Brasil





EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Situa a acção no espaço e no tempo.
- 02) Quem são as personagens desta narrativa?
- 03) Relaciona o hábito do velho de pensar em voz alta com a sua profissão e o espaço onde se move.
- 04) Em que tipo de embarcação se encontrava o pescador? E que métodos de pesca usava?
- 05) O sol quente convidava ao repouso; no entanto, o pescador não se permitiu uns momentos de descanso. Por que razão?
- 06) Mesmo sem o ter visto, o velho pescador sabia que o peixe que mordera o isco era de grande dimensão. Porquê?
- 07) Que sentimentos experimentou o pescador depois de ver uma das canas dobrar-se?
- 08) Como classificas o narrador quanto à presença e à posição na narrativa?
- 09) Como se articulam, no texto, as sequências narrativas?
- 10) Distingue, no texto, momentos correspondentes à narração e à descrição.
- 11) Aponta sinónimos das palavras:
 - **tresmalhado** (l. 16);
 - **irisava-se** (l. 21);
 - **cachaço** (l. 28);
 - **tentear** (l. 36).
- 12) As palavras do velho ora aparecem antecedidas de um travessão, ora entre aspas. Justifica a diferente utilização destes sinais de pontuação.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) «O velho segurava delicadamente a linha...» (l. 40).
 - a) Diz em que voz se encontra a frase e passa-a para a voz contrária.
- 02) Passa para o discurso indirecto o 12.º parágrafo do texto.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Riscos

As caravanas chegavam, sempre animadas e a encher as ruas. Os gritos dos cambuladores, as discussões, as bebedeiras e as macas nas lojas, tudo isso preenchia o tempo de Alexandre, aluno aplicado. O comércio prosperava, cada barco trazia mais colonos para o Bié, Huambo, Benguela. Novas lojas abriam nas casas baixas de adobe caiadas de amarelo. Faziam-se concorrência, sobretudo nas armas mais novas que chegavam da Europa. O pai de Alexandre desesperava porque Sô Queirós não mandava vir os últimos modelos de armas. E agora, brancos e vimballi só queriam dessas. Loja que as tinha atraía as caravanas, que aí deixavam ficar a maior parte da borracha e da cera. Os colonos começavam a equipar-se com os Kropotchés, apenas destinados ao exército. Os vimballi também gostavam de ter dessas, mas a eles só se podia vender as novas armas de caça.

Tinha Alexandre Semedo onze anos, quando começaram a chegar notícias alarmantes. Vinham nos jornais portugueses e com as pessoas que saíam dos barcos: na Europa tornava-se difícil colocar a borracha angolana. Sofria muita concorrência da do Extremo Oriente. Discutiam o assunto nas lojas, nas casas, nas tabernas. Mas as caravanas continuavam a trazer como intermediários dos exportadores que a metiam nos navios.

Até que o primeiro exportador se recusou a comprar ao Sô Lopes. De Lisboa tinham-no avisado que o preço caiu e ameaçava continuar a descer. Ou compro por metade do preço ou nada feito. Sô Lopes não quis baixar o preço e o exportador não comprou o carregamento. Sô Lopes foi a outro exportador e este disse o mesmo. A notícia propagou-se e nesse mesmo dia todos os exportadores exigiam metade do preço. Então os comerciantes acreditaram nos jornais de dois meses antes. Foi o pânico. Todos entravam instintivamente na taberna de Sô Lima, a mais próxima da Alfândega. O centro da cidade moveu-se sub-repticiamente para a zona da Alfândega, onde se decidiam os preços da borracha. Na taberna não tinha lugares nas mesas, muitos estavam de pé. Perseguido o pai, o menino Alexandre Semedo enfiou pela taberna e juntou-se ao barbeiro, sentado perto da parede, a rir para ele.



- 30 – Os exploradores tremem – disse Acácio, esfregando as mãos –, como se não ganhassem bastante, mesmo vendendo à metade do preço! Só que não dá para enriquecer num ano.
- Se isto dura, todos pagam – disse Óscar Semedo.
- Os navios chegavam, trazendo as mercadorias encomendadas. E esperavam pela
- 35 borracha. Dois barcos já tinham carregado a cera e o marfim, só faltava a borracha. Os comandantes ameaçavam ir embora, mesmo com os barcos quase vazios.
- Não vendo a borracha! – disse Sô Queirós, o padrinho de Alexandre. – Que apodreça na loja!
- É um escândalo! – disse o gorducho Sô Lopes, limpando o suor da cara. – A
- 40 metade do preço!
- Mas os comandantes ameaçam ir embora – disse Sô Agripino de Sousa –, pois não podem ficar à espera.
- Que esperem! – disse Sô Queirós – Ou que se vão.
- Olhem – disse Sô Agripino de Sousa –, façam o que quiserem. Mas eu recebi
- 45 duas caravanas seguidas que o meu filho contratou no Bié. Vou aceitar o preço.
- O Agripino pode fazer isso – disse Sô Lopes, suando cada vez mais – porque não compra a borracha ao quimbares, tem as suas próprias caravanas. Mesmo com metade do preço ganha uma fortuna. Mas nós?
- O problema é vosso. Cada um sabe dos seus assuntos. Vou agora mesmo
- 50 despachar a mercadoria...

Pepetela, *Yaka*

Quina, Maria e Narcisa

De madrugada, enquanto Maria ateava a fogueira no lar e chamava os criados que dormiam junto à velha cozinha, agora só utilizada para cozer o pão, Quina escorregou brandamente da beira dos irmãos e saiu para fora. Um recamado de estrelas brilhava ainda sobre o lugar, ouvia-se o estourar abafado das pinhas com
5 que se acendiam as chamas, rebuscando no trasfogueiro e sob a cinza a brasa conservada na véspera. A voz de Narcisa Soquina soava ao lado, muito distinta, apenas separada pelo muro de pedra desligada das cortes. E naquele despertar estremunhado, a aldeia toda parecia fundida num só lar, os apelos e as pragas elevavam-se no ar limpo e gelado, com uma clareza rude e familiar; o rangido
10 dos colchões de palha, o rapar dos socos das soleiras, a água que se despeja de golpe nos charcos lamacentos dos quinteiros, distinguem-se dum vizinho ao outro. Devagarinho, Quina empurrou a porta do quarto. Havia uma cama em desalinho junto à nova arca do bragal, que desde o incêndio não tivera tempo de se refazer e estava ainda quase vazia. Mas o homem não estava. Na obscuridade passou o
15 olhar nos cabides que guardavam as paredes e onde as roupas se empilhavam em corcova. À luz de alvorecer, via contra a vidraça o cimo de meda enleado em cruz aureolada com muitos respingos de palha centeia. No leito havia salpicos escuros e uma nódoa mais espessa sobre a fronha. Mas o homem tinha partido.

Preparava-se Quina para espreitar, levantando a orla da coberta, que arrastava,
20 quando uma mão nodosa e ágil a segurou com força e se pôs a açoitá-la. Gritou desvairada de espanto; e, mesmo quando a mãe lhe falou com voz colérica e fria, não a reconheceu. Gritou tomada de uma loucura de pânico que assustou, por sua vez, Maria.

– Ou! – fez ela, titubeando. – Sou eu, anda lá...

Agustina Bessa-Luís, *A Sibila*
Lisboa, Guimarães Editores





EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Delimita e caracteriza as sequências narrativas do texto, tendo em conta o desenvolvimento da acção.
- 02) Faz a caracterização das personagens, apoiando-te no valor semântico dos verbos e de expressões adverbiais.
- 03) Como classificas o narrador do texto quanto à presença e à ciência? Justifica a tua resposta.
- 04) Encontra sinónimos de:
 - **ateava** (l. 1);
 - **trasfogueiro** (l. 5);
 - **estremunhado** (l. 8);
 - **obscuridade** (l. 14).
- 05) Explica o sentido das seguintes passagens:
 - a) «... a água que se despeja de golpe nos charcos lamacentos dos quinteiros...» (ll. 10-11).
 - b) «... onde as roupas se empilhavam em corcova.» (ll. 15-16).
 - c) «À luz de alvorecer, via contra a vidraça o cimo de meda enleado em cruz aureolada com muitos respingos de palha centeia.» (ll. 16-17).
- 06) Qual é a função de linguagem predominante neste texto?
 - a) Exemplifica-a, transcrevendo uma frase.
- 07) Indica, justificando, o nível de língua utilizado no texto.
- 08) «Preparava-se Quina para espreitar, levantando a orla da coberta, quando...» (ll. 19-20).
 - a) Rescreve o texto a partir deste momento, imaginando uma outra razão para o grande susto de Quina.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) Presta atenção às palavras: **quinteiros**, **refazer**, **nodosa** e **vidraça**.
 - a) Identifica os afixos que as constituem, assim como a sua origem e o seu valor semântico.
 - b) Classifica-as quanto ao processo de formação.
- 02) Classifica sintacticamente as orações do 1.º período do 2.º parágrafo do texto.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

A Viagem

E a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada, num silêncio grande.

Ausente do companheiro, a cachorra Baleia tomou a frente do grupo. Arqueada, as costelas à mostra, corria ofegando, a língua fora da boca. E de quando em quando se detinha, esperando as pessoas, que se retardavam.

- 5 Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça; a fome apertava demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto. Agora, enquanto parava, dirigia as pupilas brilhantes aos objectos familiares, estranhava não ver
- 10 sobre o baú a gaiola pequena onde a ave se equilibrava mal. Fabiano também às vezes sentia a falta dela, mas logo a recordação chegava. Tinha andado a procurar raízes, à toa: o resto de farinha acabara, não se ouvia um berro de rês perdida na catinga. Sinha Vitória, queimando a assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, pensava em acontecimentos antigos que não se relacionavam:
- 15 festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo numa confusão. Despertara-a um grito áspero, vira de perto a realidade e o papagaio, que andava furioso, com os pés apalhetados, numa atitude ridícula. Resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que ele era mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco. E depois
- 20 daquele desastre viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas. O louro aboiava, tangendo um gado inexistente, e latia arremedando a cachorra.

- As manchas dos juazeiros tornaram a aparecer, Fabiano aligeirou o passo, esqueceu a fome, a canseira e os ferimentos. As alpercatas dele estavam gastas nos saltos e a embira tinha aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas. Os
- 25 calcanhares, duros como cascos, gretavam-se e sangravam.

Num cotovelo do caminho avistou-se um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar. A voz saiu-lhe rouca, medonha. Calou-se para não estragar força.

- Deixaram a margem do rio, acompanharam a cerca, subiram uma ladeira,
- 30 chegaram aos juazeiros. Fazia tempo que não viam sombra.

- Sinha Vitória acomodou os filhos, que arriaram como trouxas, cobriu-os com molambos. O menino mais velho, passada a vertigem que o derrubara, encolhido sobre folhas secas, a cabeça encostada a uma raiz, adormecia, acordava. E quando abria os olhos, distinguia vagamente um monte próximo, algumas pedras, um
- 35 carro de bois. A cachorra Baleia foi enroscar-se junto dele.

Estavam no pátio de uma fazenda sem vida. O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono.



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

01) Faz corresponder cada palavra à sua definição:

- catinga • Reunião de gado de uma fazenda nos últimos meses do Inverno.
- embira • Qualquer casca ou cipó usados para amarrar.
- vaquejada • Sertanejo que, sozinho ou em grupo, emigra para outras regiões nacionais, fugindo à seca.
- retirante • Tipo de vegetação do Nordeste brasileiro formada por pequenas árvores, comumente espinhosas, que perdem as folhas durante a longa estação seca.

02) Encontra o sinónimo das palavras: **arqueada** (l. 2), **rês** (l. 12), **ofegando** (l. 3), e **juazeiros** (l. 22).

03) O texto começa no curso de uma viagem. Como é que ela é apresentada?

04) Os viventes são privados de um recurso essencial da condição humana: a fala.

a) Transcreve frases que ilustrem o silêncio em que vivia a família de retirantes.

05) Retira do texto trechos que caracterizem os animais como mais «falantes» do que os homens.

06) Na tua opinião, por que razão tudo é silencioso na catinga?

07) «Arqueada, as costelas à mostra, corria ofegando, a língua fora da boca.» (ll. 2-3).

a) Rescreve, por palavras tuas, a descrição da cachorra Baleia.

08) «Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio.» (l. 5).

Com base na afirmação, explica em que plano o narrador coloca o cachorro e o papagaio.

09) Por que razão morreu o papagaio?

10) Foi Sinha Vitória que resolveu aproveitar o papagaio como alimento.

a) Como justificou ela essa decisão? Porquê?

11) Que relação se pode estabelecer entre Sinha Vitória e a cachorra Baleia?

12) Que comparação o narrador apresenta entre Fabiano e a cachorra Baleia?

13) E o filho mais velho? Em que é que a sua atitude se assemelha à da cachorra Baleia?

14) Na tua opinião, o que distingue as personagens humanas dos animais?

15) Indica os recursos expressivos presentes nas seguintes passagens:

a) «E a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada...» (l. 1).

b) «... dirigia as pupilas brilhantes aos objectos familiares...» (l. 9).

c) «A voz saiu-lhe... medonha.» (l. 27).

d) «... tudo anunciava abandono.» (ll. 37-38).

e) Bem... o meu papagaio, coitado, descansou para sempre.

f) Hoje estou preocupado. Tenho um milhão de problemas para resolver.

g) O pior é que a minha namorada me deixou: ela era como uma manhã de sol na minha vida.

h) Ela era a menina dos meus olhos.

- 16) Sublinha as antíteses presentes nas frases:
- a) As ondas do mar inspiravam beleza e horror.
 - b) O rosto pálido está, agora, vermelho de timidez.
 - c) Adormeço e acordo com aquela suave melodia.
 - d) Ele ria com a tristeza estampada no rosto.
 - e) Como viver feliz se vejo a morte à minha frente?
- 17) Cria frases com base nas antíteses: claro / escuro; beleza / feiura; vida / morte.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) Aponta, no fim do texto, os adjectivos que caracterizam o abandono em que se encontrava a fazenda.
- a) Classifica-os.
- 02) Diz em que voz se encontram as frases:
- «Despertara-a um grito áspero...» (ll. 15-16).
 - «Sinha Vitória acomodou os filhos...» (l. 31).
- a) Rescreve as frases, passando-as para a voz contrária.
- 03) A partir do substantivo **margem**, escreve dois verbos e dois adjectivos.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Kapitia

Um dia aconteceu na aldeia...

Tchombe, o velho Tchombe, pai de Thimbembera que não é já da nossa memória, Tchombe, o velho mais orgulhoso da aldeia da Chibia, dirigia seus passos pelo atalho da Kapunda Grande, porque esse era o caminho da casa de Katumbo, a quem seduzirá na calada noite. Tchombe ia cansado, ia talvez ajojado ao peso da carga do seu crime, porquanto Katumbo, sua seduzida, era também sua sobrinha.

la pelo atalho da Kapunda Grande, por onde seguem todos os caminhos incertos. Aí passando, olhou e viu a pequena figura do solitário erguida na rocha, os olhos obstinando-se nas nuvens rápidas, como aves migradoras, os braços erguidos como presas de Pai Njamba quando ergue a cabeça na sua terrível ameaça. Tchombe viu e praguejou, porque o velho sedutor de Katumbo, como todos os homens da aldeia, temia o pequeno Kapitia, sem ter em conta a sua pequenez, como se teme tudo o que é incompreensível.

E então veio Onhoca, a serpente sábia, a que contém na sua cabeça todos os séculos da sapiência do povo. Veio rasteira e silenciosa como sempre vem, mordeu o pé de Tchombe e disse:

«Encanto!

Por que praguejas contra a terra indefesa de Kapunda Grande?

Por que odeia tu Kapitia, o Solitário, tão solitário como o crime que arrasta na tua sombra?

E todos vós dessa aldeia má.

Por que o temeis, como se temem os espíritos que andam com o vento?

Por que desprezais a sua pequenez?

Cautela agora, ó gente incauta!

O ódio que cultivais cresce e multiplica-se como o mais rico pé de milho que foi lançado nas nossas lavras. E apesar disso eu vos protejo uma vez mais ainda, mesmo quando vos mordo no pé.

Vai, Tchombe do pé mordido, regressa ao teu ninho de vespas e diz aos insectos que vivem contigo que depressa afiem os ferrões, que rápido encham as bolsas de veneno. O inimigo virá num instante mais lento que o virar do vento.

O inimigo virá pelo vosso pobre mel, mas não sairá da Kapunda Grande!»

Henrique Abranches, *Konkhava de Feti*
Lisboa, Caminho (adaptado)



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

01) Atenta nos momentos da narrativa e completa, no teu caderno, o quadro que se segue:

Sequências Narrativas	Limites Textuais	Assunto
Situação inicial	De: A:	
Desenvolvimento	De: A:	
Desfecho	De: A:	

02) 2. Quem são as personagens deste texto?

- De quem é o papel principal?
- Caracteriza a personagem principal.
- Identifica a(s) personagem(ns) secundária(s).
- Quem era Kapitia?
- Por que razão o temiam?

03) Explica, por palavras tuas, as seguintes afirmações:

- «Tchombe ia cansado, ia talvez ajoujado ao peso da carga do seu crime...» (ll. 5-6).
- «... a que contém na sua cabeça todos os séculos da sapiência do povo.» (ll. 14-15).

04) Como classificas o narrador quanto à presença? Justifica.

05) Transcreve duas frases do texto que apresentem figuras de estilo e identifica-as.

06) Aponta sinónimos de:

- ajoujado (l. 5);
- obstinando-se (l. 9);
- incauta (l. 24).

07) Qual é a função de linguagem presente na parte final do texto?

A Confissão de Nhonhoso

Falou com o velho português? Aposto que ele lhe contou sobre daquela vez em que ele estava sentado por baixo do frangipani. Pois me lembro bem dessa tarde. Cheguei à varanda e vi o velho branco adormecido. Suspirei, aliviado: o que ia fazer exigia muita sombra e poucos olhos. Me cheguei no ante do pé, puxei a

5 catana ao alto e desferi o primeiro golpe. A lâmina entrou fundo no suave tronco. Nunca pensei que o branco despertasse. Me enganei. Xidimingo repentinava, esbracejante:

Que estás fazer, caraças de tu!

– Não está ver? Estou cortar essa árvore.

10 – Pára com isso, Nhonhoso da merda, essa árvore é minha.

– Sua? Suca Mulungo, não me chateia.

Nunca tínhamos falado assim. Domingos Mourão, o nosso Xidimingo, se levantou e, aos tropeços, se atirou contra mim. Os dois brigámos, convergindo violências. O branco me solavanqueou, parecia transtornado em juízo de bicho. Mas a

15 luta logo se desgraçou, desvitaminados o pé e o soco. Só os nossos respiros se farfalhavam nos peitos cansados. Os dois nos sacudimos, desafeitos.

– Você sempre quer mandar em mim. Sabe uma coisa: colonialismo já fechou!

– Não quero mandar em ninguém...

20 – Como não quer? Eu nos brancos não confio. Branco é como camaleão, nunca desenrola todo o rabo.

– E vocês, pretos, vocês falam mal dos brancos mas a única coisa que querem é ser como eles...

– Os brancos são como o pipiriri: a gente sabe que comeu porque nos fica a arder a garganta.

25 – A diferença entre mim e você é que, a mim, ficam cabelos no pente enquanto a você ficam pentes no cabelo.

– Cala Xidimingo. Você é um arrota-peidos.

O velho branco riu-se sozinho. Depois, se ocupou em ajeitar o corpo. Lhe doía a garganta como um torcicolo em pescoço de girafa. Ficou um tempo imóvel, olhos

30 semicerrados. Parecia desmaiado.

– Você está respirar, Mourão?

– Ouve Nhonhoso: quer apanhar mais outra vez?

– Você é que apanhou maningue, seu velho branco...

– Deixa-me descansar um bocado e já lhe despacho uma boa murraça.

35 – Para me dar um murro você precisa de descansar um século...

Nos olhamos sérios. De repente, ambos desatámos a rir. Batemos as mãos, chapámos as palmas, em acordo. Aquilo havia sido briga de disputar gafanhoto bicho sem fruto nem carne. Então lhe disse:

– Eh pá, Xidimingo, estou-lhe agradecer bastante.

40 – Porquê?

– Charra! Eu quase ia morrer sem bater um branco.

– Chamas a isto bater? Recebi foi carícias...

– Nada. Lhe arreei umas autênticas porradas.

45 – Nhonhoso, me diz uma coisa, seu velho vagabundo, que motivo você tinha de cortar essa árvore?

Pousei a catana por baixo do banco e expliquei: não havia outra intenção senão ajudar Nãozinha. A pobre já esgotara as ervas de nkakana nas imediações do forte.

– Mas para que é que ela quer tanta nkakana?

– Para puxar o leite, ovivar as mamas.

50 – Leite? A velha tem mais de noventa.

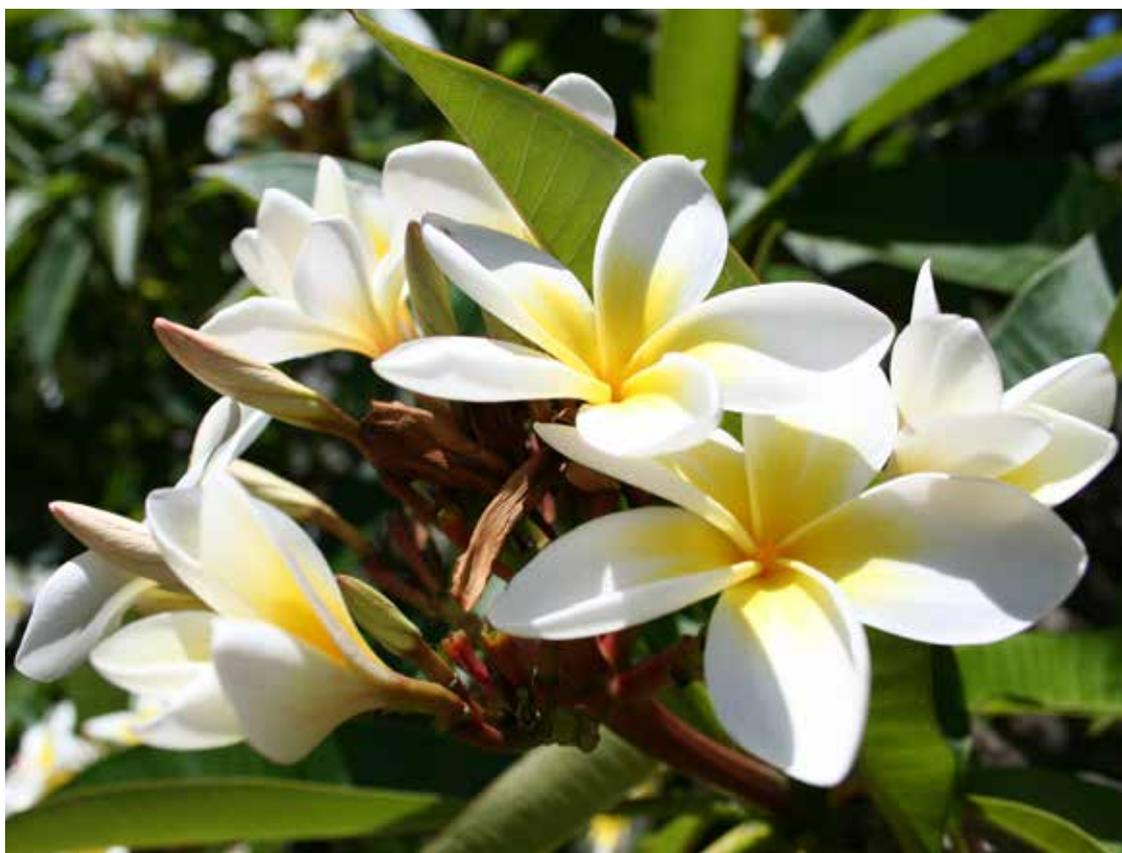
Falávamos de Nãozinha, essa que amamentava filhos de imaginar, meninos abandonados durante a guerra. Eram os netos, dizia. A velha se tinha vertido no centro das falas. Diziam: ela matou o marido para ficar com os filhos e matou os filhos para ficar com os netos. Diziam e dizem. Não sei. Sei que Nãozinha tinha sido
55 expulsa de casa, depois das mortes, acusada de feitiçaria.

Essa velha é doida, Nhonhoso...

– Não sei, Mulungo, não sei. Eu neste mundo já não ponho certeza. Até já me pergunto: o chifre nasce antes do boi?

60 O velho branco se debruçou a apanhar uma flor que tombara da árvore. As flores do frangipani eram alimento para os olhos do português: ele as via cair, como escamas do sol, brancas transpirações das nuvens. (...)

Mia Couto, *A Varanda do Frangipani*



A Triste Sorte de Katumbo

Katumbo era uma rapariga muhumbe alta, forte, lábios grossos, pisar certo, desempenada. Usava grandes missangas nos pés e na cinta; punha tacula e gundi no cabelo e nas vestimentas, untava com óleo de palma o corpo bonito e luzidio. Andava mesmo a pedir casamento...

5 Certo dia, a Katumbo foi buscar água à capira (pequena represa) e encontrou um rapaz chamado Kisse. Alto, forte, desempenado. Gostaram um do outro.

Depois de ter jantado mahini (leite azedo) com batata-doce, sentou-se com os pais à roda do fogo e contou-lhes o que se tinha passado quando tinha ido buscar água. Como o Kisse era filho de um soba próximo, no dia seguinte, logo
10 pela manhã, foram o pai, a mãe e a Katumbo falar com o pai do Kisse, pois este tinha prometido casar com a Katumbo. Os seculos entraram logo num acordo. Breve foi anunciado o casamento da canema com o cacuendje. Chegada a ocasião, prepararam-se abundantes bebidas e mataram várias cabeças de gado. Uma festa de grande animação, com batuque prolongado e muito barulhento. Os pais do
15 Kisse pagaram toda a despesa, e ainda cinco vacas, uma peça de samacaca, uma manta e um garrafão de vinho – tudo isso de alembamento aos pais da noiva.

No quintal do risonho chingue onde ia viver o casal, foi plantada uma bananeira. Quando desse bananas, a canema tinha de ter o seu primeiro filho, assim mandava a tradição. Passaram-se dois, quatro, nove meses. Já a bananeira tinha um cacho
20 maduro e, no chingue, nada de novo. Reunidos os conselheiros para discutirem o problema, propuseram estes ao soba que o prazo se alongasse por nove meses. Passou-se o tempo complementar e... nada. A família de Kisse foi exigir a restituição do alembamento que pagara, mas travou-se forte discussão e o alembamento não foi devolvido.

25 Katumbo, confundida e humilhada, fugiu para outra sanzala. Quando Kisse lhe soube o paradeiro, logo para ali se dirigiu, sabendo então que sua mulher, julgando-se desligada do casamento, visto que Kisse lhe não dera filhos, tinha já outro homem. A sós com ela, procurou convencê-la a regressar. Não o conseguindo, insistiu no dia seguinte, às escondidas do rival. Tudo em vão, e isso pô-lo doente.

30 Uma bela madrugada, após terrível noite em que dormira, pôs-se a caminho da sanzala onde Katumbo morava. Chegou ali já com Sol alto. O silêncio na aldeia só era interrompido de onde em onde pelo cantar de um galo. Aproximou-se da porta e chamou baixinho. O rival fora para a caça e Katumbo iria daí para a lavra. Voltou a chamar baixinho e a porta abriu-se.

35 Precipitou-se para ela, sacou a maconda (punhal) e cravou-a no peito da Katumbo. Nem um grito, nem um gemido, sequer: apenas o gemido cavo de um corpo que caía por terra. Ele nem viu sangue, nem viu Katumbo, nem viu nada, os seus olhos só viram escuridão. Cambaleando, fugiu para longe e, sem saber como, encontrou-se de novo junto à capira, onde pela primeira vez vira Katumbo.

- 40 Firmou-se bem na água. Lá estava a sua amada, tal como era quando se apaixonou por ela. E sentiu que na sua cabeça entrara a tempestade. Quando o vieram prender para que os seculos o julgassem, viu-se que estava doido. E todos lamentaram a triste sorte da bela Katumbo, que iria ser mãe; e a do pobre Kisse, a quem o ciúme roubara a cabeça e o coração.

António Fonseca, *Contribuição ao Estudo da Literatura Oral Angolana*
Luanda, INALD (conto de origem nyaneka-humbi – adaptado)



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Divide o texto em partes lógicas e indica o assunto de cada uma delas.
 - a) Que parte do texto achaste mais interessante? Porquê?
- 02) Faz a descrição física de Kisse e de Katumba.
- 03) Quando se tomou a decisão de prender Kisse? Porquê?
- 04) Como classificas a acção da narrativa quanto à delimitação? Justifica a tua resposta.
- 05) «Aproximou-se da porta e chamou baixinho.» (ll. 32-33).
 - a) Imagina, a partir daqui, um final diferente para a narrativa.

Parábola das Sete Varas

Era uma vez um pai que tinha sete filhos. Quando estava para morrer, chamou-os todos e disse-lhes:

– Filhos, já sei que não vou durar muito; mas, antes de morrer, quero que cada um de vós me vá buscar um vime seco e mo traga aqui.

5 – Eu também? – perguntou o mais pequeno, que só tinha quatro anos. O mais velho tinha vinte e cinco e era um rapaz muito reforçado e o mais valente do bairro.

– Tu também – respondeu ele ao mais pequeno.

Saíram os sete filhos; e daí a pouco tornaram a voltar, trazendo cada um o seu vime seco.

10 O pai pegou no vime que trouxe o filho mais velho e entregou-o ao mais novinho, dizendo-lhe:

– Parte esse vime.

O pequeno partiu o vime e não lhe custou nada a partir. Depois o pai entregou outro ao mesmo filho mais novo e disse-lhe:

15 – Agora parte também esse.

O pequeno partiu-o; e partiu, um a um, todos os outros, que o pai lhe foi entregando, e não lhe custou nada parti-los todos. Partido o último, o pai disse outra vez aos filhos:

– Agora ide buscar outro vime e trazei-mo.

20 Os filhos tornaram a sair e daí a pouco estavam outra vez ao pé do pai, cada um com seu vime.

– Agora dai-mos cá – disse o pai.

E dos vimes todos fez um feixe, atando-os com um vincelho. E voltando-se para o filho mais velho, disse-lhe assim:

25 – Toma este feixe! Parte-o!

O filho empregou quanta força tinha, mas não foi capaz de partir o feixe.

– Não podes? – perguntou ele ao filho.

– Não, meu pai, não posso.

– E algum de vós é capaz de o partir? Experimentai.

30 Nenhum deles foi capaz de o partir, nem dois juntos, nem três, nem todos juntos.

O pai disse-lhes então:

– Meus filhos, o mais pequenino de vós partiu sem lhe custar nada todos os vimes, enquanto os partiu um por um; e o mais velho de vós não pôde parti-los todos juntos; nem vós, todos juntos, fostes capazes de partir o feixe. Pois bem, lembrai-vos disto e do que vos vou dizer: enquanto vós todos estiverdes unidos, como irmãos que sois, ninguém zombará de vós, nem vos fará mal ou vencerá. Mas logo que vos separeis ou reine entre vós a desunião, facilmente sereis vencidos.

35 Acabou de dizer isto e morreu – e os filhos foram muito felizes, porque viveram sempre em boa irmandade, ajudando-se sempre uns aos outros; e, como não houve forças que os desunissem, também nunca houve forças que os vencessem.

40



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Que ensinamento contém este conto popular?
- Indica um provérbio que traduza a mensagem transmitida através desta história.
 - Comenta este ensinamento.
- 02) Justifica o título do conto.
- 03) Delimita e caracteriza as sequências narrativas do texto, tendo em conta o desenvolvimento da acção.
- 04) Como se processa a organização das acções?
- 05) Classifica a acção quanto à delimitação, justificando a tua resposta.
- 06) Indica as modalidades de representação e expressão predominantes na narrativa e apresenta exemplos das mesmas.
- 07) Os provérbios que se seguem também nos dão lições sobre como devemos lidar com os outros.
- Reconstitui-os, estabelecendo a correspondência, e comenta-os.

<ul style="list-style-type: none"> • Não faças aos outros... • Quem não aceita conselhos... • Quem te avisa... • Quem dá aos pobres... • Quem não dá do que gosta... • Quem tem telhados de vidro... • Para chegares aos teus fins... • O que ouvires dos outros... 	<ul style="list-style-type: none"> • ... teu amigo é. • ... não acotoveles ninguém. • ... o que não queres que te façam a ti. • ... escuta de ti. • ... não atira pedras ao do vizinho. • ... não merece ajudas. • ... não recebe do que deseja. • ... empresta a Deus.
---	---
- 08) Escolhe um dos seguintes provérbios e redige um conto popular que o ilustre:
- Depois de casa roubada, trancas à porta.
 - Mais depressa se apanha um mentiroso que um coxo.
 - Não te fies em quem uma vez te enganou.
 - Quem tudo quer tudo perde.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) Aponta, no texto, palavras derivadas por prefixação e palavras derivadas por sufixação.
- 02) Passa para o discurso indirecto o 2.º parágrafo do texto.
- 03) Classifica as seguintes formas verbais: **vá, dai, experimentai, foram, viveram, ajudando, houve, desunissem e vencessem.**

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

O Sonho

Adriano emergiu no primeiro andar da escola e viu logo os amigos, aglomerados defronte da sala de aulas. Adriano tinha o volume dos livros debaixo do braço e a camisa ensopada de suor. Tirou o lenço do bolso e enxugou o rosto, ao mesmo tempo que, de caminho, acenava para alguns colegas espalhados pelo corredor.

5 Lá em baixo, no pátio, alguns estudantes, envergando calções ou fatos de treino, exercitavam-se, antes de mais uma aula de Educação Física. Um quantas viaturas, dentre as quais a do director da escola, encontravam-se ordeiramente estacionadas diante da ala principal do edifício.

– Como é, família, tudo bem? Esse fim-de-semana? – Adriano saudou os amigos, um sorriso aberto na cara, apertando a mão de cada um com firmeza. Perspicaz como era, apercebeu-se logo dum ar de apreensão no rosto dos colegas. Encostou-se também ao muro e dispôs-se a escutar.

– Puxa, estamos lixados – lamentava o Paulo. – Logo agora, no fim do ano lectivo, é que nos vão chamar para engrenar na tropa! Não, eu não vou, aconteça o que acontecer... Não vou participar numa guerra que não ajudei a começar.

– Paulo, nada de precipitações – interveio Abel. – A chamada para a tropa não quer mais significar senão que já deixámos de ser crianças. Chegou a hora de pormos à prova a nossa hombridade.

– A nossa hombridade... Quê!? – Paulo não se conteve em si de tanta exaltação. – Oh, Abel, deixa-te lá disso, pá. A hombridade de um homem mede-se pelo facto de ir ou não à tropa, à guerra? O mais forte, o mais bruto, o mais violento, é mais homem que os outros? É isso, Abel?

– Calma, calma. Vocês não estão a ver o fundo da questão, não percam de vista o objectivo máximo que nos faz ir à tropa: é defender o país, defender as conquistas do nosso povo. O ir à tropa não tem nada a ver com a nossa hombridade, mas sim com o futuro do nosso país, com a defesa do nosso povo... – Essas palavras, ditas por Adriano, impuseram um silêncio carregado de pensamentos, logo quebrado pela voz inflamada de Paulo:

– Deixem de lenga-lenga, pá. A verdade é mesmo só uma: porque é que só os filhos dos pobres vão parar à tropa, vão para as primeiras linhas de combate, ao passo que os filhos «deles» estão bem guardadinhos, a prosseguirem com os estudos à vontade?...

– Mas que raio de guerra é essa que não acaba nunca? – exclamou Luís, o mais alto e magrinho de todos, abrindo a boca pela primeira vez. – Já os nossos bisavós, os nossos avós e os nossos pais, tiveram de a fazer. Será que o destino dos angolanos é mesmo só fazer a guerra, meu Deus?... Será a Paz um bem que nunca nos será dado a desfrutar? Será que os nossos futuros filhos também não terão outra alternativa senão fazer a guerra?... Se nós, os angolanos, num sítio, num lugar, num momento qualquer da nossa história, cometemos algum pecado, por favor, meu Deus, perdoai-nos, nós já sofremos demais, os nossos corpos e as nossas mentes estão cobertos de feridas ardentes! Basta de mortes, basta de sofrimentos!

Novamente o silêncio, agora pungente, estabeleceu-se. Na mente de cada um

dos jovens a guerra perpassava como um fantasma medonho e onnipotente que, finalmente, batera à porta das suas vidas. Ontem ainda crianças, viam-se
45 subitamente promovidos à condição de adultos. A guerra sempre lhes parecera distante, acompanhavam-na através da comunicação social ou dos depoimentos prestados por pessoas regressadas das áreas dos combates (uns euforicamente entusiasmados, fanfarrões na descrição das suas «façanhas», outros física e moralmente mutilados).

50 Então crianças, a guerra surgia-lhes como um jogo ao qual eles não tinham acesso, um jogo de adultos: agora que lhes era permitido entrar nesse jogo, hesitavam.

A sirene tocou, os alunos começaram a dispersar-se e um ar de tranquilidade tomou conta do corredor. Os companheiros entraram logo na sala, mas Adriano permaneceu encostado ao muro baixo. Os mais retardatários caminhavam
55 apressados, os rostos suados. Pedacinhos de papéis e cascas de ginguba arrastavam-se no chão, impulsionadas por uma ligeira brisa que de quando em vez, varria o corredor. Um cheiro forte a urina infestava a atmosfera da escola, mas, de tão habitual, quase ninguém dava por ele.

– Então, não se entra? Se não quiseres podes ficar aí, não tem problema.

60 – Não, professor, eu estava distraído. – Adriano atrapalhou-se diante do professor, o brilho algo romântico dos olhos logo apagado.

– Vamos então, entra – ordenou o mestre, um nada contrafeito. Adriano entrou na sala de aulas e sentou-se na sua carteira de sempre, ao lado da janela de vidros quebrados, o vento fresco e livre do exterior acariciando-lhe as faces.

65 No fim do dia de aulas os quatro amigos desceram as escadas e encaminharam-se para o pequeno mercado no portão principal. Um sol forte banhava todo o quintal da escola e obrigava os alunos a desabotoarem as camisas. As mulheres do mercado sentavam-se em banquinhos ou latas de leite vazias e tinham as cabeças cobertas com panos que atenuavam os efeitos do sol intenso. Tipicamente juvenil,
70 no ambiente sobressaía o colorido dos vestuários e a graciosidade das raparigas, algumas das quais donas de uma elegância de catálogo. O vestir dos rapazes variava desde o bizarro e supostamente vanguardista ao mais convencional. Os quatro compraram ginguba e bombô assado e foram acoitar-se à sombra duma árvore de tronco ressequido. Os carros que passavam na estrada, lá ao longe, davam a
75 impressão de estarem dentro dum aquário, com mil reflexos a ferirem a vista.

– Quem me dera estar agora na praia, acompanhado com uma boa garina! – suspirou Paulo, um pedaço de bombô entre os lábios.

– Sonhos, sonhos, sonhos!... Vocês só passam a vida a sonhar. – disse Adriano, pragmático. – Sabiam que de tanto sonhar um homem ficou maluco? – interrogou,
80 pensando no seu vizinho Asdrúbal, hoje irremediavelmente louco.

– Se não fosse o sonho – contrapôs Luís – hoje não estaríamos aqui, com certeza. Os nossos velhos, antes de irem ter com aquelas que agora são as nossas mães, sonharam. O meu pai, por exemplo, tem dito que só o sonho lhe fez ir ter com a minha mãe, já que naquela altura era grande o desnível entre ambos; a minha

85 mãe era filha dum doutor, o meu pai era filho de analfabetos. Só mesmo o sonho o obrigou a agir, a acreditar que podia conquistar a minha mãe. E conseguiu.

– Francamente, por mais sensibilidade que se tenha, ninguém sonha debaixo dum sol tão quente como o de hoje: até mesmo a imaginação paralisa diante de

90 tanto calor – exclamou Abel. – Vamos embora, mais vale caminhar do que estar parado neste braseiro.

Meteram os restos de ginguba nos bolsos e separaram-se. Luís e Abel foram para a paragem de autocarros; Adriano e Paulo meteram-se a andar mesmo a pé.

Isabel Cori, *Sacudidos pelo Vento*



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Situa a acção no espaço e no tempo, justificando a tua resposta com passagens do texto.
- 02) Identifica as personagens da narrativa.
- 03) Qual a razão da apreensão sentida pelos colegas de Paulo?
- 04) Existem, no grupo de amigos, diferentes opiniões sobre a ida para a tropa. Indica-as.
- 05) Como classificas o narrador quanto à presença?
- 06) Identifica o recurso de estilo presente na passagem: «... uns euforicamente entusiasmados, fanfarrões na descrição das suas “façanhas”, outros física e moralmente mutilados...» (ll. 48-50).



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) Identifica o tipo das seguintes frases do texto:
 - «– Como é família, tudo bem? Esse fim-de-semana?»
 - «Basta de mortes, basta de sofrimentos!»
 - «– Deixem de lenga-lenga, pá.»
 - «Meteram os restos de ginguba nos bolsos e separaram-se.»

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Ngana Samba e os Ma-Kishi

Vou contar uma pequena história. Algumas pessoas construíram suas casas e, quando chegou o Verão, pensaram em queimar a campina. Os homens passavam o tempo a caçar e as mulheres a cavar à procura de ratos do mato. Por fim, todos regressaram a casa e na campina ficou apenas uma rapariga. Enquanto esta cavava,

5 aproximou-se um Di-Kishi, que lhe disse:

– Rapariga, agrada-me muito.

Ao vê-lo, estremeceu de medo, porque sabia que os Ma-Kishi comiam gente. Ele interrogou:

– Como te chamas?

10 – Samba.

– Vamos para casa. Com quem vieste?

A pobre rapariga entoou uma canção: «Na plantação, ao cavar, ao cavar, alguns encontraram dez grilos, eu apanhei só um. Na plantação! Na plantação!»

Di-Kishi, sorrindo, acrescentou:

15 – Gostei muito da tua canção. Agora vamos para casa.

Di-Kishi anunciou aos outros Ma-Kishi:

– Trago uma rapariga que sabe uma linda canção. Desejam ouvi-la?

Ela repetiu: «Na plantação, ao cavar, alguns encontraram dez grilos, eu apanhei um só. Na plantação! Na plantação!»

20 Todos sorriram e aplaudiram. Decorrido algum tempo, os outros Ma-Kishi começaram a persuadir o companheiro:

– Vamos comê-la, senão um dia nos foge.

Di-Kishi retorquiu:

– Não, eu casarei com ela.

25 E construiu-lhe uma casa. Passados alguns anos, já tinham três filhos. Certo dia, os Ma-Kishi reuniram-se e combinaram comer uma das crianças. Ngunda, a primogénita, Kadingue, a do meio, e Papa, a mais nova, ouviram tudo e foram dizer à mãe:

– Eles estão a preparar-se para nos matar.

30 De manhã, a mulher disse:

– Estou doente e não posso trabalhar hoje no campo.

O marido concordou e, despedindo-se, disse:

– Fica em casa e eu voltarei a ver-te quando regressar.

35 Ninguém mais ficara, além dos seus filhos. Embrulhou tudo o que possuía, assim como as sementes, e partiu. Acompanhada pelos dois filhos mais crescidos e com o mais pequeno ao colo, pôs-se a caminho. Os filhos dos Ma-Kishi correm à procura do marido de Samba e comunicam-lhe:

– Samba fugiu.

40 Ele abandonou o trabalho imediatamente e voltou a casa, onde não encontrou a esposa. Foi pela estrada fora e avistou-a ao longe. Ainda tentou chamá-la, cantando repetidas vezes: «Deixa comigo Ngunda e leva Kadingue.» Samba respondeu:

– Ngunda e Kadingue são crianças. Vamos, Papa, Ngunda, Kadingue!

Samba apanhou uma cabaça de painço e apanhou-o cantando: «Apanha! Apanha! Nem um grão deites fora!» Terminada a tarefa, ele começou a cantarolar:

45 «Deixa Ngunda comigo e leva Kadingue.» Samba tornou a responder:

– Ngunda e Kadingue são crianças. Vamos, Papa, Ngunda, Kadingue!

Samba atirou ao chão a outra cabaça de gergelim. Chegando a esse local, o marido apanhou o conteúdo, cantarolando: «Apanha, apanha! Não percas sequer um grão!» Repetiu a cantiga, procurando reaver Ngunda, e escutou a mesma
50 resposta.

Samba utilizou, então, uma cabaça de eleusine. O marido recolheu tudo e, findo o trabalho, voltou a chamá-la. Ela, porém, chegou a um rio muito grande e conseguiu atravessá-lo com as crianças. Quando o Di-Kishi o alcançou, não pôde passar porque ele estava cheio. Samba voltou à casa de onde saíra. Quando a
55 viram todos, exclamaram:

– Samba voltou! Já pensávamos que tivesses morrido.

Interrogada: «Para onde foste?», ela respondeu:

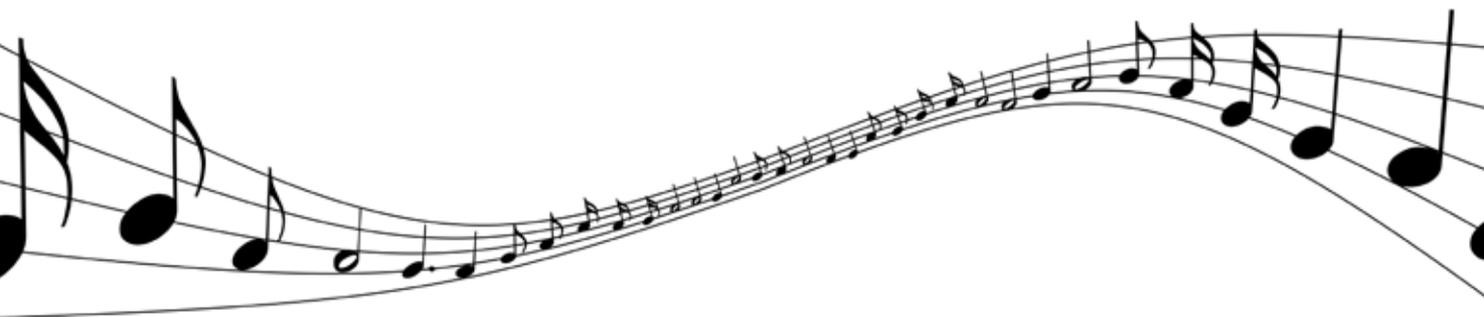
– Um Di-kishi raptou-me. Da sua companhia, trago três filhos: Ngunda, Kadingue e Papa. Agora consegui fugir.

60 Os seus parentes receberam-na com regozijo e em honra dela mataram uma cabra. Quando o Di-Kishi voltou a casa, os outros riram-se dele, dizendo:

– Bem te aconselhámos a comê-la, prevendo a sua fuga no futuro. Não quiseste, agora a tua mulher fugiu com os teus filhos para sempre. Agora que fazer? A história acabou.

Héli Chatelain, *Contos Populares de Angola*
(texto adaptado)





UNIDADE 2

TEXTO DESCRITIVO

O Texto Descritivo

Como sabes, a descrição é uma modalidade de representação que revela as características de uma pessoa, um animal, um objecto ou uma paisagem.

A descrição pode ser **objectiva**, quando são apresentadas características concretas do que é descrito; ou **subjectiva**, se as características resultam das impressões de quem descreve, ou seja, quando os elementos descritos são transfigurados pela emoção daquele que observa.

À descrição pormenorizada dos traços e do carácter de uma pessoa, damos o nome de retrato. Se pretendes fazer um **retrato físico**, deves observar atentamente a pessoa que vais retratar, detendo-te nas várias características do seu rosto, do cabelo, do corpo e da voz. Quando fazes um **retrato psicológico**, deves referir-te aos seus comportamentos e atitudes e às suas emoções predominantes. Poderás, ainda, dar conta das tuas impressões sobre a pessoa retratada, tornando a tua descrição mais impressionista.

Eis um exemplo de um retrato físico e psicológico:

Com longos cabelos negros, olhos azuis e lábios bem delineados, Luísa é aventureira, dona de uma simplicidade incrível, compreensiva e simpática, mas também rebelde e teimosa.

Já fizeste viagens pelo planeta e pudeste ver e contemplar mares, rios, vales, montanhas, cidades, desertos... Se, enquanto «explorador», quisesses transmitir essas experiências, como recurso para outrem visualizar e «saborear» os lugares por ti visitados, utilizarias: a **descrição topográfica**, em que apontarias o relevo, a natureza e a vegetação dos lugares percorridos ou descreverias as aldeias, vilas ou cidades, os edifícios, as ruas, etc.; e a **descrição ambiental**, através da qual darias conta do movimento das pessoas nas ruas, a sua actividade, o anoitecer numa cidade, a paz e a calma ou a intranquilidade que se respira num lugar...

O texto que se segue apresenta uma descrição topográfica e ambiental:

No início do percurso, observam-se frondosos plátanos. Perto da quinta, existem magníficas tílias e, do lado oposto, faias, eucaliptos, ciprestes, azevinho, palmeiras e um sobreiro. Depois da azinhaga, tem-se uma bela vista sobre a serra, salpicada de casas brancas, transmitindo uma grande tranquilidade. Do outro lado do miradouro, vê-se uma terra de pescadores, um cenário pitoresco, emoldurado pela vida simples da comunidade local, e alcança-se toda a costa, com praias banhadas por um mar deliciosamente calmo, límpido e profundamente azul. A região é tranquila, pouco visitada por turistas. Parece um regresso ao passado.

Quando elaboras uma descrição, deves:

- efectuar um primeiro registo da observação, considerando:
 - a impressão geral;
 - os pormenores mais característicos, captados pelos sentidos: formas, cores, brilhos, sons, cheiros...

- dar uma visão ordenada da descrição:
 - seleccionando e ordenando dados recolhidos;
 - partindo da impressão de conjunto para os pormenores ou destes para o aspecto global;
 - seguindo planos de observação (do plano mais próximo para o mais distante ou vice-versa);
 - caracterizando e localizando os elementos seleccionados, recorrendo, para o efeito, aos adjectivos e a expressões circunstanciais (advérbios, locuções adverbiais, preposições e locuções prepositivas);

- construir parágrafos de acordo com a ordem das observações;

- ser cuidadoso na construção de frases;

- utilizar, sobretudo, verbos no imperfeito e no presente do indicativo;

- evitar a repetição de verbos como **haver**, **estar**, **ser** e **ter**, usando outros de sentido equivalente;

- cuidar da expressão, utilizando vocabulário sugestivo e recursos de estilo, como a adjectivação, a metáfora, a comparação, a enumeração e a personificação;

- ter em conta a pontuação, a ortografia e a apresentação gráfica.

Pertinho do Céu

«A serra é generosa. Cansa, desgasta, e dá uma alegria pura a fruir. O chamamento da montanha coberta de neve é irrecusável. O sucesso está na chegada ao cume. E a bem aventurança na sensatez de regressar e contar a aventura.»

Dulce Furtado

É sempre a descer. O mosquetão preso na corda lá nos tenta convencer de que nada há a recear. Mas nem a frieza do aço arrefece o suor morno que parece empapar as luvas. O monte, no coração da Serra da Estrela, abre-se numa larga fissura ovalada, que ganhou o nome de Corredor dos Mercadores. É um imenso
5 escorrega natural de neve compacta. Meio a escorregar, meio a tropeçar no vazio, lançamo-nos numa descida em «rappel» ao longo de 600 metros de comprimento e 400 de desnível.

Quando nos convencemos de que está tudo a correr bem, que até já não falta muito, a corda chega ao fim e fica-se a olhar para os cerca de 200 metros de
10 vertente íngreme que ainda estão por superar. «E agora? Como é que se desce isso?», pergunta-se, já quase com a decisão interiorizada de que «daqui não saio, daqui ninguém me tira». Mas a resposta é lógica e o tom de voz da confiança:

«Um passo de cada vez, sempre com o calcanhar. A ponta do pé não é aqui
15 precisa para nada.»

Pé ante pé, sem pressas. A montanha aprende-se com sensatez.

O maciço granítico do Parque Natural da Serra da Estrela tem um lugar destacado na história da escalada e do alpinismo em Portugal. É uma escola onde se podem aprender as técnicas e as regras de segurança necessárias à progressão em alta
20 montanha. O alpinista ganha engenho e experiência, «e fica capaz de subir a qualquer montanha europeia até três mil metros» (...)

O frio cortante da manhã ficara para trás, enquanto o sol se reflectia no denso manto de neve que cobria as montanhas. Também para trás ficara o nevoeiro cerrado, que, ao olhar para baixo, se assemelha a um mar de ondas pesadas que se arrastam ao encontro da vertentes da serra. Pela estrada das Penhas da Saúde, uns
25 bons quilómetros antes do Centro de Limpeza de Neve, já a neve se acumulava nos bordos da estrada. E lá em cima a serra estava de branco.

«É fantástico...todo esse branco.» Assim é. Um branco total, leitoso, que cega de tanta luz. Incontrolavelmente vemo-nos a concordar repetidamente que a cegueira mais absoluta será, por certo, branca. Uma brancura luminosa e opaca
30 que tolda os olhos, e onde todas as cores se esvaem e o relevo desaparece. Na cova da palma da mão, a neve forma-se em cristais, como pequeninas e redondas contas de vidro. Macia e fria, cede sob os pés. Enterramo-nos até ao joelho, às vezes um pouco mais. A caminhada é difícil e esgotante e é preciso manter regularidade na marcha. Com passos curtos e firmes, o declive da montanha é subido a custo
35 de fôlego de ar arrancados aos resíduos de nicotina da véspera. Não estamos a mais de 800 metros de altitude, por isso seria inútil deitar as culpas ao «mal da montanha». (...)

Há alguém que, com ironia, vai cantarolando «se cá nevasse». Nem a aragem fria da montanha detém o suor provocado pelo esforço. «Às vezes faz um calor tremendo na montanha. O sol reflecte na neve e parece que estamos dentro de um forno. Até dá para andar de ceroulas.» (...) Mas a temperatura também pode descer num ápice e «em menos de 15 minutos ir a graus negativos.»

Mais à frente, regue-se o Cântaro Magro. Um pico escarpado, importante, desafiador, impenetrável por esta ocasião, porque a neve dos últimos dias ainda está mole e não há «crampons» («solas» de pregos) para todos. Sem eles, é impossível alimentar qualquer esperança de chegar ao cume em segurança.

O dia avança sem as horas passarem. Pelo menos assim parece. (...)

As pernas e os braços estão moídos da caminhada, dos esforços exigidos ao longo de 12 quilómetros de neve e rocha. As pausas para montar sistemas de segurança dão origem a um descanso bem-vindo, mas também a um arrefecimento desconfortável no corpo. (...)

in Público, 96-02-07



Descrição do Carnaval

Num mesmo ano, exibiam-se cerca de 50 danças. Para que se exibissem convenientemente, submetiam-se a longos ensaios. Não na via pública, mas em recintos fechados, denominados, durante a função, de «quartéis». Habitualmente, um quintal alugado para o efeito.

5 Aí, em começos de Dezembro, aos sábados à noite e domingos à tarde, estudavam a coreografia e os cantos. Estes, quer em quimbundo, quer em português, quer bilingue.

A fim de se impor pelo ineditismo, cada sociedade empenhava-se em guardar o maior sigilo de suas ideações: cantigas, indumentária, coreografia. Em 10 consequência, eram os ensaios realizados sem a presença de estranhos. Quem se abrisse em inconfidência, era expulso com uma surra. Todavia, espiavam-se umas às outras, no intuito de suplantarem as rivais.

No primeiro domingo de Janeiro, a partir das 14 horas, saíam as danças à rua, percorrendo, até à noite, cerca das 20, os bairros indígenas mais importantes. E 15 nesse dia da semana, até ao desenrolar do Carnaval, assim procediam todas as agremiações. Mas não na plenitude de sua indumentária. As máscaras, sim, já se mostravam em sua fealdade. Na noite de Sábado Gordo, as danças efectuavam o «ensaio geral». Iguamente fora do quartel, nas ruas habituais. Saíam às 19 horas e recolhiam-se às 22. Mas com luzes, muitas luzes, umas de candeeiros de carbureto, 20 outras de archotes. Aspecto deslumbrante!

No domingo, de manhã, desde as 7 às 11, um grupo de sócios, em passeio pelo bairro, exhibia o pendão. No regresso, espetavam-no no chão, em frente à sede, sob a guarda de dois homens.

À tarde, depois das 14 horas, reapareciam todos na máxima força, definitivamente 25 trajados. Então, as mulheres, e mesmo os homens, ostentavam sua profusão de ouro, ao pescoço, nos pulsos, em certos lugares do vestuário. No entanto, à cautela, não surgisse algum atrevido, faziam-se acompanhar de vigias, a quem, ao anoitecer, também à cautela, se confiavam esses objectos de valor. Muita beleza, muita garridice.

30 Obrigatoriamente, a fim de reverenciarem a quianda, ou seja, a sereia, todas as danças rumavam para junto de um embondeiro, dentro de sua área habitacional. Por sucessão de chegada, através de seu dirigente mais categorizado – o comandante – rogavam à divindade bom êxito, durante esse tempo de folia.

– Respeitável – proferia ele –, nós, teus bisnetos e netos, viemos te pedir os 35 pemebles! Assiste-nos em todos os momentos, faz a gente brincar bem esses dias!

Respeitável, não nos abandones! Não queremos zangas, não queremos bulha!

Após esta invocação, não em português, mas em quimbundo, lança, para o chão, 40 uma mistura de várias bebidas, alguns doces e uma moedas. Em remate, todos dançam durante uns minutos.

Dando lugar a outra dança, marchavam para a residência do Governador-Geral. Em sua primeira exibição pela cidade, iam tributar ao supremo magistrado as

homenagens de sua vassalagem. Daí, espalhavam-se pela cidade, às portas das moradias dançavam já.

45 Além dos figurantes masculinos e femininos, dispostos em alas, possuíam as danças, sobretudo as constituídas de volumosos agrupamentos, um rei e uma rainha. Por vezes, a rainha era uma criança. Não obstante sua pomposa indumentária, usavam eles, normalmente, em atributo de distinção, os tais apreciados óculos escuros da vaidade popular.

50 Na retaguarda, fechando o bloco, seguiam os instrumentistas: era o tocador de goma, era o tocador de puíta, era o tocador de dicanza, era o tocador de corneta, a qual, em tempos mais recuados, se constituía, não de uma folha de lata afunilada, mas de uma campânula de gramofone.

Encaixilhando em U, compacta massa de gente, designadamente mulheres e
55 crianças, acompanhava a turma. Tal como os integrantes, também os secundavam em suas cantigas, em seus irresistíveis saracoteios, os familiares, os amigos, os simpatizantes – uns, em serviço de condução de farnéis; outros, compondo o grosso do enxame, em admiração do efeito artístico.

A espaços, sucedia que os instrumentos de percussão – goma e puíta – não
60 soavam vibrantemente. Então, onde quer que se encontrassem, acendia-se uma fogueira, ou com capim, arrancado no próprio local, ou, mais seguramente, com bocados velhos de esteira ou luando, trazidos por um componente. Ao seu calor, em toques vários, afinavam o tambor. Para melhor comodidade, preferiam, para a reparação, a proximidade de uma taberna. Ao menos, emborcando alguns copos
65 de vinho, também afinavam as gargantas.

A mulher descarregava da cabeça uma quinda, no chão a depunha. Utilizando o mesmo poiso, aí se sentava, em cruzamento de pernas. Contente de sua incumbência, transportando a merenda para um brincante, ela retirava a toalhinha de cobertura, destapava uma panelinha, com um garfo picava algumas postas, que
70 depositava num prato.

– Só duas postas, somos só dois. Tira também farinha-musseque. Se queres comer, come também.

Preparado o lastro, um deles propunha:

– Agora, mano, vamos já pôr a viúva.

75 Na tasca, homens e mulheres esvaziavam copázios, de topias, ou, portuguesmente, graçolas, esquentavam o ambiente. Fora, em maior tempestade, estalavam as gargalhadas, os chamamentos, os rufos afinatórios, toda uma barulheira dos mais variados sons. E só depois de uma boa meia hora, outra vez se organizavam, outra vez tomavam sua fantástica marcha.

80 À frente, as mãos em asas, quebrando-se e requebrando-se em largos volteios, ora avançando, ora recuando, agora para a direita, agora para a esquerda, sempre majestoso, sempre importante, vai o comandante, a nobilíssima cabeça do bloco. Pontilhando de notas agudas, apitos vários soavam interminavelmente. Se os participantes exibiam guisos, mormente nas chinelas, suas vibrações, quais

85 castanholadas argentinas, mais encantamento davam ao ambiente. E de mistura, os cantos, o vozeirão dos tambores. Calor, calor gostoso, no ar, nos corações, em toda a parte da cidade.

As representações, isto é, as movimentações em todas as suas fases, eram pagas por quem as solicitasse. Ordinariamente, às portas das casas. Mas o encarregado da cobrança também estendia o peditório à assistência, circulando com uma salva de prata ou com o seu vistoso chapéu. Após a colecta, publicamente contava o dinheiro, expondo-o depois à vista dos companheiros. Mas, para conhecimento do montante, lançava, em brado, este imperioso esclarecimento:

– Estão a ver? São trinta escudos!

95 Embora não dançando, os reis, após a representação, agradeciam à assistência: contornando o bloco artístico, a cabeça iam maneando. Como simples figuras ornamentais, pouco mais faziam. Para sua grandeza e distinção, outrem – o comandante – da condução da caravana se incumbia. Então, como insígnia do mando, não para castigar, mas para evidenciar o atributo de seu cargo, um junco ou chicote ostentava na mão.

Domingo e segunda, recolhiam cerca das 23 horas, continuando a dançar, dentro do quartel. Na terça, contudo, prolongavam-se até ao meio-dia de quarta. Nesse período matinal, já muitos faltando, abriam-se em voz dorida, como que num adeus de separação. Arvorando-se em bandos precatórios, uns poucos segurando um pano ou um chalé, pelas ruas iam pedindo. E condizendo com o esfarrapamento numérico, também seus cantares, também seus dançares. Morria o Carnaval.

Mesmo chovendo, esses farrapos de danças não deixavam de lançar esse tradicional adeus. Adeus, porque a magnificiência, o delírio, haviam atingido o seu fim.

Óscar Ribas, *Izomba* (excerto adaptado)



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) De que ensaios se fala no início do texto?
 - a) Onde e quando se realizam?
- 02) Indica a região etnolinguística que serve de cenário às festas.
- 03) Cita os dias de festa e o itinerário das danças.
- 04) Como é o ritual tradicional feito perante a quianda?
- 05) Descreve a indumentária de um dos grupos.
- 06) Descreve a figura do rei.
- 07) Cita alguns dos instrumentos musicais que acompanham as danças.

Ironia da Riqueza

Com o ponteiro percorrendo o mapa hidrográfico, viajou estático por todas as bacias e estuários do Reino. Percebera então que havia nascido num país que tinha tantos rios como ele veias no corpo. Sozinho, o Reino absorvera um terço das águas da parte austral do continente. Tanta fora a bênção de Deus sobre aquelas

5 terras que pouca água benta restara pró resto. Mas o Senhor, que entrara de visita à Terra que criara pela porta meridional, percorreu-a toda e decidira morar no Norte. Lá acima do Sara. Nunca mais regressou ao Sul. Isto é geoteologia. Pura invenção. Voltemos à hidrografia. Tanta água para um só país!

Saíra da escola quando o Sol olhava prá terra na vertical. À sua frente desfilava um

10 cortejo interminável de mulheres e crianças com baldes vermelhos, azuis, de todas as cores, à cabeça. Mais um dia sem água. O líquido do Lengo e do Lwanza, que cercavam a capital fazendo fronteiras aquáticas, há quinze anos que desconseguia chegar às torneiras de sua casa. A tubagem ganhara ferrugem e o seu velho não se cansava de dizer que no dia em que bombearem água para cá esta casa vai pingar

15 por tudo o que for canto. Só que não estarei aqui para ver!

E muita água mais corria todos os dias pró mar. Água aos repuxos caindo em catadupas boas para alimentar barragens de dar mesmo energia, eléctrica, para iluminar as casas e as mentes. À noite queria estudar pró exame de amanhã e não havia luz. Os candeeiros estavam sem petróleo. Quando o hidrocarboneto

20 aparecesse a mecha já era. No domingo passado, candengues furaram a vedação do porto e desovaram um contentor de velas chinesas. Em cada semáforo muita miudagem a soldar velas. Havia-as para tudo. Os velórios dos mortos de todos os dias estavam repletos de valas cercando as urnas. Os estudantes de medicina também já tinham as suas. As mamãs nas cozinhas e ele também, estudante da

25 secundária.

Com a vela bem acesa mesmo assim não conseguia estudar. A luz, derretendo a cera com o seu calor; tímida a piscar aleatoriamente numa cidade rendida à

30 escuridão do trópico, não contrabalançava o gerador do vizinho, que assassinava o silêncio. Estudo e silêncio são companheiros. Rô-tô-tô-tô-tô, rô-tô-tô-tô-tô, o motor rosnava noite adentro. Mesmo na casa do vizinho, congestionada de luz, a TV estava ligada mas silente. Não dava para ouvir nada, com a barulheira do gerador na sala. E o ruído, invisível, intocável, fugitivo, pulava imediatamente o muro e passava pelas ranhuras das portas irrompendo no quarto onde ele tentava se concentrar.

O Reino estava sentado no Guinness Book. Entrara pela traseira. Do mundo, tinha o maior índice per capita de geradores, candeeiros, velas, baldes, electrobombas e tanques de água nos quintais. Abundavam também as instalações eléctricas

35 piratas, o roubo de travessas dos postes de fornecimento de energia, a pilhagem dos cabos de alta tensão, caminhões-cisterna para água e outras coisas e loisas.

40 Alguns dos novos hábitos eram carapuça própria para o deserto. Vejam só aquele dos canucos a vender saquinhos de água nas praças.

Nos tempos que já lá vão era comum dizer-se que a água era Santa. Não se devia

negar um copo dela a quem à porta batesse e encarecidamente a pedisse. Agora havia a «Bolsa da Água». Venda de acções de água em hasta pública. O saquinho
45 à tanto, o balde à mais tanto e o tamborão à um tantão. Quem dá mais, quem dá mais. E ... vendido! Com o acto morria também a sede de alguém, os legumes já podiam ir prá panela, a roupa encardida pró tanque e o pano-do-chão lamberia os mosaicos até fazer deles espelho. Era a vida que se alimentava.

Ficou triste ao saber na aula matutina de Geografia Física que o país tinha mil
50 e um rios. Que o seu relevo se oferecia à construção de barragens que gerariam giga vátios incalculáveis de corrente eléctrica. Esta daria luminescência à sua e outras casas, à rua e à sapiência de quem tinha que estudar à noite p'ró exame de amanhã. Puxada do rio, podia entrar na cidade por tubos, aos montes e inundar as casas se as torneiras não estivessem fechadas. A torneira da cozinha no seu cubico
55 estava seca quilcarada. Há uma arroba de anos aberta e de lá saíam apenas e cada vez com mais frequência muitas baratas. Os ortópteros trepavam depois o fogão apagado, perdiam a fricção no alumínio das panelas e caíam de cu no arroz. Já não bastava o gato do vizinho que pifava sempre a espada frita que ele esquecia destapada na travessa. Zangado, sentia vontade de reagir como os jovens que um
60 dia a TPR apresentara a saborearem uns gatos assados, regados com cerveja, lá no bairro do famoso embondeiro. Era um manjar exótico, que involuntariamente, naqueles poucos segundos de imagem, transportou prá boca as falanges de muitos expatriados asiáticos.

Quando chegou à escola no dia «D», o exame fora adiado pela greve dos
65 professores. Um espaço se abria para que mestres e educandos, fora das salas, falassem de tudo, menos da matéria do curso. Aproveitou confessar ao teacher as suas reflexões. O docente ficou assombrado com a ginástica mental do seu pupilo e rematou: «Isto é muita filosofia, meu filho.» O miúdo ficou sem entender aquela palavra pesada. Filosofia – pensava. Então, aquele quadro de muitas carências e
70 incoerências era filosofia?! Não estava falando da vida em si mesma?!

Uma vez adulto daria conta de que o que havia de filosofia era apenas o esqueleto da sua dissertação. A carne, essa afigurava-se mais à geografia da miséria.

Roderick Nehone, *Estórias dispersas da vida de um Reino*



Construir

As zonas semi-áridas do sudoeste de Angola, sujeitas não só a reduzidas precipitações pluviométricas anuais, mas também a verdadeiras crises de seca, com anos seguidos de total ausência de chuvas, são habitadas por populações cuja actividade assenta na criação de gado bovino em regime de transumância.

5 A deslocação das populações e dos gados obedece a percursos e calendários perfeitamente fundamentados num inultrapassável conhecimento da geografia e do ofício. Cada clã, ou povo, ou família, utiliza uma área hereditariamente determinada e entendida como bastante à subsistência do núcleo, tendo em conta um rigoroso equilíbrio socio-económico. É esta, aliás, a única garantia de vida no
10 deserto.

Em breve, aliás, – mês de Julho – as manadas começariam a transferir-se para Leste, em demanda dos pastos das encostas da serra e das águas, doces ainda, das pedras. Com elas partiriam os homens.

15 Em Abril choveu bastante, últimas chuvas da estação. Os três primeiros meses de permanência de R na fazenda foram afanosamente preenchidos com a implantação da vedação periférica. Acordava de noite ainda, na barraca de zinco, ouvindo o Calembra às voltas com o fogo para fazer café. Lavava a cara na bacia de esmalte, cá fora, aquecia as mãos no telheiro da cozinha, bebia a zurrupa e arrancava no jipe. Trezentos metros à frente, no acampamento, recolhia os tractoristas e
20 ganhava a savana, antes de o sol nascer, o carro descapotável e o vento a cortar a face. «Tempos de muito trabalho – diz-me o Calembra – ... para comer não tinha hora. Às vezes já fazia dez da noite e eu ficava ainda com o jantar à espera.»

Meses frios, Junho e Julho. As nuvens baixas, sempre, de cacimbo, e a humidade, à tarde, ventosa e agreste, do lado do mar.

25 Vivo hoje aqui e imagino sem grande esforço a emoção de R ao introduzir-se nesta geografia. Um dia bastar-me-á, agora, para percorrer de jipe estes limites. Três meses lhe foram necessários para cumprir o mesmo percurso. Invejo um pouco a aventura que, presumo, tenha sido a surpresa lenta da sucessão destes morros, destas planícies e dambas. Deparo, por vezes, com desvios ao alinhamento
30 topográfico, impostos por gargantas colossais, e fico a pensar nos reconhecimentos indispensáveis à opção das alternativas, à decisão dos novos rumos. É esta, em muitos detalhes, uma geografia marcadamente agreste.

Dia-a-dia, um novo troço conquistado, o som das alavancas martelando a pedra, o camião a despejar os postes, as vozes progredindo pelos platôs. E em três meses
35 estava tudo pronto. De noventa homens passou-se para trinta. R mandou fazer uma casa de capim (três divisões e chuveiro) para fugir ao frio da barraca de zinco. Era Setembro.

A introdução súbita, na fazenda, de milhares de ovelhas vindas do Cuanhama e do Chitato (magnífico negócio para o Quental, que as fanava nos Muchimbas,
40 dez aqui, dez ali, fazia rebanhos de trezentas e as despachava depois de camião, dois dias sem comer e sem beber), acabaria por revelar-se um verdadeiro desastre. Chegavam à fazenda a cair de magras, incapazes, tal o seu estado de fraqueza, de

adaptar-se ao novo meio. «Morriam como salalé na chuva e eu nunca mais pude comer carne de carneiro» – palavras de R – «tanta autópsia fiz para tentar saber de que morriam. Quando a fome aperta vem tudo ao de cima: coração em água, pulmões que rebentam, fígados podres, miolos desfeitos, vermes no estômago e tripas raiadas de sangue.» Quanto à água, à luta pela água... Primeiro a sonda manual, «auto-fuba». Depois a «Steyr's», da África do Sul, máquina de percussão, ao cuidado do velho Milho. O primeiro furo: cinco mil litros-hora no cabeço do acampamento, para raiva e vergonha do Dr. Alegre, da Geominas, em serviço na zona, pelo Reordenamento. Cartas e fotografia aérea, marcava sempre os furos nas mulolas e, mesmo assim, chapéu. Passou um dia pela fazenda, ao meio-dia, bebeu uma cerveja, quase insultou.

– Água num morro? Estão doidos. Como podem vocês admitir que se prospectem veios de água com barbas de baleia? É dinheiro deitado à rua, mas o patrão tem muito. O que me espanta é você, com a sua quarta classe, gastar tempo e feito numa coisa destas.

– Deixe lá. Quando der água mando-lhe uma garrafa dela para juntar ao seu uísque.

– Dito e feito, daí a meia-hora o furo dava água doce, a trinta metros, como previra o Cornelius, que o marcara com barba de baleia e não só, moeda de cobre, também, e um frasquinho com licores amarelados.

– Doze furos em dois anos não é nada mau. Falhámos dois. Mais tarde, quando começámos a furar no Capembaua, dava direito a bandeira, branca e no topo da torre, para ver-se ao longe.

Rui Duarte de Carvalho, *Como Se o Mundo não Tivesse Leste*



De Regresso ao Céu

Nessa noite, enquanto Izidine dormia, eu fui chamado pelo pangolim. Subitamente exilado de meu hospedeiro, voltei ao meu lugar de morto, solitário e fundo. Me demorei uns momentos a transitar a visão. Até que me surgiu o pangolim. O bicho, enrodilhado, parecia dormir.

5 – Dormir, eu? Acordo mais cedo que o céu.

O pangolim se desenredou. E, sem intróitos, me atirou:

– Aceite, Ermelindo. Tudo isto é muito perigoso. O pangolim me queria convencer a voltar definitivamente para o meu buraco. Eu devia deixar o mundo dos vivos e autorizar que me nomeassem de herói.

10 – Fique herói, só lhe chateiam de ano a ano.

Habitar entre os vivos, só podia me trazer maldições. O inchacoso morreu quando queria certificar-se do que estava a ver. Deixe-se aqui, Ermelindo, aceite-se na sua cova. Deixe que eles venham promover-lhe um herói. Mesmo mentira isso lhe aleija? Você faça como o porco-espinho. Não é o espinho que dá tranquilidade ao porco-espinho? E será que o bicho se pica nos próprios espinhos?

15

Eu sentei-me no meu túmulo. Tomei o velho martelo entre as mãos. Com ele golpeei o chão. Não, eu não podia regressar agora. O mundo dos vivos era perigoso? Mas eu já tinha provado essa miragem. Além de tudo, me faltava pouco para chegar ao final dessa peregrinação pelo corpo de Izidine. Não estava o polícia condenado? Não tinha os dois dias descontados?

20

E havia mais, havia qualquer coisa que eu não podia confessar ao pangolim. Era o gosto que me dava ser roçado por existência de mulher. Marta Gimo me trazia a ilusão de voltar ao tempo em que amei uma inautêntica. Na cova eu não tinha acesso a memória. Perdera a capacidade de sonhar. Agora, alojado em corpo de vivente, me lembrava de tudo, eu era omnimnésico. Era como se vivesse de regresso, em viagem de ida e volta. (...)

25

Mia Couto, *A varanda do frangipani*

São Tomé e Príncipe

São Tomé é uma ilha santa – dizem os seus habitantes. Na realidade só pode ser santa, esta ilha.

5 A fome que grassa em África nunca atingiu os 120 mil habitantes do pequeno arquipélago no Golfo da Guiné, e não porque os são-tomenses sejam mais trabalhadores e organizados ou tenham matérias-primas em maior abundância que os restantes países africanos; é porque, de facto, estas ilhas são verdadeiramente santas: a água escorre por todo o lado, a terra é fértil e o peixe salta na água.

10 Os portugueses interessaram-se pelas ilhas logo após a sua descoberta em 1471 por João Santarém e Pêro Escobar e o período de povoamento iniciou-se com a emigração maciça de madeirenses e negros oriundos do território que é actualmente Angola.

A exploração do açúcar foi feita em larga escala até que o Brasil e as suas potencialidades ofuscaram a produção açucareira são-tomense. Iniciou-se então um período de abandono por parte dos colonos portugueses.

15 Viajar em São Tomé é um choque a vários níveis. O primeiro e logo sentido é dado pela beleza. São Tomé é bonita demais, demasiado perto do nosso ideal de ilha de sonho. Tanta beleza, tanto verde, tanto mar às vezes choca. Até porque podia ser perfeita, não fosse a degradação a que se assiste. São Tomé dá-nos a sensação de um mundo em que a flora, o reino vegetal, é incomensuravelmente mais forte que o animal. E isso choca, espanta e é saudável. A fragilidade que se sente no reino animal em contraponto à exuberância do vegetal, tem em terra uma excepção. E várias no mar. Em terra há um predador que dá cartas. O falcão negro é uma ave com um voo incrivelmente elegante, senhor da ilha de São Tomé. Porque no Príncipe os senhores são outros – os papagaios. E aí do falcão que saia da sua ilha e vá dar uma passeata ao Príncipe. Os papagaios juntam-se em bandos e desfazem-no literalmente. É um espectáculo simultaneamente belo e cruel, que nos faz reflectir sobre as capacidades de uma sociedade organizada quando se trata da defesa dos seus interesses.

30 O mar é o único sítio onde os animais são predominantes. E há tanto peixe, de tantas variedades... A água é morna ou não estivéssemos sobre a linha do equador, óptima para os banhos, mas não permite a mesma consistência aos peixes de superfície como as águas mais frias. Por isso o peixe Fundo é tão apreciado na culinária das ilhas.

35 A magia de São Tomé não se limita à natureza e conquistou também os homens. A música e o ritmo são a vertente mais visível do carisma dos são-tomenses. Há-os por todo lado.

40 Cinco ou seis da manhã é uma hora fresquinha para começar um passeio à descoberta das inúmeras roças de cacau e café. Mais tarde, quando o sol sobe no horizonte, o calor associado à humidade, muito elevada, chega a ser sufocante, sobretudo na estação quente e húmida que vai de Outubro a Maio. A «gravana», estação que dura de Junho a Setembro, apesar de ainda quente, é muito mais amena.

Na região equatorial a chuva começa de repente com uma força tal que alaga tudo em cinco minutos. Logo de seguida o sol rompe as nuvens e, em cinco minutos, evapora a bâtega que diluiu. Os 40 graus mantêm-se. O suor nos corpos também. É assim a estação quente que, à custa de muito calor e de elevados níveis de precipitação, dá força e alimento àquela imensa vegetação, que um fotógrafo italiano conseguiu separar em 23 diferentes tons de verde.

Em São Tomé ou no Príncipe é muito difícil escolher uma praia. São todas óptimas. Aconselha-se vivamente andar sempre de fato de banho e mergulhar sempre que o calor aperte. Existem algumas praias que se tornaram famosas: a Pomba, a Melloa, a Lagoa Azul, a Concha, os Tamarinhos ou a praia Banana do Príncipe.

Museu só há um, fica sobre o mar, na fortaleza de S. Sebastião; dos pátios exteriores tem uma visão da cidade e da sua arquitectura colonial. A fruta é um espectáculo: no mercado pode provar sete variedades de banana. Ananás, safú, abacate, manga ou mamão são abundantes. A deliciosa jaca é indiscutivelmente o melhor fruto tropical.

Extractos de **José Nero Correia**, in *Revista Elo*



Anoitecer de Segunda

O asilo era um lugar calmo. O muro alto configurava um quadrilátero de tamanho aproximado ao de um campo de futebol. A casa fora erguida em 1953, de arquitectura bonita e modesta. Logo à entrada, uns quinze metros depois do portão, estava o *hall*. Era ao mesmo tempo sala de visitas e de relaxe dos anciãos.

5 Havia no seu interior umas trinta cadeiras de fita, algumas já sem estas, e seis mesinhas de centro adquiridas segundo a ocasião – duas de madeira e quatro de ferro com cores diferentes. Deviam ter sido doadas por diferentes pessoas. Aprisionado a dois metros de altura, numa armação de ferro com um grande cadeado na portinhola, estava um televisor Panasonic a cores, recentemente
10 oferecido por uma seita religiosa, interessada em monopolizar a extrema-unção dos jarretas.

Da porta traseira desta sala partia um corredor de três metros de largura, cujos mosaicos resistiam com firmeza ao passar dos anos e à negligência dos homens. Depois de caminhados uns oito metros, erguia-se no lado direito o refeitório, onde
15 podiam comer à vontade sessenta pessoas. Tinha duas entradas que davam para o passeio. As mesas, de mogno, chegavam para acolher quatro comensais e estavam dispostas em três filas de cinco. Algumas já não tinham todas as cadeiras. Dos cinco jogos de lâmpadas fluorescentes, apenas um se conservava intacto, iluminando insuficientemente o lugar. Próximo da parede que o separava da cozinha fora
20 concebida uma área para servir e outra para a lavagem da louça. Do lado de lá estava a cozinha. As suas paredes estavam tingidas de preto do fumo do carvão. Necessitavam de uma boa pintura, agora que já podiam cozinhar no fogão a gás, que lhes fora brindado por uma jovem empresa no auge da sua promoção.

Um pouco mais à frente, o corredor cindia-se em duas alas. Ao dobrar-se para
25 a direita estavam vinte e cinco quartos individuais para senhoras. À esquerda, igual quantidade para homens. Exactamente no meio, como que marcando o seu fim, dividindo-o e concluindo a sua progressão em linha recta, estavam as correspondentes casas de banho.

Cada uma tinha cinco sanitas, cinco lavabos e cinco chuveiros. As alas tinham a
30 forma de L: uma vez dobrado à direita ou à esquerda, atravessava-se em linha recta quinze quartos, para depois se curvar para o mesmo lado e em frente. Rivelino vivia no penúltimo quarto da ala esquerda. Até aí chegara a perseguição do animal.

O homem estava encurralado num quarto, disputando com um cão desconhecido a legitimidade da sua posse. Esta situação, neste momento em que o silêncio
35 construía uma espécie de trégua, trouxe-lhe à mente uma cena que lhe fora contada pelo seu falecido pai.

Roderick Nehone, *O Ano do Cão* (excerto adaptado)



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Este texto descritivo apresenta todos os aspectos respeitantes a um determinado local.
 - a) De que local se trata e a quem se destina?
- 02) Que estado de espírito se apossa das pessoas que visitam este local?
 - a) Qual deve ser a postura dos visitantes perante os visitados?
- 03) Que condições físicas encontramos, particularmente, neste local?
 - a) Que impressão geral te causam?
- 04) Encontra sinónimos de:
 - **comensais** (l. 16);
 - **cindia-se** (l. 24);
 - **trégua** (l. 35).
- 05) «Esta situação (...) trouxe-lhe à mente uma cena que lhe fora contada pelo seu falecido pai.» (ll. 34-36).
 - a) Imagina a cena que terá sido contada.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) Aponta, no texto, três verbos num tempo composto e classifica-os.
- 02) Completa as seguintes frases, acrescentando os complementos indicados:
 - a) O Júlio faz revisões. *Quando? Como? Onde? Para quê?*
 - b) A Tonha gosta de passear. *Com quem? Por onde? Quando? Como? Porquê?*

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

A Enchente

Havia uma sombria tristeza na gente da casa grande. Há três dias que ali não se dormia, comia-se às pressas, com o pavor da inundação.

O engenho e a casa de farinha repletos de flagelados. Era a população das margens do rio, arrasada, morta de fome, se não fossem o bacalhau e a farinha seca da fazenda. Conversaram sobre os incidentes da enchente, achando graça até nas peripécias de salvamento. João de Umbelino mentia   vontade, contando pabulagens a que ninguém assistira. Gente esfarrapada, com meninos amarelos e chor es, com mulheres de peitos murchos e homens que ninguém dava nada por eles – mas uma gente com quem se podia contar na certa para o trabalho mais duro e a dedicação mais canina.

Saímos então para ver de perto o que o rio tinha feito. Na parede da estrebaria e nos paus do cercado ficara a marca das  guas. A boca da fornalha parecia um açude; com mais um palmo a casa de purgar teria ido embora. O cercado era um atoleiro por onde os bois iam deixando as marcas dos cascos. Por toda parte um cheiro aborrecido de lama. Os galhos dos marizeiros, todos pendidos para um lado, como se tivessem sido torcidos por uma ventania, e garranchos e ramarias secas por cima deles. O engenho todo estava triste. Só os canoeiros alegres, passando a bom preço de um lado para outro, os aguardenteiros que vinham do contrabando de cachaça de Pernambuco. E para nós era a única coisa a ver: a canoa cheia de ancoretas, e os cavalos, puxados de corda, nadando, e a gritaria obscena do pessoal. O resto, tudo muito triste, e lama por toda a parte.

José Lins do Rego, *Menino de Engenho*
Rio de Janeiro, José Olympio





EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) A que tipo de problema se refere o texto?
a) Apresenta as principais características desta calamidade natural.
- 02) Encontra os sinónimos de: **flagelados** (l. 3), **pabulagens** (l. 7) e **marizeiros** (l. 15).
- 03) Explica o sentido das passagens:
a) «... mas uma gente com quem se podia contar na certa para o trabalho mais duro e a dedicação mais canina.» (ll. 9-10).
b) «... a boca da fornalha parecia um açude...» (ll. 12-13).
- 04) Quem são os canoeiros? O que fazem?
- 05) Faz corresponder cada profissão à sua definição:
- cutileiro
 - Marca as entradas dos actores em cena.
 - pirotécnico
 - Compra e vende livros usados.
 - topógrafo
 - Fabrica ou vende instrumentos cortantes.
 - arrais
 - Trata do cultivo e da conservação das matas.
 - coreógrafo
 - Trata das doenças próprias dos idosos.
 - contra-regra
 - Desenha plantas de terrenos.
 - geriatra
 - Fabrica fogo-de-artifício.
 - alfarrabista
 - Dirige uma embarcação de pesca.
 - silvicultor
 - Compõe danças e bailados.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) Transcreve do texto dois verbos conjugados num tempo composto e classifica-os.
- 02) Encontra, no texto, dois verbos conjugados perifrasticamente.
- 03) «Saímos então para ver de perto o que o rio tinha feito.» (l. 11).
a) Divide e analisa sintacticamente a frase transcrita.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

O Homem

Era um céu alto, sem resposta, cor de frio. O homem levantou a cabeça no gesto de alguém que, tendo ultrapassado um limite, já nada tem para dar e só volta para fora procurando uma resposta. A sua cara escorria sofrimento. Caminhava lentamente, muito lentamente do lado de dentro do passeio, rente ao muro.

5 Caminhava muito direito, como se todo o corpo estivesse erguido na pergunta. Com a cabeça levantada, olhava o céu. Mas o céu eram planícies de silêncio.

Tudo isso se passou num momento e, por isso, eu, que me lembro nitidamente do fato do homem, da sua cara, do seu olhar e dos seus gestos, não consigo rever com clareza o que se passou dentro de mim. Foi como se tivesse ficado vazia olhando

10 o homem.

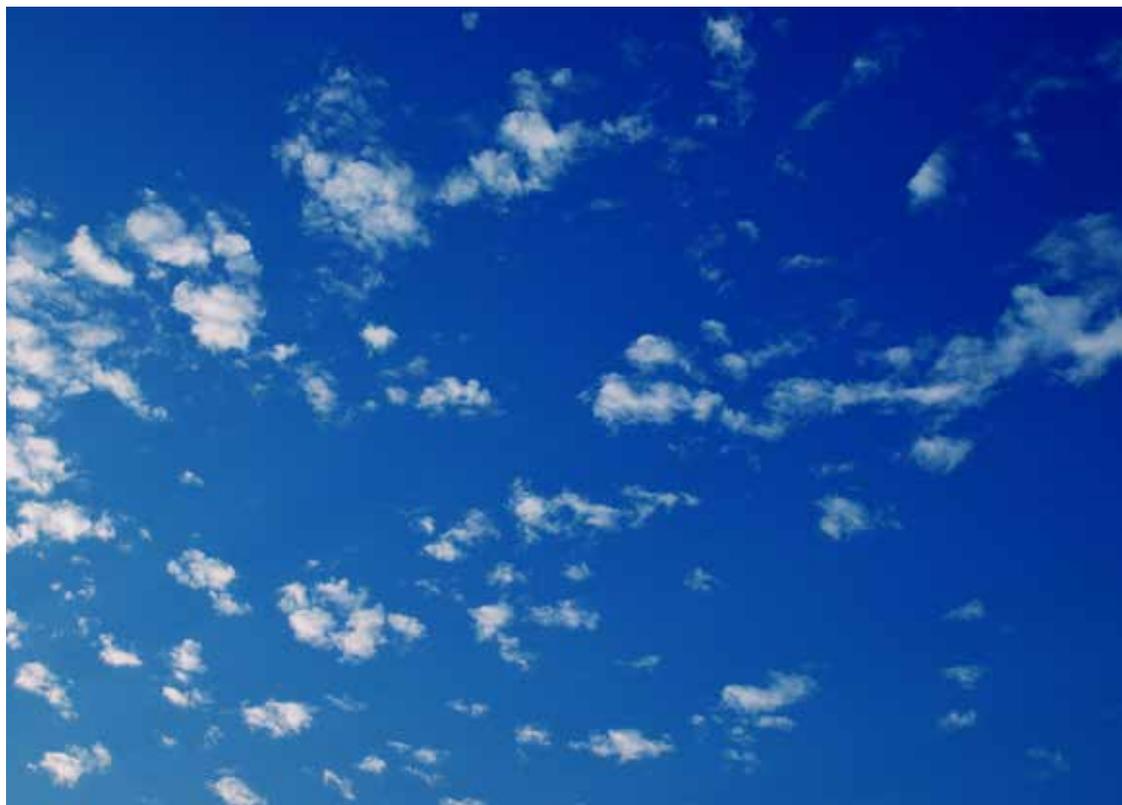
A multidão não parava de passar. Era o centro do centro da cidade. O homem estava sozinho, sozinho. Rios de gente passavam sem o ver.

Só eu tinha parado, mas inutilmente. O homem não me olhava. Quis fazer alguma coisa, mas não sei o quê. Era como se eu tivesse as mãos atadas. Assim, às

15 vezes, nos sonhos queremos agir e não podemos.

O homem caminhava muito devagar. Eu estava parada no meio do passeio, contra o sentido da multidão. Sentia a cidade empurrar-me e separar-me do homem.

Sophia de Mello B. Andresen, *Contos Exemplares*





EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Identifica, no texto, marcas de caracterização física e psicológica.
- 02) Indica algumas das figuras de estilo presentes no texto e refere a sua expressividade.
- 03) Comenta a expressão: «... não consigo rever com clareza o que se passou dentro de mim» (ll. 8-9).
- 04) Imagina que, subitamente, no meio da multidão, surge uma figura insólita.
 - a) Redige um texto em que faças a sua descrição.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) Transcreve do texto, classificando-os:
 - cinco preposições;
 - cinco advérbios;
 - cinco pronomes.
- 02) «O homem estava sozinho, sozinho.» (ll. 11-12).
 - a) Analisa sintáctica e morfológicamente a frase transcrita.
- 03) Indica a função sintáctica das expressões sublinhadas nas frases:
 - a) De manhã estou mais atento.
 - b) O Xico faz tudo às claras.
 - c) Canga, deixa-me ir pela estrada.
 - d) Deixa ir a Chiminha connosco, Santa.
 - e) Muitos figurantes dormiam na rua.
 - f) Um dos intervenientes falou expressivamente.
- 04) Faz a translineação das palavras: **planície, olhando e empurrar-me**.
- 05) Procura, no texto, palavras derivadas por prefixação e palavras derivadas por sufixação.
 - a) Decompõe-nas nos elementos que as constituem.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

O Vento e a Natureza

- Às vezes, no tempo chuvoso, o vento norte atira-se pelas encostas, tombando dos visos da serra, como se uma inteligência vivesse nele, inteligência de maldade e destruição. De noite e de dia, os troncos das árvores torcem-se e gemem, os ramos despedaçam-se a açoutá-los, envoltos nos braços longos e flexíveis da ventania: o
- 5 demónio do Setentrião sibila no meio delas um zumbido entre lamento e escárnio. Debalde, o bosque estende, saudoso, por um momento, os seus mais altos raminhos para o Sol, que se vai levantando a Oriente: a rajada despega de novo da cumeada da montanha, o bosque curva-se para o meio-dia e, galgando por
- 10 cima daquelas mil frentes inclinadas das plantas gigantes, das rainhas majestosas da vegetação, os turbilhões da atmosfera agitada rolam pela planície coberta, já de relva entressachada das primeiras florinhas. Então, relvas e florinhas murcham, esmagadas pelas mãos da porcela, que tudo alcançam, fustigam e desbaratam. Rugindo, a ventania cai da montanha em perene catadupa. Às vezes, como por
- 15 brinco infernal, o vento finge adormecer um instante e, depois, remoinha e apruma os topos das árvores e as corolas das flores, para logo as vergar com mais força e agrupar com o silvo insolente aquela rápida esperança, que se desvaneceu tão breve.

Adaptado





EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Indica a figura de estilo em que se baseia a descrição do vento e da natureza, exemplificando com passagens do texto.
- 02) Redige um texto em que descrevas outras paisagens percorridas pelo vento norte.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) Substitui as seguintes expressões do texto por outras equivalentes, de acordo com o exemplo: tempo de chuva > tempo chuvoso.
 - a) «...inteligência de maldade e destruição...» (ll. 2-3);
 - b) «...turbilhões da atmosfera.» (l. 10).
- 02) «... o bosque estende (...) os seus mais altos raminhos para o Sol, que se vai levantando a Oriente...» (ll. 6-7).
 - a) Separa e classifica as orações que constituem a passagem transcrita.
- 03) Identifica a função sintáctica das seguintes expressões:
 - a) dos visos da serra (l. 2);
 - b) saudoso (l. 6);
 - c) para o meio-dia (l. 8).
- 04) Faz a análise morfológica das seguintes palavras e expressões:
 - **despedaçam-se a açoutá-los** (l. 4);
 - **debalde** (l. 6);
 - **se vai levantando** (l. 7);
 - **primeiras** (l. 11).
- 05) Rescreve as formas verbais, de acordo com as indicações entre parênteses:
 - a) **torcem-se** (1.ª pessoa do plural do futuro imperfeito do conjuntivo);
 - b) **estende** (3.ª pessoa do plural do futuro do indicativo);
 - c) **curva-se** (2.ª pessoa do plural do imperativo);
 - d) **rolam** (3.ª pessoa do plural do pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo).
- 06) Como se denominam, quanto à formação, as palavras: **saudoso**, **meio-dia** e **entressachada**?
- 07) O que entendes por palavras divergentes e palavras convergentes?
 - a) Exemplifica.
- 08) Diz como podes fazer a translineação das seguintes palavras:
 - **meio-dia**;
 - **debalde**;
 - **atmosfera**;
 - **entressachada**.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

A Tempestade

Assim tendo dito, bateu no flanco do monte cavernoso com o coto de lança; e os ventos, como um exército, irrompem por onde acham saída e, em turbilhão, se lançam contra a terra. Ao mesmo tempo, Euro e Noto, e Áfrico, fecundo em tempestades, irrompem sobre o mar, agitam-no desde as profundidades e lançam
5 contra os litorais as grandes ondas. Elevam-se, então, os gritos dos homens e o ranger das enxárcias. As nuvens escondem, de súbito, o céu e a luz do dia aos olhos dos teucros: a negra noite cobre o pélagos. Reboa o céu e o éter se ilumina
10 repentinamente e tudo mostra aos homens a presença da morte. Sem demora, Eneias sente os membros gelados e profere estas palavras, estendendo, súplice, os braços para o céu: «Três e quatro vezes felizes os que encontraram a morte junto de seus pais, sob as altas muralhas de Tróia! Tu, ó mais valoroso da nação grega, filho de Tideu! Porque não tombei nos campos troianos e pereci às tuas mãos, onde jaz o temível Heitor, ferindo pelo descendente de Eaco, onde jaz o grande Sarpédon, onde o Simoente arrasta em suas águas tantos escudos e cascos e corpos
15 de heróis?»

Ainda falava, quando uma rajada ruidosa de Aquilão, vindo de frente, atinge a vela e levanta as ondas para o céu. Quebraram-se os remos; em seguida, vira-se a proa, oferecendo o flanco do navio às vagas; forma-se um alcantilado monte de água. Alguns são levantados no alto das vagas; alguns, quando a onda se abre,
20 entrevêem a terra entre as águas; o fluxo agita furiosamente as areias. Três navios arrastados por Noto são atirados contra rochedos ocultos (rochedos situados no meio das águas, que os italianos chamam de Altares e cujo dorso horrível aflora à superfície do mar), três navios Euro arrasta do alto mar para os baixios e parciais, espectáculo doloroso, e as quebras sobre os cachopos e as cobre de areia. Uma,
25 onde vinham os lícios e o fiel Oronte, é atingida na popa pelo mar furioso diante dos olhos de Eneias; o piloto cambaleia e é precipitado, de cabeça para baixo: três vezes as ondas redemoinham em torno dela e um violento turbilhão a engole.

Virgílio, *Eneida* (Livro 1)





UNIDADE 3

TEXTO POÉTICO/LÍRICO

O Texto Poético/Lírico

Como sabes, na poesia, o «eu» revela o seu mundo interior, os seus sentimentos e as suas emoções, exprimindo a sua visão do mundo e as suas experiências pessoais. Como se reconhece um texto poético?

- É, geralmente, escrito em verso. Cada verso ocupa, tradicionalmente, uma linha e os vários versos agrupam-se em estrofes.
- O ritmo de cada verso resulta do acento e do número de sílabas.
- Os recursos de estilo, a nível sintáctico, semântico e fónico, são muito frequentes, revelando uma grande liberdade criativa.
- Os desvios à norma linguística são frequentes.
- Predomina a conotação e a plurissignificação.

Nem sempre é fácil definir as fronteiras entre a prosa e a poesia, que, por vezes, se interpenetram. Podemos falar, então, de **prosa poética** (prosa que apresenta emoção poética) e de **prosa versificada** (texto que, embora escrito em verso, não apresenta as restantes características da poesia).

NOÇÕES DE VERSIFICAÇÃO

1. Verso

O verso (cada uma das linhas de um poema) encontra-se dividido em **sílabas métricas**, que não coincidem com as sílabas gramaticais. A sua contagem (escansão) é feita até à última sílaba tónica do verso e baseia-se nos sons percebidos pela nossa audição. Por vezes, faz-se a ligação entre a vogal final de uma palavra e a vogal inicial da palavra seguinte (sinalefa).

Consoante o número de sílabas métricas, um verso pode ser: monossílabo (1 sílaba), dissílabo (2 sílabas), trissílabo (3 sílabas), tetrassílabo (4 sílabas), pentassílabo ou redondilha menor (5 sílabas), hexassílabo (6 sílabas), heptassílabo ou redondilha maior (7 sílabas), octossílabo (8 sílabas), eneassílabo (9 sílabas), decassílabo (10 sílabas), hendecassílabo (11 sílabas) e dodecassílabo ou alexandrino (12 sílabas). Os versos com mais de 13 sílabas não têm designação especial.

Quanto à **acentuação**, consideram-se versos: agudos (quando a última palavra é aguda), graves (quando a última palavra é grave) e esdrúxulos (quando a última palavra é esdrúxula).

2. Estrofe

A estrofe é um conjunto de versos separados por um espaço. Consoante o seu número de versos, pode ser: monóstico (1 verso), dístico ou parelha (2 versos), terceto (3 versos), quadra (4 versos), quintilha (5 versos), sextilha (6 versos), sétima (7 versos), oitava (8 versos), nona (9 versos) ou décima (10 versos).

Ao poema constituído por 14 versos, geralmente decassilábicos, distribuídos por duas quadras e dois tercetos, damos o nome de soneto. Este tipo de composição poética foi aperfeiçoado, na Itália, por Petrarca e introduzido na literatura portuguesa por Sá de Miranda. Tradicionalmente, apresenta uma tese (1.ª quadra), uma explanação ou desenvolvimento dessa ideia (2.ª quadra), uma confirmação (1.º terceto) e uma conclusão ou chave de ouro (2.º terceto). Segue o esquema rimático: ABBA – ABBA – CDC – CDC.

3. Rima

A rima (correspondência de sons entre versos a partir da última vogal tônica) pode ser: consoante (quando há total correspondência de sons a partir da última vogal tônica – **memória/história**) ou toante (quando a correspondência de sons só existe na vogal tônica – **alicate/alface**). Classifica-se, ainda, quanto:

- à **riqueza**: rima rica (entre palavras de diferente categoria gramatical – **rua/continua** ou **fria/dia**) e rima pobre (entre palavras da mesma categoria gramatical – **venhas/tenhas** ou **caminhos/moinhos**);
- à **disposição**: emparelhada (os versos rimam dois a dois), interpolada ou intercalada (entre dois versos que rimam, há dois ou mais versos que rimam ou não entre si), cruzada (o 1.º verso rima com o 3.º e o 2.º com o 4.º) e encadeada ou interna (o final de um verso rima com o meio do verso seguinte).

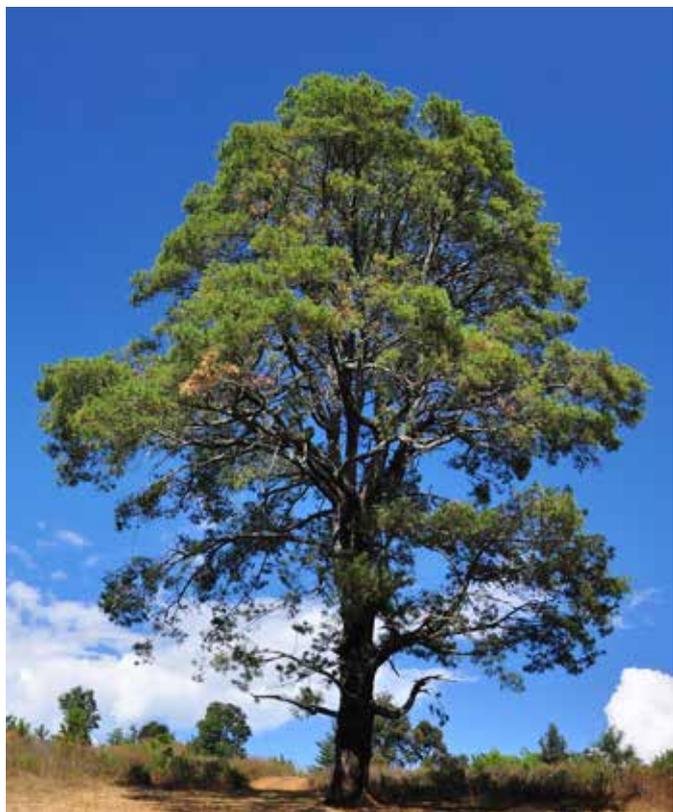
Os versos que têm sempre a mesma rima chamam-se monórrimos. Quando não há rima, falamos de versos brancos ou soltos.

Tudo o que Recusa o Dispêndio da Fala

Eu queria desenhar para ti um poema
Um poema que fosse um estuário oriental
onde pudéssemos estar sozinhos como a ideia vegetal de uma vela
de um junco chinês

- 5 Um poema que fosse como o tronco de uma árvore
onde pudessem as aves azuis da tua voz
Um poema que me dissesse
em quantos ninhos se esconde
o calor da tua alma
- 10 em quantos rios se escoam
a hipótese do nosso encontro
Um poema que andasse
os teus passos de tigre dançando à luz do vento
as tuas ancas de lua em quarto crescente
- 15 a água lisa da noite que dorme no teu ventre
eu queria que esse poema cantasse por si
que ele voasse de mim e desta folha até
ao coração dos teus olhos longilíneos como o rio Kwanza
- e te falasse tudo o que recusa o dispêndio da fala
- 20 nem mesmo este poema jamais pode fazer acontecer.

José Luís Mendonça
Luanda, 27/4/1998



Fala Baixo, Coração

Ela vinha toda mar
Deixava em minha praia
seus vestidos seus perfumes
as algas dos seus pés.

- 5 Foi quando a criança
que mora em mim
ainda saía a passear
pelas ruas então estradas
todas cheias de brinquedos
10 das minhas vãs certezas.

Hoje tudo aquilo já passou
dizem até que ela morreu
vejam só tanta volta
o mundo deu

- 15 Agora o amor
só de velhas fantasias
se traja.

Dessas coisas pequeninas
que mais parecem

- 20 contos de fadas
fala baixo, coração.
Não vá forte tua voz
acordar
o que há muito adormeceu.

Rui Augusto



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) O que recorda o sujeito poético no poema «Fala Baixo, Coração»?
- 02) Como interpretas os versos «Agora o amor / só de velhas fantasias / se traja» (vv. 15-17)?
- 03) Na última estrofe, o sujeito poético formula um pedido ao coração.
- a) Que pedido é esse?
 - b) Por que razão é formulado?

Valsinha

- Um dia ele chegou tão diferente do seu jeito de sempre chegar
olhou-a de um jeito muito mais quente do que sempre costumava olhar
E não maldisse a vida tanto quanto era seu jeito de sempre falar
E nem deixou-a só num canto, pra seu grande espanto convidou-a pra rodar
- 5 Então ela se fez bonita como há muito tempo não queria ousar
Com seu vestido decotado, cheirando a guardado de tanto esperar
Depois os dois deram-se os braços como há muito tempo não se ousava dar
E cheios de ternura e graça foram para a praça e começaram a se abraçar
E ali dançaram tanta dança que a vizinhança toda despertou
- 10 E foi tanta felicidade que toda cidade se iluminou
E foram tantos beijos loucos, tantos gritos roucos como não se ouviam mais
Que o mundo compreendeu
E o dia amanheceu
Em paz.

Chico Buarque da Holanda





EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) «Valsinha» é uma canção de Chico Buarque de Holanda, inspirada no movimento hippie, da década de 70, que defendia o fim das discriminações e da guerra e tinha como lema «paz e amor».
- a) Indica os elementos do texto que aludem a este movimento.
- 02) Que palavras e expressões expressam a ideia de um amor ardente?
- 03) Que expressões do poema nos mostram que o casal tinha uma longa vida em comum?
- 04) Como se traduziu a expectativa da amada diante da nova situação: em termos de dúvida ou numa reacção favorável? Justifica a tua resposta.
- 05) É optimista ou pessimista a visão do mundo que se depreende na Valsinha? Porquê?
- 06) Uma das características da poesia é a repetição dos sons finais das palavras (rima). As palavras que rimam não se situam obrigatoriamente no final do verso: podem aparecer também no meio do verso.
- a) Quais são as rimas dos quatro primeiros versos e onde se situam?
b) Como se designam?
- 07) Repara que os versos começam por ser organizados e longos e se vão tornando mais curtos, à medida que o poema se aproxima do fim.
- a) Relaciona a redução progressiva dos versos com os movimentos e as emoções que eles evocam.
- 08) Apesar da estrutura poética, este texto apresenta uma narrativa. Justifica esta afirmação.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) «E nem deixou-a só num canto, para seu grande espanto convidou-a...» (v. 4).
- a) Divide as orações contidas na passagem transcrita.
b) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.
- 02) Passa para o plural as frases:
- O ex-ministro assistiu ao deita-fora.
 - Ouviu cantar o bem-te-vi.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Soneto ao Mar Africano

Ó grande mar, que banhas estas plagas
africanas, em ti ouço recados
dum mundo ao outro mundo, nos teus brados
de pratos, risos, orações e pragas!

- 5 Na dramática voz das tuas vagas,
escuto os que, nos séculos passados,
choraram nesse canto dos teus fados,
cantaram nesse choro em que te alagas...

- 10 Na tua voz eu ouço o Branco bravo,
que semeou Portugal nestes recantos
africanos, e ainda o Negro escravo

– ao mesmo tempo indómito e servil –
que regou com seu sangue e com seus pratos
a semente fecunda do Brasil!

Geraldo Bessa Victor, *in Antologia do Mar na Poesia Africana de Língua Portuguesa do século XX*





EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Diz o género em que se pode inserir este texto, tendo em conta:
- o esquema da comunicação;
 - as pessoas gramaticais;
 - as funções de linguagem;
 - as noções de denotação/conotação;
 - as noções de objectividade/subjectividade.
- 02) A que mar se refere o poema?
- 03) Explica as referências a Portugal e ao Brasil.
- 04) Os vocábulos «Branco» e «Negro» surgem com letras maiúsculas. Porquê?
- 05) Interpreta as seguintes expressões:
- «recados / dum mundo...» (vv. 2-3);
 - «Na dramática voz das tuas vagas» (v. 5);
 - «que semeou Portugal nestes recantos» (v. 10);
 - «tempo indómito e servil» (v. 12).
- 06) Atenta na estrutura formal do texto.
- a) Quantas quadras tem este poema?
 - b) E quantos tercetos?
 - c) Ao todo, quantos versos são?
 - d) Qual é a estrutura rimática dos mesmos?
 - e) Quantas sílabas métricas tem cada verso?
 - f) Que nome se dá aos poemas com estas características?



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) Analisa sintacticamente a proposição que constitui a 2.ª quadra.
- 02) Divide e classifica as proposições do 1.º terceto do poema.
- 03) Indica as funções sintácticas das expressões: «Ó grande Mar» (v. 1), «teus fados» (v. 7) e «semente fecunda» (v. 14).

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Quando os meus Irmãos Voltarem

Quando a minha mãe vier
e trazer
os meus irmãos
iremos todos viver
5 para a estrada de Catete.

Havemos de construir com as nossas
mãos
uma casita de adobe
bonita,
10 onde caberemos todos.
Será vermelha
toda coberta de capim.

Vai ser fácil amassar
porque o barro já está tinto
15 de tanto, de tanto sangue
há tanto tempo a correr.

Terá também um jardim
com rosas e buganvílias.

Vai ser fácil
20 pois mesmo que a chuva tarde
serão regadas
com as lágrimas caídas
dos olhos de todos nós.

Quando a minha mãe vier
25 e trazer
os meus irmãos
iremos todos viver
para a estrada de Catete.

E jantaremos mufete...
30 E beberemos quissângua
que nos virá do Bié.

E dormiremos na esteira
emabalados pela brisa
que soprará no Musseque.
35 Descansaremos

do longo caminho andado.
Descansaremos
pr'a mais longa caminhada...

Ah! quando a minha mãe vier
40 e trazer os meus irmãos
será pequena a nossa casa bonita
(Que eu tenho milhões de irmãos!)

Quando a minha mãe vier
e trazer
45 os meus irmãos,
iremos varrer
as cinzas dos que partiram à frente,
e cantar,
espalhar
50 a nossa alegria
pelas vertentes das serras,
pelas areias das dambas,
pelos vales,
pelos montes,
55 pela beirinha dos rios
junto às fontes.

Havemos de cantar!...

Ah! Quando a minha mãe vier
e trazer os meus irmãos,
60 arderá uma fogueira
à beira
de cada trilho
e o brilho
de cada estrela
65 será maior...

Mãezinha, ouve o teu filho.

NÃO TARDES, MÃE,
VEM DEPRESSA...

Aires de Almeida Santos

Alegres Campos, Verdes Arvoredos

Alegres campos, verdes arvoredos,
Claras e frescas águas de cristal,
Que em vós os debuxais ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos;

- 5 Silvestres montes, ásperos penedos,
Compostos em concerto desigual:
Sabei que, sem licença de meu mal,
Já não podeis fazer meus olhos ledos.

- 10 E, pois me já não vedes como vistes,
Não me alegrem verduras deleitosas
Nem águas que correndo alegres vêm.

Semeari em vós lembranças tristes,
Renegando-vos com lágrimas saudosas,
E nascerão saudades de meu bem.

Luís de Camões





EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Determina o tema deste poema.
- 02) Que título lhe darias?
- 03) A quem se dirige o sujeito poético? Porquê?
- 04) Que efeito estilístico obtém o poeta ao colocar alguns adjectivos antes dos nomes, nas duas primeiras estrofes?
- 05) Confronta as duas quadras, partindo, sobretudo, dos adjectivos usados.
- 06) Repara que, na 2.ª quadra, surge a repetição dos sons /s/ e /z/.
 - a) Como se designa este recurso de estilo?
 - b) O que poderá sugerir essa repetição?
- 07) «Nem águas que correndo alegres vêm.» (v. 11).
 - a) Identifica os recursos de estilo presentes neste verso e refere-te à sua expressividade.
- 08) Explica o uso simbólico dos verbos do último terceto do poema: **semear**, **regar** e **nascer**.
- 09) Por que razão, neste terceto, o poeta usa um tempo verbal diferente?
- 10) Diz se este é um poema lírico, dramático ou épico. Justifica a tua afirmação, apoiando-te:
 - nas pessoas gramaticais;
 - no esquema da comunicação;
 - nas funções da linguagem;
 - nas noções de objectividade/subjectividade;
 - nas noções de denotação/conotação.
- 11) Faz a análise métrica da 1.ª quadra.
 - a) Como se chamam os versos quanto ao número de sílabas?
 - b) Assinala os casos em que encontre o recurso à sinalefa.
- 12) Faz o esquema rimático do texto.
 - a) Como classificas a rima da 1.ª quadra, quanto à sua distribuição?
- 13) Como se designa este tipo de composição poética? Porquê?



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) «E, pois me já não vedes como vistes, / Não me alegrem verduras deleitosas / Nem águas que correndo alegres vêm.» (vv. 9-11).
 - a) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.
 - b) Substitui «pois» por uma palavra ou expressão sinónima.
- 02) «Sabei que, sem licença de meu mal, / Já não podeis fazer meus olhos ledos.» (vv. 7-8).
 - a) Divide e classifica as orações que constituem os versos transcritos.

Meu Berço Infinito

Ó Angola, meu berço do Infinito
meu rio de aurora,
minha fonte de crepúsculo

Aprendi a angolar

- 5 pelas terras obedientes de Maquela
(onde nasci),
pelas árvores negras de Samba-Cajú,
pelos jardins perdidos de Ndalatandu
10 pelos cajueiros ardentes de Catete,
pelos caminhos sinuosos do Sambizanga,
pelos eucaliptos das Cacilhas.

Angola, meu fragmento de esperança
deixa-me beber nas minhas mãos
a esperança dos teus passos
15 nos caminhos de amanhã
e
na sombra de árvore esplendorosa.

João Maimona, *Traço de união*



Cana'ngana¹

À sombra da palmeira sussurrante
eu gozo as delícias de Capua²,
ouvindo com prazer cantar a ndua³
na múrmura floresta verdejante.

- 5 A brisa perpassando de inconstante
oscula⁴ com meiguice a face tua
desprende-te essa trança e continua
beijando-te esse colo provocante...

- 10 Quem dera minha amada que esta vida
me fosse dado ver sempre envolvida
na luz do teu olhar, bela africana.

Mas quando tento louco dar-te um beijo,
sem nunca saciares meu desejo
tu foges suspirando: – cana'ngana!

Eduardo Neves, *in Almanach de Lembranças Luso-Brasileiras*

¹ Expressão angolana que significa «não senhor».

² Desfruto os prazeres da paixão, do amor. (A palavra correcta é «Cápua», mas, por conveniência de rima, o poeta usa aqui «Capua».)

³ Pássaro semelhante ao papagaio.

⁴ Beija.



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Caracteriza o estado de espírito do sujeito poético, justificando a tua resposta.
a) Que sentimento denuncia o adjectivo «louco» (v. 12)?
- 02) O que sugere a expressão «na luz do teu olhar» (v. 11)?
- 03) Identifica a composição poética.
- 04) Redige um texto em que relates um piquenique que tenhas feito com a família ou amigos.

Regresso

Quando eu voltar
que se alongue, sobre o mar,
o meu canto de Criador... (...)

5 Poder de novo respirar
(ó minha terra!)
aquele odor escaldante
que o húmus vivificante do teu solo encerra...

10 Embriagar uma vez mais
o olhar,
numa alegria selvagem,
que o Sol,
a dardejar calor,
transforma num inferno de cor! (...)

15 Hei-de ver outra vez as casuarinas
a debruar o oceano...
Não mais o agitar fremente
de uma cidade em convulsão,
não mais essa visão
nem o crepitar mordente destes ruídos...

20 Os meus sentidos
anseiam pela paz das noites tropicais,
em que o ar parece mudo
e o silêncio envolve tudo...
Tenho sede...

25 Sede dos crepúsculos africanos
todos os dias iguais,
e sempre belos,
de tons quase irreais...
saudade... tenho saudade
30 do horizonte sem barreiras,
das calemas traiçoeiras
das cheias alucinadas...
Saudade das batucadas que eu nunca via,
mas presentia em cada hora,

35 Soando pelas longas,
noite fora...

Sim! Eu hei-de voltar
Tenho de voltar! não há nada
que me impeça...

40 com que prazer hei-de esquecer
toda esta luta insana,
que em frente
está a terra angolana,
a prometer o mundo
45 a quem regressa!...

Ah! quando eu voltar...
Hão-de as acácias rubras,
a sangrar, numa verbena sem fim,
florir só para mim...

50 E o Sol esplendoroso e quente,
o Sol ardente,
há-de gritar
na apoteose do poente
o meu prazer sem lei...
55 a minha alegria enorme de poder
enfim dizer

«Voltei!...»

Alda Lara

Mensagem

Avante, irmão, demos as mãos
e começemos a nossa jornada
vamos buscar os outros irmãos
que hesitam em dizer sua mensagem

- 5 Vá! Juntemos aos nossos passos
os daqueles que ninguém viu caminhar
a esses, iremos buscá-los aos confins
da solidão onde vegetam e sofrem

- Levemo-lhes a nossa fé
10 o nosso canto moço e ousado
ensinemo-lhes o poema que grita
dentro da alma ardente de cada um de nós.

- Eu e tu, irmão,
dar-lhe-emos um pouco de nós
15 do amor à nossa terra
do orgulho louco de sermos jovens e ambiciosos
Arrastá-los-emos e as suas mãos débeis
ganharão forças para empenhar o nosso estandarte
E a voz atear-se-lhes-á
20 para gritarem o nosso hino.

E quando a turba ignorante
nos arremessar pedras e insultos
redobramos de vigor e esperança
e continuaremos sem parar...

- 25 Haverá judeus
coroas de espinhos e escarros
não faltarão beijos de judas
Virá o Calvário...

- Ó irmão:
30 mas a glória da ressurreição?

Ermelinda Pereira Xavier, *in Mensagem*
Luanda, n.º 1, 1951



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) A quem se dirige o sujeito poético?
- 02) Interpreta a 1.ª quadra deste poema.
- 03) Explica o sentido da penúltima estrofe do texto.
 - a) Qual a figura de estilo aí presente?
- 04) Substitui as seguintes expressões por expressões equivalentes:
 - «vamos buscar os outros irmãos» (v. 3);
 - «onde vegetam» (v. 8);
 - «dentro da alma ardente» (v. 12);
 - «as suas mãos débeis» (v. 17);
 - «de vigor e esperança» (v. 23).
- 05) Justifica o título do poema.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) Classifica morfologicamente as palavras: **Avante, demos, ninguém, dar-lhe-emos, turba e ambiciosos.**
- 02) Transcreve do texto dois adjectivos qualificativos uniformes.
- 03) O que entendes por palavras parónimas? E homógrafas?
 - a) Dá exemplos de cada uma delas.
- 04) Divide as orações da antepenúltima estrofe.
 - a) Qual é o sujeito e o predicado da oração sindética?
 - b) Qual é o predicado da oração subordinada temporal?
 - c) Como se classifica morfologicamente a palavra que a introduz?
- 05) Faz a translineação das palavras: **ambiciosos, Calvário e maior.**
- 06) Classifica os ditongos dos vocábulos: **Deus, não e noite.**
- 07) Rescreve a primeira quadra do texto, passando-a para o discurso indirecto.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Angola

Não nasci do teu ventre
mas amei-te em cada Primavera
Com a exuberância de semente...

5 Não nasci do teu ventre
mas foi em ti que sepultei
as minhas saudades
e sofri as tempestades
de flor transplantada
prematuramente...

10 Não nasci do teu ventre
mas bebi o teu sortilégio
em noites de poesia
transparente...

15 Não nasci do teu ventre
mas foi à tua sombra
que fecundei rebentos novos
e abri os braços
para um destino transcendente...

20 Angola,
não serás terra do meu berço
mas és terra do meu ventre!

Amélia Veiga, *Poemas*, 1963





EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Qual o sentimento dominante desta poesia?
- 02) Explica o sentido da primeira estância.
- 03) Indica a figura de estilo dominante no poema e dá exemplos.
- 04) Interpreta os seguintes versos:
 - «Não nasci do teu ventre» (v. 4);
 - «e sofri as tempestades» (v. 7);
 - «mas bebi o teu sortilégio» (v. 11);
 - «que fecundei rebentos novos» (v. 16).
- 05) Atenta na última estrofe do poema.
 - a) Como a interpretas?
 - b) Indica a figura de estilo presente no primeiro verso.
- 06) Analisa a estrutura formal do texto, referindo-te à divisão das estrofes, à métrica e à rima.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas nas seguintes expressões:
 - a) de flor transplantada;
 - b) terra do meu ventre.
- 02) Aponta, no texto, exemplos de adjectivos uniformes.
- 03) «Não nasci do teu ventre / mas amei-te em cada Primavera...» (vv. 1-2).
 - a) Divide e classifica as orações que constituem os versos.
 - b) Como classificas a palavra que liga as duas orações?
 - c) Substitui «mas» por uma palavra ou expressão sinónima.
 - d) Acrescenta a «ventre» uma expressão que funcione como aposto.
- 04) Analisa sintacticamente as passagens transcritas:
 - a) «Angola, / não serás terra do meu berço» (vv. 19-20);
 - b) «sofri as tempestades / de flor transplantada / prematuramente...» (vv. 7-9);
 - c) «bebi o teu sortilégio / em noites de poesia / transparente...» (vv. 11-13).
- 05) Indica três palavras da família de **flor**.
 - a) Decompõe-nas nos seus elementos constituintes.
 - b) Refere o significado desses elementos.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Nós Iremos, Nós Também

Nós iremos, nós também
nós iremos plantar mangueiras
na Lua...

5 Nós iremos, nós também
Minha Mãe
Com as nossas amarguras
Com os nossos sofrimentos
nossos luto e tristezas
10 Iremos, também
na Lua...

Nós iremos, nós também
Nós iremos plantar mangueiras
na Lua...

15 Nós iremos, nós também
Minha Mãe
Com as nossas alegrias
Com as nossas ambições
Com as nossas madrugadas
20 Com as nossas noites claras
nossas chanas e anharas
nossos rios e montanhas
nossas lagoas e mares
Nós iremos, nós também
plantar mangueiras
25 na Lua...

Nós iremos, nós também
Nós iremos plantar mangueiras
na Lua...

30 Nós iremos, nós também
Minha Mãe
pisando o capim queimado
pisando a areia das praias
atravessando os desertos
caminhando pelas lavras
35 e derrubando florestas
Nós iremos, nós também
plantar mangueiras
na Lua...

Nós iremos, nós iremos
40 Nós iremos, nós iremos...

Nós iremos, Mãe
com o canto dos nossos pássaros
atravessando as senzalas
as plantações de tabaco
45 as plantações de sisal
as plantações de café
comendo amendoim
fuba amassada dos dias
nos anos de sofrimento
50 mandioca deste chão
Nós iremos, Minha Mãe
plantar mangueiras na Lua...

Nós iremos, nós também
plantar mangueiras
55 na Lua...

Nós iremos, nós também
com as cubatas de adobe
com os bairros, os musseques
com o lume das fogueiras
60 com as águas infectadas
das baixas
com a carne palpitante
das palancas de Malange
com os lábios grossos
65 dos africanos que nos servem
com as carapinhas rebeldes
das velhas lavadeiras
com os panos pretos
das velhas carpideiras

70 Nós iremos, nós também
Nós iremos plantar mangueiras
na Lua...

Ernesto Lara Filho, *O canto do matrindinde*

Guerra

São olhos – narizes – braços e pernas – seios e sexos
vidas. Seres humanos.

Para alguns, apenas pedaços de carne
mas é carne que sente. Carne que sofre.

- 5 Corpos que uma bomba reduz a nada
e depois ficam na terra mutilados.
Cheirando a morte.

Eram olhos que viam o sol e a lua.
Azuis? Castanhos?

- 10 Narizes que aspiravam o perfume das matas.
Bocas que beijavam e falavam de amor.
Braços que enlaçavam.
Pernas que caminhavam.
Sexos que davam e recebiam prazer.
- 15 Cérebros e corações que pensavam. Batiam.
E gostavam de viver.

Agora.

São apenas pedaços de carne ensanguentada
que começam a apodrecer

- 20 e vão a enterrar.

Mas era carne que vivia. Corpos que sentiam.
Com sangue – veias – artérias – inteligência – livre arbítrio e opção
transformados em carne de canhão.

É gente como nós que morre na guerra.

- 25 Crianças que não entendem nada de nada.
Jovens. Muitos jovens, na plenitude da vida
(nas guerras, são sempre os jovens que mais sofrem,
justamente aqueles que ainda não viveram).
Homens e mulheres que têm tudo para dar.

- 30 E velhos e doentes.
Gente de carne e osso
milhares de seres humanos
Com olhos – narizes – braços – pernas – seios e sexos.

Há explicações para a guerra?

- 35 Ferir – matar – torturar... Porquê?
Por ambição?
Porque ter raiva e ódio de quem nem se conhece?
Porque semear tristezas e destruição?

Conheço as respostas mas não me dizem nada.

- 40 Democracia – liberdade – honra – dever – patriotismo
são palavras bonitas
mas não justificam transformar seres humanos
em carne de canhão!

Apalpem-se, senhores que fazem a guerra,

- 45 e pensem
é carne igual à vossa. Sensível. Macia.
Carne que tem vida
transformada, por vossa causa, em carne retalhada
membros amputados e chagas sangrando.

- 50 São mortes de corpos irreconhecíveis
uivando!

São milhares de seres humanos
que não sabem sequer porque mataram ou morreram.

Jogados como bichos, numa vala.

- 55 Reduzidos a um número.
A uma saudade.
Ao nada.

Que posso fazer contra a guerra
senão falar – gritar – escrever?

- 60 Que posso eu, que não sou ninguém,
dizer em favor da paz?
Apenas repetir, enquanto tiver forças,
não há carne de canhão
apenas seres humanos!

- 65 Carne que sente. Carne que sofre.
Gente que quer viver
e a guerra leva à morte.

Maria de Lourdes Brandão, *Vivências*





EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Identifica o tema do poema.
- 02) Aponta, no texto, as palavras e expressões relacionadas com o campo semântico da guerra.
- 03) Comenta e justifica as exclamações nos versos 40-43 e 50-51.
- 04) Procura dar um outro título ao poema.
- 05) Repara no verso: «justamente aqueles que ainda não viveram.» (v. 28).
 - a) De quantas sílabas gramaticais se compõe?
 - b) Identifica, igualmente, o número de sílabas métricas.
 - c) Como designas o processo de ligação dos sons em «que ocorre» e «que ainda»?



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) Separa e classifica as orações dos versos 24 e 25.
- 02) Coloca entre parênteses as expressões de realce nas seguintes frases:
 - a) No velho casarão do convento é que era a aula.
 - b) Foi então que reparei em toda aquela rapaziada.

UNIDADE 4

TEXTO INFORMATIVO

O Texto Informativo

No texto informativo, em geral, o objectivo principal é informar, privilegiando-se a eficácia da comunicação. Como tal, este tipo de texto deve revelar:

- coerência;
- clareza;
- objectividade;
- ordenação lógica.

Apresenta uma linguagem denotativa, pois as palavras não podem originar mais do que uma interpretação. A precisão do vocabulário e a exactidão das declarações e dos procedimentos são mais importantes do que o efeito artístico das frases, imprescindível nos textos literários.

Para que o texto seja entendido sem grandes dificuldades, o autor pode recorrer a ilustrações, como fotos, gráficos, mapas, etc.

Exemplo de texto informativo:

O QUE SÃO ALIMENTOS LIOFILIZADOS?

Liofilização é um processo de desidratação dos alimentos por meio da sublimação. Como sabemos, a sublimação é a passagem de uma substância, que se encontra no estado sólido, para o gasoso, sem passar pelo estado líquido.

No processo de liofilização, os alimentos são colocados em câmaras onde a temperatura aumenta, enquanto a pressão diminui. Ao contrário dos outros processos de desidratação, isso faz com que os microcristais de gelo se evaporem sem romper nenhuma estrutura celular. Assim, a água contida nas células do alimento congelado passa directamente do estado sólido para o gasoso. A liofilização conserva as propriedades nutritivas dos alimentos, pois as membranas das células não se rompem. Além dos alimentos, também se podem liofilizar outras substâncias, como o plasma, o soro e extractos vitamínicos.

Daniel Cruz, Ciências & Educação Ambiental
São Paulo, Ática, 1995

Inserem-se neste tipo de texto os vários **textos jornalísticos**, como a notícia, a reportagem, a entrevista e a crónica.

1) NOTÍCIA

É um texto breve, que dá conta de um acontecimento actual, imprevisível ou insólito.

De modo a possibilitar uma leitura rápida, segue uma estrutura tradicional:

- título (e, eventualmente, antetítulo e/ou subtítulo), que deve ser breve e atractivo;
- primeiro parágrafo ou lead, destacado graficamente ou não, que responde, sempre que possível, às questões:
 - quem? (quem é o sujeito da notícia?)
 - o quê? (o que é noticiado?)
 - quando? (quando aconteceu o que é noticiado?)
 - onde? (onde aconteceu o que é noticiado?);
- corpo da notícia, isto é, o desenvolvimento do texto nos parágrafos seguintes, que devem responder às questões:
 - como? (como aconteceu o que é noticiado?)
 - porquê? (por que razão aconteceu o que é noticiado?).

Por apresentar as informações importantes no início (lead), de forma resumida, e, depois, os pormenores (corpo da notícia), de forma desenvolvida, dizemos que a notícia segue a técnica da «pirâmide invertida» – ao contrário do conto, em que os acontecimentos mais importantes (o clímax) são narrados no final do texto.

Além da clareza e da simplicidade, caracteriza-se pelo uso da terceira pessoa e pelo predomínio de substantivos.



2) REPORTAGEM

É um texto longo, que relata acontecimentos de forma pormenorizada, com base em depoimentos reunidos pelo jornalista (repórter), presente no terreno e testemunha directa dos acontecimentos, conferindo aos factos ocorridos vida, cor, relevo e humanidade. Pode ter origem numa notícia cujo acontecimento merece ser desenvolvido e é o mais característico dos textos jornalísticos.

Devido à sua extensão, a reportagem é introduzida por um *lead*, que resume o assunto, e apresenta fotografias que ilustram a informação transmitida (linguagem icónica). Pode, também, apresentar subtítulos que orientam a leitura.

É um discurso feito, predominantemente, na terceira pessoa; embora objectiva e verdadeira, a narração pode ser personalizada, pelo que é possível usar, também, a primeira pessoa. Apresenta depoimentos em discurso directo e indirecto e, apesar do nível de língua corrente, o seu autor revela maiores preocupações estilísticas do que nos outros géneros jornalísticos.

Para preparares uma reportagem, deves:

- planear e organizar a reportagem;
- colher informações pormenorizadas;
- registar as ideias principais e eliminar as que não são importantes;
- redigir a reportagem.

3) ENTREVISTA

Importante base do trabalho jornalístico, este tipo de texto é constituído, sobretudo, por um diálogo que visa dar a conhecer uma pessoa, criando uma impressão de contacto directo entre o leitor e a figura entrevistada. O entrevistador funciona como representante da curiosidade popular junto do entrevistado.

A entrevista obedece à seguinte estrutura:

- introdução, em que é feita a apresentação do entrevistado, do lugar e da razão de ser da entrevista;
- perguntas e respostas, de acordo com o tema escolhido;
- conclusão, em que o jornalista se pronuncia sobre a entrevista e/ou sobre o entrevistado.

Na realização de uma entrevista, deves ter em conta os seguintes procedimentos:

- solicitação da entrevista com antecedência, fazendo o pedido por carta ou telefone (é a pessoa a ser entrevistada que marca o lugar, a hora e a duração da entrevista);
- investigação sobre o assunto da entrevista, documentando-te o mais possível;
- preparação das perguntas com antecedência, tendo em conta o tema e o objectivo da entrevista, mas também de acordo com o entrevistado e com o interesse das perguntas para o leitor;
- ordenação das perguntas, demonstrando uma evolução, com princípio, meio e fim (embora preparado previamente, o guião da entrevista deve ser flexível, para permitir improvisação e, portanto, espontaneidade no decorrer do diálogo);
- condução da entrevista como uma conversa, fazendo anotações se for necessário.

4) CRÓNICA

A crónica ou comentário é um texto breve que apresenta uma informação comentada. Distingue-se dos anteriores géneros jornalísticos pelo seu carácter subjectivo, uma vez que nela o cronista faz uma interpretação pessoal de um assunto do quotidiano.

Surge, geralmente, num espaço fixo do jornal, sendo assinada pelo seu autor. Este revela liberdade de extensão e de estilo, podendo redigir um texto reflexivo, narrativo, lírico, político, irónico, polémico, ligeiro, etc.

Pela exploração do sentido conotativo das palavras e por recorrer a jogos de palavras, a crónica, considerada o soneto dos jornalistas, apresenta uma linguagem próxima da linguagem literária.

Inserem-se, ainda, no texto informativo os seguintes géneros:

1) Cronologia

Listagem de situações ou eventos, de acordo com uma ordem cronológica. É constituída por frases curtas, com verbos no presente do indicativo.

2) Biografia

Narração da vida e obra de uma personalidade, seguindo uma ordem cronológica. É redigida na 3.ª pessoa e apresenta datas, lugares, factos e pessoas importantes na vida dessa personalidade. Ao autor da biografia dá-se o nome de biógrafo.

3) Autobiografia

Relato da vida de um indivíduo realizado por ele próprio. Dado que o relato é feito na primeira pessoa, além do carácter informativo, tem, também, um carácter expressivo.

4) Curriculum Vitae

Expressão latina com que se designa um documento que tem como fim, dar a conhecer os dados mais importantes da vida pessoal e profissional de um indivíduo, das suas actividades e iniciativas, dos seus trabalhos de investigação, etc.

Envia-se às empresas quando estamos interessados em obter emprego; depois da sua análise, somos ou não seleccionados para uma entrevista, a partir da qual poderemos ser admitidos.

Conteúdo do Curriculum Vitae:

- Identificação
 - nome
 - morada
 - local e data de nascimento
 - filiação
 - estado civil
- Formação escolar
 - curso(s) / ano(s) de conclusão / escola(s)
- Formação profissional
 - curso(s) / nível(eis) de formação / centro(s) de formação
- Experiência profissional
 - empresa(s) / categoria profissional / funções exercidas
- Local e data
- Assinatura

5) Acta

Resumo do que ocorreu numa reunião, sobretudo das decisões aí tomadas. É redigida por quem exerceu as funções de secretário(a).

A acta deve indicar:

- a data e o local da reunião;
- quem presidiu e quem esteve presente/ausente;
- a ordem de trabalhos;
- a síntese das principais intervenções e decisões;
- a fórmula de encerramento;
- as assinaturas do presidente e do secretário.

Numa acta, todos os números devem ser escritos por extenso, os espaços em branco devem ser trancados e não pode haver rasuras, nem siglas ou abreviaturas.

A acta obedece, geralmente, ao seguinte modelo:

Acta n.º _____

----- Aos _____ dias do mês de _____, de
 _____, pelas
 _____ horas e _____ minutos, sob a presidência de
 _____, teve lugar a reunião de
 _____ (quem), com a seguinte ordem de trabalhos:

----- Ponto único _____

----- A reunião abriu -----

----- Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a reunião, da qual se lavrou a presente acta, que, depois de lida e aprovada, vai ser assinada pelo presidente e por mim, que a secretariei:

O/A Presidente: _____
 O/A Secretário(a): _____

Culto Dominical Kimbanguista

O Culto Dominical Kimbanguista actualiza em si todo um conjunto de particularidades que prendem a atenção até do observador menos atento. Começa por suscitar interesse, atrair, através do colorido emprestado pelas fardas dos diferentes grupos. Com predominância da cor verde e da cor branca, as diversas fardas e os trajes exibidos pelas mulheres (característicos do Norte de Angola, compostos de uma maneira geral por uma blusa, e dois panos amarrados de um jeito muito especial), a suavidade das cores das fardas imprime ao ambiente um clima de paz quase mágico.

O Culto Dominical desenrola-se num espaço profundamente sacralizado, onde devem ser observadas as restrições ligadas ao espaço sagrado, com semelhanças às do espaço sagrado muçulmano, ou seja, restrição máxima da exposição do corpo, o uso de objectos de adorno, o uso de calçado. O espaço é previamente benzido com água da Fonte Sagrada de Nkamba (R. do Zaire).

O ambiente impregna-se de uma ansiedade quase incontida e a tensão é regularmente desanuviada com a participação da fanfarra.

A leitura de textos bíblicos e a capacidade de articulação do texto lido, com a interpretação e participação activa dos crentes e dos presentes, exigem do orador, geralmente um pastor, qualidades de expressão muito particulares, aliás, atributo fundamental para ascender àquele estatuto.

No Culto Dominical, faz-se sentir a presença das instituições sociais que actualizam toda a estrutura da Igreja. A família, através da apresentação dos recém-nascidos durante o Culto, e a presença obrigatória de pelo menos um dos progenitores.

A religião está, obviamente, presente em todas as manifestações. A escola, com a presença dos grupos de estudantes de estruturas das diferentes zonas e bairros. A economia através da representação da estrutura ligada à produção agrícola, piscícola, criação de gado, o que me proporcionou a constatação do fenómeno social total, a realização do Nsinsani.

Este foi o culminar do «primeiro contacto» de facto com a realidade kimbanguista. Contrariamente ao que era de esperar, em vez de resolver as inquietações que me levaram a estabelecer tal aproximação, a minha curiosidade aumentou e gradualmente fui interiorizando a ideia de ampliar este projecto, consubstanciar o conhecimento teórico e tentar um contacto directo com a Sede da Igreja.

Não foi fácil a concretização desta ideia. Percalços vários foram acontecendo, até que em Julho de 1988, finalmente pude vislumbrar a materialização desta ideia. Desloquei-me à República do Zaire a 15 de Agosto, onde pude realizar o trabalho de campo e a observação directa que o trabalho requeria.

Esperava-me uma recepção apoteótica no aeroporto. Com fanfarra e toda a hospitalidade característica dos Bakongo, desenhou-se um cenário tão grandioso e emocionante, que à partida me fez sentir com ânimo para iniciar o meu trabalho.

Fui apresentada ao Chefe Espiritual da Igreja, Papa Diangienda Kuntima, a quem dei a conhecer a razão da minha visita, estabelecendo-se logo de início um clima

de inteira abertura e confiança. Na noite seguinte, num jipe, percorri os 280 km que me separavam de Nkamba.

45 Nkamba, a terra natal do Profeta Simão Kimbangu, é um lugar sagrado. Lá, embora com algumas falhas, adoptei tanto quanto possível, o comportamento de um elemento do grupo. Estava ali para conhecer uma realidade, inteirar-me da sua essência e posteriormente tentar descrevê-la. Com papel para registar as notas, máquina fotográfica e uma intérprete para apoiar a tradução dos contactos que se estabeleciam em kikongo, procurei com a maior fidelidade inteirar-me do
50 objectivo que ali me tinha levado.

A minha estadia em Nkamba teve início com a apresentação de cumprimentos ao segundo filho do Profeta, Papa Dianlungana Kiangani. Às cinco horas da manhã foi anunciado o despertar, assisti à cerimónia protocolar diariamente dedicada
55 ao Profeta. Esta cerimónia desenrola-se com a presença do corpo de Soldados da Paz, da Fanfarra e de Corais. Seguidamente, fui dirigida para a Fonte Sagrada onde cumpro o ritual do Banho de Purificação. Depois do Banho de Purificação pude visitar o interior do Mausoléu do Profeta, sempre integrada nas cerimónias rituais que hei-de descrever com mais pormenor no capítulo dedicado aos aspectos simbólicos do kimbanguismo.

60 Posteriormente, fiz uma visita a todo o espaço exterior que circunda o Templo, sendo-me explicado com pormenor o significado e a dimensão dos elementos com relevância na história do kimbanguismo.

Depois da visita ao Templo, tive oportunidade de tomar contacto com outros elementos importantes no seio da pessoa que beneficiou do seu primeiro milagre,
65 a casa onde viveu a esposa do Profeta (Mama Mwilu Maria) com os filhos, o cemitério onde se encontra o seu Mausoléu e de todos os sacrificadores que o acompanharam na sua obra. Tendo estabelecido o contacto com todo o espaço sagrado ou sacralizado, pude também visitar a área de trabalho de tipografia e depois a área protocolar.

70 A minha estadia naquele país, caracterizou-se por um alheamento total ao espaço «extra» Igreja, o que me proporcionou um maior contacto com o seu quotidiano, bem como visitar os múltiplos organismos que dela dependem.

Encontrei-me também com o Colégio do Corpo Docente afecto à Faculdade de Teologia Kimbanguista. Neste encontro dei a conhecer o meu projecto e beneficiei
75 grandemente de esclarecimentos que careciam de um parecer mais concordante com a função dos meus interlocutores. Esses esclarecimentos foram preciosos na harmonização das minhas ideias.

Tive também oportunidade de visitar o primeiro Templo Kimbanguista em Kinshasa, o Templo de Matete, visitei o Centro Agrícola de Lutendele, o Hospital
80 de Kimbanseke, os Corais de Bongolo, o Grupo Teatral Kimbanguista, tendo assistido a exposições. Fui convidada a assistir a uma cerimónia matrimonial, ao Culto Dominical em Bandalungua, no qual tive uma participação activa e pude enfim chegar a opiniões conclusivas a respeito das grandes interrogações que me

85 inquietavam há já bastante tempo. Foi um momento empolgante e de uma beleza inexplicável. O fenómeno Kimbanguista estava, todo ele, ali representado. Sentia-me só por isso grandemente compensada no meu empreendimento.

Houve um encontro com o Secretário-Geral da Igreja Kimbanguista, Professor Doutor Luntadila, onde fui informada da forma especulativa como o Kimbanguismo tem sido abordado pelos mais diversos estudiosos, bem como pude considerar o carácter da minha visita uma excepção, pelos factos anteriormente mencionados e que aguardavam pelos resultados com grande expectativa.

95 Para culminar toda esta experiência, foi-me oferecido um jantar protocolar de despedida, acompanhado de cânticos entoados pelo Coral de Angolanos Kimbanguistas residentes no Zaire e pelo Grupo de Guitarristas, o que me deixou sem palavras e completamente maravilhada.

A Cultura, a História, o contacto directo com o objecto de estudo e especificamente «Os Aspectos Simbólicos na Religião Kimbanguista» estritamente ligados a estas variantes: Cultura/História, ajudaram-me a encontrar grande parte das respostas para as minhas interrogações.

Ana Maria de Oliveira, *Elementos Simbólicos do Kimbanguismo*

A Dançar é que Vamos

A dança, essa arte milenar e universal que consiste em movimentar o corpo cadenciadamente, de forma a transmitir mensagens, sejam elas de alegria ou de tristeza ou simplesmente a canalizar o stress do dia-a-dia, é uma das grandes paixões da juventude e uma das vertentes a não negligenciar, da formação cultural das pessoas.

Como se tem dito, Angola, do ponto de vista de dança, é de uma riqueza multifacetada e inesgotável. Cada uma das regiões e grupo étnico que compõem o mosaico nacional é detentora de toda uma variedade de estilos de dança, conforme se pode verificar, mais de uma vez, de modo inquestionável, durante os desfiles centrais das edições do Carnaval.

A própria criatividade da juventude, a cada ano que passa, inventa novas formas de dançar, de mexer harmoniosamente o corpo. É que, independentemente dos contratempos do quotidiano, é imperativo «ficar bem disposto». A boa disposição, o encarar a vida com espírito aberto e alegre, é uma mais valia na luta constante e imparável pela afirmação pessoal, parecem dizer-nos os jovens que estão por detrás de todo esse movimento de criação de novos estilos de dança.

O repertório das danças nacionais tem como registos mais recentes os estilos «gato preto», «capreco», «cu duro» e outros, uns de duração mais efémera que outros, tudo ao sabor das contingências da moda.

Detentores de uma bagagem de conhecimentos proporcionada pela sua formação académica em instituições especializadas de Cuba, um grupo de profissionais desenvolve actualmente um trabalho paciente e desinteressado de formação de jovens. Trata-se dos professores Nelson Pereira Augusto e Sakaneno João de Deus. O seu projecto comum é «dar novos conhecimentos a bailarinos e instrutores de diversos grupos de dança, de modo a que eles tenham uma imagem de como dirigir e orientar um grupo».

Não obstante a maioria das pessoas saber minimamente dançar, acrescenta o professor, «elas não têm conhecimentos científicos sobre essa arte. Assim sendo, a nós, formadores, interessando-nos que a dança siga uma linha correcta, queremos inculcar neles os melhores métodos de trabalho, para que não se limitem à mera curiosidade».

Apadrinhados pela empresa Ngolarte, que lhes cedeu o espaço de trabalho, eles ministram presentemente formação a 22 jovens, homens e mulheres, cada um dos quais mais entusiasmado que o outro. O programa formativo, que tem a duração de seis meses, para os instrutores de grupos, e de dois anos para os bailarinos, consiste em aulas teóricas de dança moderna, de técnicas de folclore e de danças folclóricas internacionais.

Para além do projecto comum, ambos os professores estão vinculados à Companhia de Dança Contemporânea, que tem um centro de formação para intérpretes e bailarinos, na qualidade de instrutores.

Na opinião de Nelson Augusto, excluindo a formação, a principal preocupação

dos poucos quadros angolanos de dança é a investigação. Todavia, reconhece, nesse domínio, apesar de existir um amplo campo de trabalho, também existem muitas limitações, que têm que ver com as muitas regiões do país em que é impossível o acesso ou uma estadia tranquila. Por outro lado, afirma, «a dinâmica da vida nos últimos anos, caracterizada por deslocamentos das populações das áreas rurais para as urbanas, terá feito com que se tenham perdido muitas danças tradicionais». Outro empecilho para a investigação, ainda na sua opinião, é a falta de apoio material.

- 45
- 50 Apesar de os profissionais serem tão poucos e de não usufruírem de uma compensação financeira satisfatória, os nossos interlocutores não se sentem frustrados por terem abraçado a actual profissão. «A dança é uma profissão tão digna como qualquer outra; o que se passa é que as pessoas, no nosso país, ainda não estão sensibilizados para essa actividade», diz o professor Sakaneno, para depois confessar: «Eu não faço mais nada neste mundo senão dançar e ensinar a dançar.».

55 Por sua vez, o professor Nelson Augusto exprime a opinião de que o facto de serem tão poucos os quadros de dança em Angola, a responsabilidade é maior, e o facto de serem ou não reconhecidos pela sociedade depende do trabalho e do esforço desses mesmos quadros.

- 60 Quanto à possibilidade da inserção da dança no sistema de ensino, Nelson Augusto é da opinião de que, a acontecer, isso deve ser feito a partir do ensino primário. Essa disciplina teria como função «sensibilizar as pessoas sobre a dança do ponto de vista estético e funcional, da sua história e da sua função social».

- 65 A dança angolana, apesar de ter poucos cultores profissionalizados, já tem alguns pergaminhos internacionais. Colectivos como o Kilandukilo, a Companhia de Dança Contemporânea, o Grupo Experimental de Dança, o Ballet Nacional, já extintos ou ainda no activo, contribuíram e continuam a contribuir para lançar o nome de Angola além fronteiras, numa perspectiva positiva.

- 70 «Pela experiência que tive viajando ao exterior, sei que a nossa dança é muito apreciada pelo público estrangeiro. É preciso que as instituições do país apostem nela», clama o professor Sakaneno.

Isaquiél Cori, in *Jornal EME – Cultura* – Março 1998

A Arte Têxtil Angolana

A tecelagem já ganhou estatuto de arte nobre, a par da pintura, escultura, cerâmica e gravura, como suporte decorativo ou sob forma pedagógica, na condição de disciplina curricular da Escola Nacional de Artes Plásticas.

5 A tecelagem constitui um trabalho especializado e a preparação de fibras, dependendo das regiões em África, é realizada somente ou por mulheres ou pelos homens. Em determinadas zonas geográficas, são as mulheres que tecem à maneira vertical em medidas que vão de 45 a 75 cm de largura. Já os homens utilizam um tear horizontal, podendo tecer em medidas de 10 a 25 cm de largura.

10 Na região do Magreb e no Burkina Faso, na África Central, as mulheres consagram-se à tecelagem e tinturaria de tecidos. Ao contrário, no Senegal, Sudão, Ghana, Nigéria e Camarões, são os homens que se dedicam à tecelagem.

15 O material utilizado na tecelagem africana varia de região para região, tendo em conta as suas condições climáticas. O algodão e o sisal são plantas cultivadas em vários países africanos, tais como Egipto, Sudão, Tanzânia, Uganda, Chade, Nigéria, Camarões e Angola. As fibras de ráfia são cultivadas nas zonas húmidas da floresta. A lã, um produto de origem animal, existe no Magreb e nas zonas do Sahel.

Uma vez tecidos, os panos podem ser decorados pelas técnicas de tintura, pelo banho do índigo por imersão, pelo processo de ligadura, por aplicação ou pelo bordado.

20 São dignos de realce os tecidos e tapeçarias africanas que a seguir referimos, conhecidos pela beleza e mensagem dos seus símbolos, que reflectem a pureza espiritual que esteve na base da sua criação.

– A Kente do Ghana, tecida em bandas estreitas e multicolores, destacando-se a grande tapeçaria que se encontra na sede da ONU, em Nova-Iorque;

25 – As tapeçarias Akweti, da Nigéria, em bandas mais largas, tecidas com motivos geométricos;

– As tapeçarias de Abomey, com motivos simbólicos;

– As tapeçarias de Thiés e de Soumbédioune (Dakar) do Senegal; as do Senoufo, da Costa do Marfim; de Meroua e Foumban, dos Camarões; e as da Etiópia.

30 A Bacia do Congo é um dos agrupamentos mais dinâmicos da arte africana, com predominância na escultura. Os Cockwes, Bapendes, Balubas, Basongos e Babukas celebrizaram-se no mundo inteiro.

35 Para além de outras manifestações já bastante conhecidas e descritas por antropólogos, de entre as quais as estátuas em pedra e cobre do Baixo-Congo e de Angola, o tecido conheceu um real valor com os célebres veludos do Kasai, na África Meridional, mas sobretudo com a tecelagem e a decoração mural das casas dos Matabele, Xosas, Lesotos e Cockwes.

40 Em Angola, praticou-se activamente a tecelagem de algodão e de ráfia, com principal predominância nas regiões do Norte e Nordeste, segundo Beatrix Heintze. O mesmo sucedeu na província de Mbata, no reino do Congo, com o seu conhecido mercado e no reino de Loango, juntamente com os reinos vizinhos

de Ngoyo e de Kakongo, na costa ao norte do rio Zaire, zonas que actualmente limitam as províncias de Cabinda, Zaire, Uíge e as Lundas.

45 Notícias do século XVI relatam o uso de um tecido designado «Pano de Palma», com o qual se vestiam o rei do Congo e os seus cortesãos. Alguns deles, depois de lavados, ostentavam aspecto tão agradável que lembravam o «cetim aveludado», conforme descrição de vários exploradores portugueses no início da colonização.

50 As margens do rio Kwanza, segundo Cavazzi também foram um importante centro de produção artesanal, empregando teares manuais em que a mabela era fabricada em grandes quantidades para o comércio europeu, substituindo a serapilheira.

55 Nesta região eram produzidos panos de entrecasca de diferentes tipos, provenientes de embondeiro (*Adansonia digitata* L) e de mulemba (*Ficus sycomorus*). Com este material era produzido um tecido fino que os reis reservavam exclusivamente para uso próprio.

Dos materiais usados na tecelagem moderna, além da ráfia ou maiamba e mabela, segundo Leo Frobénius, foram executados tecidos maravilhosos de veludo de pêlo longo duma extrema qualidade, feitos de folhas de bananeira, brilhantes e delicadas como a seda.

60 As cores mais correntes dos tecidos e tapetes eram os castanhos avermelhados em diversas graduações – ocre, amarela, preta, vermelha – tingidos com folhas e cascas de árvores seleccionadas.

65 Os tecidos, dado o seu elevado nível de confecção, para além das famosas conchas – dinheiro (Nzimpos) da Ilha de Luanda, exploradas e utilizadas pelos reis do Congo e das quais há notícias desde o século XVI, também eram uma importante moeda de troca.

70 Segundo José Redinha, muitas vezes no âmbito das culturas etnológicas, um dado elemento acumula diversas funções, significados ou valores. É o caso dos tecidos manufacturados para vestuário e adornos, mas também com atribuições de um valor fixo e função monetária.

A produção artesanal dos tecidos decaiu com a concorrência do pano de fabrico mecânico, como geralmente acontece na competição entre o trabalho manual e a actividade apoiada na indústria.

75 A tomada de consciência de um renascimento de arte têxtil aconteceu recentemente, devido ao impacto das grandes exposições internacionais.

Foi graças a criadores particularmente ligados à reflexão artística e social da sua época que a arte têxtil sofreu um novo impulso, desde os finais do século passado, resultado de um encontro entre a Bauhaus e as tradições têxteis mundiais.

80 Tradicionalmente, os conhecimentos artísticos são transmitidos, salvo raras excepções, de pais para filhos, de tios para sobrinhos, do profissional ao aprendiz, da boca à orelha. Com a colonização de Angola e de acordo com o sistema político da época, as técnicas da tecelagem tradicional não foram estudadas no sentido

de serem valorizadas pelos próprios angolanos através da divulgação e da sua integração nos programas escolares.

85 Em contrapartida, a partir dos anos 30, eram transmitidos conhecimentos sobre as técnicas tradicionais europeias como as de Portugal, através de programas incluídos nos currículos dos cursos gerais dos liceus, industriais, formação feminina e magistério primário.

90 Dos angolanos saídos destes cursos nos anos 40, inconformados com a omissão dos valores culturais angolanos nos programas escolares, destacou-se Ana de Sousa Santos, nascida em Malange. Com dois anos de idade partiu para Portugal, tendo recebido a sua educação no Porto. Anos depois, regressa a Angola onde exerce a sua actividade como professora.

95 Embora comprometida com o desafio aliciante da sua profissão, vai simultaneamente cedendo à sua vocação, enveredando pelas Ciências Humanas. Durante anos acumula registos do mundo maravilhoso e dos hábitos e costumes das populações autóctones em presença.

100 Voltando a Portugal, onde permaneceu algum tempo, frequenta as aulas da Sociedade Nacional de Belas Artes. A sua opção leva-a a entrar para a Divisão de Etnologia e Etnografia do Instituto de Investigação Científica de Angola, dedicando-se inteiramente à pesquisa etnográfica.

Uma análise dos elementos decorativos da arte Cockwe foi determinante para, posteriormente, Ana de Sousa Santos materializar um trabalho em conexão com essa arte, apresentado numa exposição ao público de Luanda em 1984.

105 Ana de Sousa Santos foi a precursora da técnica de aplicação em tecidos a partir da década de 50 e soube conciliar, sem criar ruptura, as técnicas e materiais ocidentais com os novos métodos de montagem, às técnicas (o bordado e aplicação) e temática (motivos e formas) da tradição cultural angolana. Nas suas obras aplicou tecidos manufacturados pela indústria, utilizando linho, juta, serapilheira e seda da Índia. Alguns dos seus painéis em aplicação, dado o grande nível de execução,

110 fazem-nos recordar os do Reino do Dahomey.

115 Apesar da pouca divulgação desta obra, nos finais da década de 80 uma nova geração de artistas com destaque para Marcela Costa e Maria Belmira, despertou e interessou-se pelos trabalhos de Ana de Sousa Santos. Ambas frequentaram cursos em Luanda, ministrados por professores suecos da Handarbetets Vaner, de Estocolmo, no ex-Barracão – tutelado pela então Direcção Nacional de Arte da Secretaria de Estado da Cultura – no âmbito do intercâmbio cultural entre Angola e Suécia, nos anos 1989-90.

120 Marcela Costa desenvolve uma criação original e uma vontade de se aproximar das técnicas artesanais tradicionais. Utiliza composições mistas à base de materiais recuperados - pintura e colagem – e usa tecidos femininos de fabrico industrial com uma carga colorida que lhe possibilita decorar certos símbolos na bidimensionalidade.

125 Maria Belmira, depois de experimentar a cerâmica e a gravura em linóleo, enveredou pela tecelagem, tapeçaria e aplicação em tecidos, seguindo os passos de Ana de Sousa Santos.

130 As suas obras são o resultado de um estudo aprofundado e de preocupação pelo rigor, partindo do real e do natural para a abstracção e síntese, descobrindo novas formas que na nossa percepção se associam a motivos e símbolos da linguagem visual africana.

135 Em Angola, já se começa a valorizar a arte têxtil com a mesma importância que a pintura, escultura, cerâmica e gravura. Um estado de espírito em que tudo passa pela elaboração de uma pesquisa que, para o têxtil, procura valorizar a importância gramatical do percurso do fio e da textura do tecido que intervém sob uma forma pedagógica, depois da sua integração no currículo da Escola Nacional de Artes Plásticas do INFAC.

Jorge Gumbe, artista plástico, *in Revista Austral*

Cuba - Um Perpétuo Verão

É na ilha de Cuba, nos seus cerca de cem mil quilómetros quadrados, que se concentra o principal potencial humano e económico. E também os importantes centros de interesse histórico e de veraneio. Mas uns dias passados em Cayo Largo ou Cayo Coco terão de ser fascinantes.

5 Se hoje me limito a propor uma visita a Havana e uns dias de praia em Varadero, não quero deixar de sugerir que uma estadia mais demorada em Cuba tem de incluir as cidades de Santiago, Pinar del Rio, Mantanzas, Cienfuegos e Baracoa. E se estiver em Varadero não deixe de reservar umas horas para Cárdenas, onde pela primeira vez foi içada a bandeira cubana. É que o transporte urbano por
10 excelência são pitorescas galeras e charretes puxadas por cavalos...

No primeiro contacto com Havana (San Cristóbal de la Habana) sobressai a hospitalidade e o orgulho contagiante das suas gentes. Há uma modernidade própria que não ensombra as reminiscências de épocas passadas. A história e o presente da cidade de Havana são os mesmos de Cuba. Com Havana nasceu e
15 cresceu o país.

Os habaneros – os cubanos – vivem num constante paradoxo que torna difícil defini-los. Como são os cubanos? Mil respostas. Alegres e extrovertidos ou profundos e lutadores. Capazes de sacrifício e abnegação, não dispensam uma brincadeira mesmo em situações dramáticas. São sensuais e românticos sem abandonarem o
20 pragmatismo.

Ser cubano é ser generoso e patriota, mestiço de brancos europeus, descobridores e emigrantes e negros africanos levados como escravos a partir de 1526.

As casas senhoriais salvas do passar dos séculos e os abundantes carrões americanos antigos, que circulam num fenómeno de longevidade inédito, são bem
25 exemplo do que os próprios cubanos chamam de uma «cultura de resistência».

A porção mais antiga da cidade de Havana, com as suas praças, fortalezas, igrejas e conventos, e que revela legados culturais espanhóis, africanos e americanos, foi declarada Património Cultural da Humanidade em 14 de Dezembro de 1982, um mérito que nenhuma outra cidade do Novo Mundo pôde disputar-lhe. Esses 150
30 hectares, que constituem o Centro Histórico de Havana Velha, são visitados por centenas de milhares de turistas que todos os anos chegam a Cuba, mesmo que o seu destino final seja as praias de Varadero ou outros.

Para descobrir Havana, suba para um cocomobil. De dia poderá encontrar uma gentil cubana ao volante do simpático veículo de três rodas. E seguramente ela o
35 levará numa visita guiada aos pontos de maior interesse. Mas não se deixe só guiar. Descubra Havana também por si. Uma cidade cheia de História que surpreende todo o tempo. A música, a boa comida crioula e as bebidas à base de rum são prazeres a não desperdiçar.

Duas catedrais da bebida recomendo com a garantia da chancela de Ernest
40 Hemingway. E ele, que viveu 22 anos em Cuba, sabia do que falava: «O meu amigo na La Bodeguita del Medio, o meu daiquiri na Floridita (...)».

Varadero – a praia azul.

45 A estreita e prolongada Península de Hicacos, na província de Matanzas, era até há pouco mais de cem anos um lugar de salinas e de extracção de madeira de bosques vizinhos à praia. Aí chegavam as frotas espanholas e os navios de piratas e corsários procurando sal e para repararem as embarcações.

A beleza natural destas praias só no final do século XIX chamou a atenção de jornalistas e escritores, que aí foram situando histórias de piratas, tesouros e lendas aborígenes.

50 Mar sereno e transparente, temperatura estável todo o ano, foram condições que despertaram as atenções de dez famílias da cidade de Cárdenas, bem próxima, que aí resolveram fundar a vila de Varadero. Os 20 quilómetros dessa finíssima língua de areia ainda ficariam por muito tempo desconhecidos do resto do país.

55 Algumas moradias foram sendo construídas por crioulos e espanhóis enriquecidos pelo desenvolvimento económico da zona. Mas é já na década de vinte deste século que Varadero atinge o auge. O verde da vegetação em contraste com os tons inigualáveis do azul da água tornou aquelas praias apetecidas pela burguesia nacional e milionários americanos. Varadero tornou-se um paraíso a 140 quilómetros de Havana.

60 A Revolução Cubana acabou por dar outros aproveitamentos quando as aristocráticas casas foram abandonadas. Mas com o advento do Turismo, novos hotéis e restaurantes têm sido construídos. Apareceram modernas lojas. Espectaculares centros nocturnos. E Varadero tornou-se o mais importante complexo turístico de Cuba, ao qual não falta um belo e bem estruturado campo de golfe de 18 buracos.

Artur Ferreira, *in Revista Índico*

Exploração

Todos os mamíferos têm um forte instinto exploratório, que é, no entanto, mais crucial para uns que para outros. Na verdade, tal instinto depende muito do grau de especialização atingido por cada espécie no decurso da respectiva evolução.

5 Se todo o esforço evolutivo se concentrou no aperfeiçoamento de uma forma particular de sobrevivência, a espécie não tem necessidade de se preocupar muito com a complexidade geral do mundo que o rodeia. Desde que o tamanduá continue a ter as suas formigas e que o coala australiano obtenha as suas folhas de eucalipto, ficam satisfeitos, a vida corre-lhes às mil maravilhas. Por outro lado, os não especialistas - isto é, os oportunistas do mundo animal - nunca se podem dar 10 ao luxo de sossegar. Nunca sabem de onde lhes vai cair a próxima refeição, têm de conhecer todos os cantos e recantos, de experimentar todas as possibilidades e manter o olho bem aberto, com vista ao mais ínfimo bafejo da sorte. Têm por isso de explorar e continuar a explorar cada vez mais. Têm de investigar e verificar mil vezes cada descoberta. Têm de manter um nível de curiosidade constantemente 15 elevado.

Não se trata apenas de encher a barriga: a autodefesa pode implicar as mesmas exigências. Os porcos-espinhos, os ouriços e as doninhas podem fungar e fuçar por onde lhes apeteça, fazendo quanto barulho queiram sem grandes preocupações, mas os mamíferos desarmados têm de se manter em permanente alerta. Têm de 20 conhecer os sinais de perigo e os caminhos por onde escapar. Para sobreviver, têm de conhecer todos os recantos das redondezas onde vivem.

Vistas assim as coisas, poderia pensar-se que a não especialização não vale muito a pena. Por que há-de haver mamíferos oportunistas? A resposta é que existe uma séria dificuldade em ser especialista. Tudo corre bem enquanto funciona o 25 dispositivo especial da sobrevivência mas, se o ambiente sofre alguma modificação importante, o especialista fica absolutamente desorientado. Se o animal tinha ido ao extremo de se impor aos competidores, teve forçosamente de introduzir alterações genéticas na espécie, as quais não se podem modificar rapidamente quando se dá a reviravolta. Se desaparecessem as flores de eucaliptos, o coala não 30 sobreviveria. Se um assassino com boca de ferro conseguisse mastigar os espinhos do porco-espinho, este passaria a ser uma presa fácil, embora para o oportunista a vida possa ser sempre dura, o animal conseguirá adaptar-se rapidamente a qualquer mudança brusca de ambiente. Se se privar um mangusto dos ratos e ratazanas a que está habituado, ele depressa passará a comer ovos e caracóis. 35 Prive-se um macaco das suas nozes e frutas, e ele passará a comer raízes e brotos.

Dentre todos os não especialistas, os macacos e símios são talvez os mais oportunistas. Constituem de facto um grupo especializado na não especialização. E, entre os macacos e os símios, o macaco pelado é de longe o mais oportunista de todos. Trata-se de mais uma faceta da sua evolução neotérica. Todos os macacos 40 jovens são curiosos, mas a curiosidade diminui à medida que se tornam adultos.

No nosso caso, a curiosidade infantil reforça-se cada vez mais enquanto crescemos. Nunca paramos de investigar. Nunca nos satisfazemos com o que sabemos. Mal encontramos resposta para uma pergunta, formulamos logo outra. É esse o maior truque da nossa espécie para continuar a sobreviver.

- 45 A atracção pela novidade foi designada «neofilia» (amor pelo que é novo), em contraste com a «neofobia» (medo do que é novo). Tudo aquilo que não se conhece é potencialmente perigoso. Tem de ser abordado com cautela. Deveria talvez ser evitado? Mas, se se evita, como acabaremos por saber alguma coisa a esse respeito? O instinto neofílico tem de nos conduzir e nos manter interessados
- 50 até conhecermos o desconhecido, até que a familiaridade conduza ao desprezo, embora o processo nos tenha fornecido uma experiência válida que guardaremos até precisarmos de utilizá-la ulteriormente. As crianças passam o tempo fazendo isso. Têm um instinto tão grande, que os pais se vêem obrigados a refreá-lo. Mas, mesmo que os pais consigam orientar a curiosidade, nunca a podem suprimir.
- 55 À medida que a criança cresce, a tendência exploratória atinge às vezes proporções alarmantes, a ponto de os adultos se referirem muitas vezes a «grupos de jovens que se comportam como animais selvagens». Mas, na verdade, passa-se justamente o contrário. Se os adultos se dessem ao trabalho de estudar a forma como os animais selvagens adultos se comportam efectivamente, teriam de chegar
- 60 à conclusão de que os animais selvagens são eles próprios, os adultos. São eles que tentam reprimir a exploração e que se esforçam por impingir a comodidade do conservantismo sub-humano. Felizmente para a espécie, existe sempre um número suficiente de adultos que mantêm a curiosidade e invenção juvenis, e que levam a população a progredir e expandir-se.

Desmond Morris, *O macaco nu*
São Paulo, Círculo do Livro, s/d, pp. 111-113



Angola - Pátria e sua Literatura

Na Literatura Africana escrita em Língua Portuguesa, o caso angolano já conta com um número de escritores numeroso para uma abordagem desta natureza, de forma a aventar-se algumas hipóteses.

5 Partindo do princípio de que, historicamente, Angola foi um espaço dominado por homens, será o homem, por consequência, o protagonista dos principais conflitos que vão corporizar a evolução da sua história. Deste modo, o papel reservado à mulher na vida angolana acompanhou, naturalmente, esse protagonista masculino. A literatura, de certa forma, reflecte essa situação: mesmo em casos em que à mulher é reconhecido um papel relevante e fundamental, é como se se tratasse

10 de um «travestismo», pois as suas qualidades mais evidentes são-no em função das características masculinas. Não constitui excepção, neste caso, a natureza da protagonista do romance Lueji, a rainha do mesmo nome, do escritor Pepetela.

15 Por outro lado, as teorias que defendem a visão feminina do mundo, através da literatura, afirmam que não basta ser-se mulher escritora para a obra produzida evidenciar um enfoque diferente. Assim, o que se tenta aqui é, na verdade, levantar a questão em si, de modo a permitir que, a partir do desenvolvimento que o ensino das literaturas africanas tem conhecido nas academias, se não esqueça de que pode ser também importante e interessante virarmo-nos para o discurso das mulheres como matéria de reflexão e estudo.

20 As mulheres que, em Angola, produziram obras literárias acompanharam a evolução histórica da sociedade. Deste modo, não é na questão temática que vamos tentar determinar a diferença, mas sim na focalização dos conflitos e na movimentação das personagens.

25 As mulheres, nos últimos quarenta anos, tomaram parte activa na produção literária, tentando contribuir para a constituição de uma ideia de Pátria e Nação. Dos anos 40 aos 80, isto é, da Angola colonial à Angola independente, diversas mulheres escreveram contos, poemas e histórias para crianças, empenhando-se em dar a sua perspectiva dos principais conflitos da sociedade angolana.

Lourenço do Rosário, in *I Encontro de Professores de Literatura Africana de Língua Portuguesa* (adaptado)



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) De que literatura fala, fundamentalmente, o texto?
- 02) Por que razão as mulheres têm tido um papel de menor destaque na literatura angolana?
- 03) Define «travestismo», segundo o sentido que lhe é dado no texto.
- 04) Explica o sentido das expressões:
 - «abordagem desta natureza» (l. 2);
 - «reflecte essa situação» (l. 8);
 - «perspectiva dos principais conflitos» (l. 28).
- 05) Quando começou a surgir uma literatura feminina em Angola? Porquê?
- 06) Parece-te importante a contribuição das mulheres para a produção literária angolana? Porquê?
- 07) Realiza uma investigação sobre autoras angolanas e elabora um texto a partir das informações recolhidas.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) «As mulheres que, em Angola, produziram obras literárias acompanharam a evolução histórica da sociedade.» (ll. 20-21).
 - a) Divide e classifica as orações que constituem esta frase.
 - b) Que função sintáctica desempenha a expressão «em Angola»?
- 02) «... Angola foi um espaço dominado por homens...» (ll. 4-5).
 - a) Identifica a voz em que se encontra a passagem transcrita.
 - b) Faz a sua análise sintáctica.
 - c) Rescreve a passagem, utilizando a voz contrária.
- 03) Atenta na palavra «historicamente».
 - a) Decompõe-na nos elementos que a constituem.
 - b) Como a classificas quanto ao processo de formação?
 - c) Aponta outra palavra formada pelo mesmo processo.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Amazónia - Pulmão da Terra Ameaçado!

A Amazónia é a mais rica e a maior floresta tropical do planeta, um território único pela diversidade indiscutível da sua flora e fauna. Numa área insignificante desta mata tropical, uma extensão que se pode percorrer a pé em algumas horas, existe mais variedade de plantas do que em toda a Europa.

5 Este magnífico complexo ecológico, de valor incomensurável, tem sido incessantemente vítima de queimadas, de extracção madeireira, de graves níveis de poluição provocada pelo garimpo e de desbravamento devido ao incentivo governamental à instalação de fazendas de gado na região.

10 Se a floresta da Amazónia permaneceu quase intocada até há 30 anos, nas últimas três décadas abateram-se mais árvores na Amazónia do que nos últimos quatro séculos, e uma superfície florestal maior do que a área de França já desapareceu.

15 Dezenas de mamíferos e répteis estão já na lista das espécies em vias de extinção, ameaçadas pela destruição do seu *habitat*. Aos poucos, mas ininterruptamente, a Amazónia está a ser destruída, e com ela incontáveis espécies animais e vegetais, algumas até ainda desconhecidas.

20 O viço da floresta e a quantidade absurda de água que nela se pode encontrar (1/5 da água doce do planeta) estimularam a crença falsa de que a Amazónia é inesgotável, criando-se sobre ela o mito da super-abundância. No entanto, o solo de Amazónia é pobre e a vegetação alimenta-se essencialmente do seu próprio material orgânico que cai ao chão. Retirada a cobertura vegetal, a terra não é
25 suficientemente rica para reerguer sozinha uma nova mata. Por outro lado, a Amazónia só existe graças à abundância de precipitações que ocorrem durante todo o ano na região. Essa abundância de chuvas resulta, pelo menos, em 50% da evaporação da transpiração das árvores (evapotranspiração). Cortando-se a
30 cobertura vegetal, a chuva será reduzida a metade e grandes alterações climáticas ocorrerão na região, com consequências imprevisíveis.

Apesar da sua rica biodiversidade, a região amazónica é economicamente muito pobre. A experiência mundial aponta para o facto de, nas regiões pobres, a devastação das áreas verdes ocorrer com furor redobrado, pois é extremamente
35 difícil proteger o verde (o número de pessoas que apenas sobrevive devido à exploração ilegal da madeira na Amazónia é muito elevado, servindo de «boa desculpa» para a passividade do governo face à calamitosa diminuição das áreas florestais).

40 O Turismo Ecológico (Ecoturismo) poderia ser uma das soluções para a resolução do problema da pobreza económica da região. Ele rende, a nível mundial, 260 biliões de dólares por ano para os países que o exploram. No entanto, à região amazónica cabe apenas 0,01% dessa verba.

Infelizmente, em vez de apostar no ecoturismo, o governo brasileiro incentiva constantemente as indústrias madeireiras à exploração, com o subterfúgio de
45 reverter os rendimentos provenientes destas indústrias em prol do desenvolvimento económico e do progresso social das populações da região. Para fiscalizar a

exploração da madeira e o garimpo em 5,1 milhões de quilômetros quadrados, existem apenas 275 fiscais, ou seja, um funcionário por cada 18 500 quilômetros quadrados! Devido à escassa legislação e à inoperância da pouca que existe, um relatório feito pela Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República Brasileira estima que 80% da madeira extraída da região tem origem ilegal.

45

A continuar assim, teme-se pelo futuro da Amazônia e pelas consequências graves que esse futuro pode trazer para toda a humanidade, caso medidas urgentes para controlar a presente situação não sejam tomadas.

50

Um mau presságio está bem presente se olharmos para o que sucedeu à Mata Atlântica do Brasil. Na época dos descobrimentos (ano 1500), a Mata Atlântica ocupava uma faixa de 3500 quilômetros e tinha mais de um milhão de quilômetros quadrados, ocupando cerca de 12% da área do país. Hoje, mais de 90% da mata original foi destruída pela exploração madeireira, pela ocupação de terrenos para a agricultura e pelo crescimento urbano, só restando pequenas áreas, testemunho da sua anterior existência em algumas letras inacessíveis.

55

Paula Roque, *in O Verdinho*, n.º 9/98





EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) O que é a Amazónia? Onde se situa?
- 02) Qual é o problema que afecta, actualmente, esta região?
- 03) Por que razão se considera, erradamente, que os recursos da Amazónia são inesgotáveis?
- 04) Quais são as consequências da redução da cobertura vegetal desta região?
- 05) Encontra os sinónimos de:
- | | | |
|--------------------------|------------------------------|------------------------|
| • incomensurável (l. 5); | • ininterruptamente (l. 13); | • calamitosa (l. 32); |
| • garimpo (l. 7); | • viço (l. 16); | • escassa (l. 44); |
| • desbravamento (l. 7); | • evapotranspiração (l. 24); | • inoperância (l. 44); |
| • habitat (l. 13); | • biodiversidade (l. 27); | • presságio (l. 50). |
- 06) Explica o sentido das passagens seguintes:
- a) «Se a floresta da Amazónia permaneceu quase intocada até há 30 anos...» (l. 9).
- b) «... a Amazónia só existe graças à abundância de precipitações que ocorrem durante todo o ano na região.» (ll. 21-23).
- c) «Apesar da sua rica biodiversidade, a região amazónica é economicamente muito pobre.» (ll. 27-28).
- d) «Um mau presságio está bem presente...» (l. 50).
- 07) O que entendes por «ecoturismo»?
- a) Por que razão esta forma de turismo poderia ajudar a resolver o problema da destruição dos recursos da Amazónia?
- b) O ecoturismo é suficientemente explorado pelo governo do Brasil? Porquê?
- 08) Qual é a diferença entre a área ocupada pela Mata Atlântica do Brasil em 1500 e a que existe actualmente?
- 09) Procura, no texto, três palavras ou expressões em sentido conotativo.
- a) Elabora frases em que as empregues com sentido denotativo.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) Procura, no texto, três palavras derivadas por prefixação e três palavras derivadas por sufixação.
- a) Explica o processo de formação de cada uma delas.
- b) Decompõe-nas nos seus elementos constituintes.
- 02) Indica um verbo e um adjectivo formados a partir da palavra **vegetal**.
- 03) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas em baixo:
- a) «Este magnífico complexo ecológico...» (l. 5).
- b) «... e de desbravamento devido ao incentivo...» (l. 7).
- c) «O viço da floresta...» (l. 16).
- d) «Apesar da sua rica biodiversidade...» (l. 27).
- 04) Assinala, no texto, os numerais e classifica-os.
- 05) «... um relatório (...) estima que 80% da madeira extraída da região tem origem ilegal.» (ll. 45-46).
- a) Divide e classifica as orações da passagem transcrita.
- 06) «A Amazónia é a mais rica e a maior floresta tropical do planeta, um território único pela diversidade indiscutível da sua flora e fauna.» (ll. 1-2).
- a) Faz a análise sintáctica da frase.

Sumo - Milenar Estilo de Luta Japonesa

Desporto nacional do Japão, o sumo é um estilo de luta milenar, uma mistura de arte, filosofia, religião e desporto, que visa o aperfeiçoamento do corpo e do espírito, mas que também dá lugar a actividades comerciais bastante lucrativas.

5 Este desporto pratica-se naquele país há cerca de 1500 anos e, em meados do século XVIII, converteu-se num desporto profissional, com lutadores especializados.

Tal como outras formas japonesas de combate e defesa, o sumo tem uma importante componente filosófica e religiosa: quem o pratica deve usá-lo, sistematicamente, como uma via para o seu aperfeiçoamento humano e espiritual.

10 A cerimónia inicial das aberturas dos torneios e antes do início de cada combate, conhecidas com os nomes de «chirichozu» e «shikiri», são os rituais desta religião destinados a purificar os lutadores, atrair sobre eles a boa fortuna e alcançar a sua concentração mental para o combate.

15 O círculo onde se realizam os encontros, que se denomina «dohyo» (dojo), é considerado sagrado e consagra-se antes da abertura dos torneios, que é dirigida por sacerdotes sintoístas. O dojo tem 4,6 metros de diâmetro e está coberto por uma cúpula muito semelhante à dos templos e santuários. Integram todos estes rituais os movimentos de pernas que fazem os lutadores quando as levantam para os lados, o bochechar, dar palmadas e atirar sal para o centro do dojo. Tudo isso se complementa com os olhares fixos no oponente e o início dos truques de combate.

20 O ritual e os preliminares duram, no seu todo, quatro minutos aproximadamente. A luta em si atinge apenas um minuto e esse tempo só chega a esgotar nos encontros mais importantes, onde intervêm os lutadores mais fortes e os peritos.

O atleta que pratica sumo denomina-se, em japonês, «sumotori». A sua roupa é constituída por uma faixa de seda chamada «Mawashi» e um cerimonial chamado

25 «Keshomawashi», ao qual se ligam tiras de papel como adornos, que se designam «Gohei», simbolizando oferendas do lutador aos deuses. Os trajes cerimoniais são muito luxuosos e são adornados com motivos tradicionais, figuras de animais ou outro emblema produto da imaginação do lutador. O penteado também é tradicional; o cabelo é perfumado com óleo aromático e a complexidade do seu

30 arranjo depende da categoria do «sumotori».

Os lutadores de sumo têm, geralmente, um curto processo de preparação e competição como amadores e, depois, passam à prática profissional deste desporto, a qual requer uma disciplina férrea, uma entrega absoluta e um treino especial e sistemático, assim como uma dieta rigorosa, de forma a conseguir

35 exacta combinação de músculos, gordura e elasticidade para obter a vitória. Os «sumotoris» pesam, em média, entre 120 e 200 quilogramas, apesar de os grandes campeões terem já atingido os 203 quilos.

Para alguém não iniciado nas particularidades deste desporto, poderá parecer que um lutador excessivamente gordo não teria a agilidade suficiente para

40 combater, mas essa é uma apreciação falsa. A gordura é uma cobertura protectora que cobre os músculos e modera a força dos impactos e quedas de lutadores de

grande força e peso corporal. O estômago, as ancas e as pernas são trabalhados especialmente para o seu endurecimento.

45 O processo de fortalecimento do corpo, que comporta, entre outros exercícios, o levantamento de grandes pesos, assim como todo o treinamento do lutador, tem como objectivo conseguir que o corpo possa gerar uma grande força de impacto, que é, em essência, a técnica básica do sumo, para poder mover o adversário e pô-lo fora do dojo ou derrubá-lo.

50 Perde o combate o «sumotori» que saia do dojo ou aquele que toque o solo dentro do mesmo com alguma parte do seu corpo que não sejam os pés. Nos combates podem dar-se resultados inesperados, nos quais um lutador menos corpulento mas mais ágil e forte derrote outro mais pesado. Junto com o treino e os exercícios preparatórios, para adquirir um físico adequado, o «sumotori» submete-se a uma dieta especial, rica em proteínas e gorduras. Nela se incluem 55 pratos com «chankonabe», que se elabora com legumes, peixe e carne.

O escalão mais alto dentro do sumo, ao qual aspiram todos os «sumotoris», é o grande campeão ou Yokozuma.

Quando um «sumotori» alcança esta categoria, realiza uma cerimónia tradicional no santuário de Meiji. As categorias são alcançadas de acordo com o número de 60 vitórias e derrotas obtidas em cada torneio e obedecem a uma ordem particular.

in jornal O Sábado



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Em que consiste o sumo?
- 02) Desde quando se pratica este tipo de luta?
- 03) Caracteriza o sumo nos aspectos: religioso, mental, físico e material.
- 04) De que forma a prática de sumo pode contribuir para o aperfeiçoamento do corpo e do espírito?
- 05) Onde se desenrola este tipo de luta?
- 06) Que rituais o antecedem?
- 07) Como se designam os atletas que praticam sumo?
- 08) Como se apresentam trajados os atletas?
- 09) Por que razão precisam os atletas de ter tanto peso?
- 10) O que leva à derrota do «sumotori»?
- 11) Que dieta devem seguir os praticantes dessa modalidade desportiva?
- 12) Qual é o escalão mais alto dentro do sumo?
- 13) O que acontece quando um «sumotori» atinge esse escalão?
- 14) Explica o sentido das expressões:
 - a) «... atrair sobre eles a boa fortuna...» (l. 11).
 - b) «... alcançar a sua concentração mental para o combate...» (ll. 11-12).
 - c) «... requer uma disciplina férrea, uma entrega absoluta...» (l. 33).
 - d) «... modera a força dos impactos...» (l. 41).



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) Atenta na palavra fortalecimento.
 - a) Identifica a sua palavra primitiva.
 - b) Aponta outra palavra formada pelo mesmo sufixo.
 - c) Refere uma palavra formada a partir da mesma palavra primitiva.
- 01) «Os “sumotoris” pesam, em média, entre 120 e 200 quilogramas, apesar de os grandes campeões terem já atingido os 203 quilos.» (ll. 35-37).
 - a) Classifica morfologicamente a expressão sublinhada.
 - b) Rescreve a frase, substituindo essa expressão por uma palavra ou expressão sinónima e fazendo as alterações necessárias.
- 01) «Quando um “sumotori” alcança esta categoria, realiza uma cerimónia tradicional no santuário de Meiji.» (ll. 58-59).
 - a) Divide e classifica as orações da frase transcrita.
 - b) Faz a sua análise sintáctica.

Inauguração de Exposição de Quadros Feitos por Crianças

Uma exposição de quadros feitos por crianças pertencentes à Associação Mulemba será inaugurada hoje, na Galeria Celamar, em Luanda, no âmbito das comemorações do Dia Internacional da Criança.

- 5 A mostra, com 50 quadros feitos por crianças e adolescentes, procura ajudar as crianças a assumir a sua vivência e a reencontrar a sua identidade. O «desenho terapia» funciona como agente de desenvolvimento, por ajudar a libertar o melhor que há dentro de cada uma delas, a desabrochar e a reconstruir a sua personalidade. A Associação Mulemba, criada em 1999, pretende com a mostra reunir, através da arte, diferentes grupos de crianças no mundo e dar a conhecer
- 10 o seu potencial.

*in <http://www.angolapress-angop.ao>
1/06/2006 (adaptado)*

Angola Participa no Encontro de Especialistas do Programa sobre a Corrente Fria de Benguela

Angola vai participar, a partir de hoje, na cidade do Cabo, África do Sul, num encontro de especialistas dos países do Programa da Corrente Fria de Benguela (BCLME) para o balanço final das actividades da pesca artesanal desenvolvida nos primeiros cinco meses deste ano.

- 5 Segundo o director do Instituto de Pesca Artesanal (IPA), Agostinho Caholo Duarte, o encontro, com duração de dois dias, tem como objectivo analisar o relatório final desenvolvido nestes países, elaborar possíveis publicações científicas e apresentar uma palestra relativa à pesca artesanal em Angola. Agostinho Duarte informou que, quanto aos programas da BCLME, foram estabelecidos projectos
- 10 para o desenvolvimento da pesca artesanal nos três países. Os especialistas de Angola, Namíbia e da África do Sul vão avaliar também o relatório final produzido pelos três países e compilar num só de âmbito regional, que servirá de consulta.

*in <http://www.angolapress-angop.ao>
25/05/2006*

Huambo: Camponeses do Ukuma Beneficiam de Donativo do MPLA

A União das Associações de Camponeses Angolanos (UNACA) recebeu sábado último, no Huambo, do Comité Provincial do MPLA, um donativo composto por meios agrícolas, para as famílias de camponeses das comunas do Mundudu e da Kacama.

- 5 A cerimónia de entrega de sementes diversas, instrumentos de trabalho, fertilizantes e juntas de bois para tracção animal foi testemunhada pelo seu primeiro secretário provincial do MPLA, António Paulo Kassoma, que revelou que o donativo vai minimizar as dificuldades que as famílias camponesas daquelas localidades enfrentam e melhorar o trabalho da terra, com vista ao combate à fome e à pobreza.

- 10 A estiagem que assolou o município do Ukuma, em Janeiro e Fevereiro, destruiu 13 mil e 385 hectares de culturas de feijão e de milho, dos 124 mil hectares cultivados na época agrícola 2005/2006. De acordo com a administradora do município do Ukuma, Leonor Kasseua, no próximo ano agrícola 2006/2007, a sua área de jurisdição vai registar uma gritante falta de sementes destes cereais, consequência da seca na região.

in <http://www.angolapress-angop.ao>
25/05/2006 (Adaptado)



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Após a leitura das três notícias, identifica, em cada uma, as partes constituintes e que respondem às questões:
- quem?;
 - o quê?;
 - quando?;
 - onde?;
 - como?;
 - porquê?.
- 02) Tendo em conta as características e a estrutura deste tipo de texto jornalístico, redige uma notícia sobre um assunto da actualidade.

Bonnard - Dar Vida à Pintura

A obra intimista de Pierre Bonnard fala-nos dos pequenos e infinitos prazeres de uma vida sem dramas. A sua modernidade indefinível foi recusada durante muito tempo. O pintor que «gostaria de chegar perante os jovens pintores do ano 2000 com asas de borboleta» renasce em Paris.

5 Os parisienses, enregelados em longas filas de espera à entrada do Museu de Arte Moderna da Cidade de Paris (MAMVP), não esperaram sequer pelas críticas para plebiscitarem, desde o primeiro dia, a exposição de Pierre Bonnard. A mostra do «pintor da felicidade», como foi chamado durante muito tempo este artista francês do século XX, festeja a reabertura do museu depois de dois anos de fecho para obras. Contudo, a escolha de um pintor aparentemente resistente à modernidade parecia incongruente neste templo de modernidade.

10 A tal sensação de felicidade, que lhe valeu críticas acerbas de Picasso, permanece intacta. Desde o primeiro tríptico sobre o Mediterrâneo, oferecido ainda no átrio do museu, o visitante fica subjugado pela nostalgia de um tempo sereno que poucos chegaram a conhecer e, por isso, tão mais apetecível. A emoção cresce ao longo do percurso, suscitada pelo fogo de artifício de cores, vermelhos, laranjas, azuis e amarelos solares, em telas salpicadas de luz.

15 A obra intimista de Pierre Bonnard fala-nos dos pequenos e infinitos prazeres de uma vida sem dramas. Cenas de interiores tranquilos sucedem a paisagens serenas. Mas Bonnard era bem mais complexo, adverte o MAMVP. Uma «leitura hedonista complacente» impediu, até hoje, a «apreensão da obra e da sua importância», insurge-se a crítica de arte Sarah Whitefield, fustigando no catálogo o «malentendido nascido de uma abordagem sentimental e superficial que toca as raias da lamechice».

25 «Gostaria de chegar perante os pintores do ano 2000 com asas de borboleta.» Desta frase de Pierre Bonnard, citada no prefácio do catálogo, nasceu a ideia da exposição consagrada ao «renascimento» de um pintor minorado durante demasiados anos. Em torno de *Nu na Banheira*, obra-prima do fundo de oito mil quadros e esculturas do MAMVP, Suzanne Pagé, conservadora do museu, reuniu umas 90 telas, fotos e desenhos emprestados pelo mundo inteiro. O objectivo é explicar uma pintura sensual e que encanta pela sua alegria de viver, mas reposicionando-a em relação às interrogações dos artistas de hoje, através da questão da «verdadeira finalidade da pintura, da sua relação com o íntimo e da maneira de o sublimar».

35 A exposição está organizada por sequências temáticas, inauguradas por *O Homem e a Mulher* (1900), numa encenação do artista e do seu modelo, Marthe, apresentados pelo prisma deformador de um espelho. Os nus femininos, da série das «Meias Pretas» às sequências sucessivas das «Banheiras», jogam com complexidades espaciais reinventadas em jogos de espelhos e de água. Na tela

40 *Quarto de Banho com Canapé Cor-de-rosa*, a luz entra pela janela para se derramar

- no canapé, saturando-o de tons rosados. Nas «Paisagens» e nos «Terraços», os efeitos geográficos são introduzidos pela cor, verdadeiro motor da pintura. As figuras humanas «surgem como manchas de cor no meio vegetal, onde a mitologia se relaciona com o trivial familiar», observa Suzanne Pagé. Os «Interiores» e as
- 45 «Naturezas Mortas», tal como as «Salas de Jantar», prosseguem a exploração da ambivalência das composições de Bonnard e acentuam as variações de cores quentes e frias.

in revista Pública
12/02/2006 (adaptado)

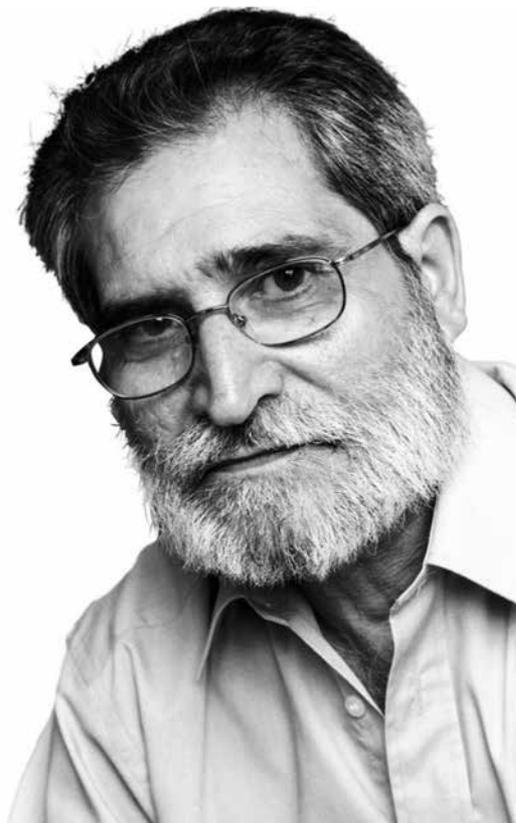


EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) O *lead* que introduz a reportagem informa-nos sobre o seu assunto.
 - a) Identifica-o.
- 02) Aponta as características do texto que nos permitem classificá-lo como uma reportagem.

Entrevista a Pepetela

Autor de mais de uma dúzia de livros, dentre os quais *Muana Puô*, *Mayombe*, *As Aventuras de Ngunga*, *O Cão e os Calús*, *Yaka*, *A Geração da Utopia*, *O Desejo da Kianda*, *A Parábola do Cágado Velho* e *A Gloriosa Família*, Artur Carlos Maurício dos Santos (PEPETELA) é, neste momento, a figura mais carismática do romance em Angola. O Prémio Camões 1997 diz, na entrevista que se segue, que dispensa comentários a críticas e aconselha os que se queiram tornar escritores a escrever mais e a falar menos.



Lavra & Oficina Dois anos depois, ainda se recorda da primeira coisa que pensou ao receber a notícia da atribuição do Prémio Camões?

Pepetela (Pep) Eh, sim. A primeira coisa que pensei foi: Agora como fugir dos jornalistas?

L&O O que representa, para si, a homenagem que lhe foi feita pelo Instituto Camões e pelo ex-Ministério da Cultura?

Pep Foi o senhor embaixador de Portugal que se lembrou de me fazer tal homenagem, com o apoio da ex-ministra da Cultura, Ana Maria de Oliveira, e estou satisfeito. As pessoas gostam de ser homenageadas. E também pode representar um certo interesse em termos de literatura angolana, por chamar a atenção para o que se vai escrevendo em Angola.

L&O Até que ponto os dois anos que esteve em Portugal contribuíram para que lhe atribuissem o Prémio Camões?

Pep Penso que o tempo que estive em Portugal não teve nada a ver com a minha indicação para o Prémio Camões. Até porque, mesmo antes de lá estar, já tinha havido essa indicação.

L&O Parece-lhe que o júri do Prémio Camões tem um conhecimento profundo da literatura dos PALOP?

Pep Acho que há alguma leitura das obras de um ou outro africano. Penso que as literaturas mais lidas são a portuguesa e a brasileira, por serem as mais fortes da CPLP. Mas podemos ficar satisfeitos porque o Prémio Camões já foi outorgado a dois escritores africanos, José Craveirinha e eu próprio.

L&O Concorda com os que dizem que a Europa é o centro do desenvolvimento cultural para África?

Pep Não. Já foi. A um dado momento influenciou, com a colonização, em particular. Mas sabe-se também que a África colonizou a Europa. Nós também podemos ter o orgulho de dizer que não é só da Europa que vem a civilização. Olha, este também é um tema para um livro interessante que gostaria de escrever. Só que não conheço suficientemente a conquista da Europa pelos africanos.

L&O Num artigo publicado no *Jornal de Angola*, Inocência Mata refere que Pepetela, no início, escrevia para si mesmo. É certo?

Pep Sim. Até porque não tinha a mínima hipótese de publicar, escrevendo em português. Seria mais fácil se escrevesse em francês, porque andava por países em que a língua francesa é dominante. Em português só podia publicar em Portugal ou em Angola, o que era absolutamente difícil. Também eu escrevia para mim mesmo, sobretudo para compreender o que andava a fazer neste mundo. Eu escrevia para aprender, para estudar. Ao escrever é que me ia apercebendo de algumas coisas, como foi o caso de *Mayombe*, aquela experiência de guerrilha, naquela mata. Queria perceber o que é que eu, B, C e D, andávamos a fazer naquela mata. Foi assim que aprendi a escrever.

L&O Que imagem tem da UEA?

Pep É a instituição possível no momento. A UEA seria indiferente à situação conjuntural do país?

L&O Como é que recebeu o Prémio UEA, 1996?

Pep Fiquei satisfeito, porque estava em boa companhia de Luandino Vieira e Uanhenga Xitu. Gostei de partilhar com eles este prémio.

L&O Que opinião tem das obras dos novos autores?

Pep Não gosto muito de falar de escritores. Eu acho que os escritores se devem preocupar com coisas reais. Devem escrever mais e falar menos. Parece-me que em Angola se está a passar um fenómeno que é o de os escritores falarem apenas, o que não é sua tarefa.

L&O Tem lido novos autores?

Pep Tenho. Tenho encontrado boas surpresas na prosa de José Agualusa e de Roderick Nehone, e também na poesia.

L&O Na sua opinião, quais devem ser as prioridades do Ministério da Educação e Cultura?

Pep Prioritariamente, não sei. A situação é tão complicada, neste país... Primeiro é preciso a paz, depois a organização e o reordenamento do país. Há um problema imenso com a vinda de gente a mais para a cidade. Hoje em dia, esta faixa litoral deve ter cerca de três quartos da população do país. E esta é a faixa pior para a agricultura, por ser quase desértica, onde não há água, sobretudo. Então penso que há que reorganizar o país, pôr as pessoas no sítio conveniente. Mas é preciso alargar a Educação e a Cultura, é preciso pôr todas as crianças na escola, como aconteceu momentos depois da proclamação da Independência. Agora, como? Aí é que está!

L&O Que política o governo deveria implementar na área do livro?

Pep Este é um problema importante. Acho que não era preciso muito para se fazer alguma coisa. Tem de haver um apoio do governo à edição, diminuindo os impostos sobre o livro ou mesmo fazendo-o desaparecer na sua totalidade. É necessário também um apoio de reforço às editoras, que pode ser, por exemplo, um subsídio para a compra de papel. É necessária a criação de uma distribuidora, que pode ser privada e ligada a uma editora.

L&O Com o regresso a Angola, volta a leccionar Sociologia no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Engenharia?

Pep Sim. Estou a leccionar e continuo a ser professor na Universidade.

L&O Assim não terá de viver de actividades marginais, já que, em entrevista ao JL de Lisboa, dizia que «em Angola o funcionário público que não é corrupto não existe, porque já morreu»?

Pep Risos. Bem, na Universidade, ainda há um salário que dá mais ou menos para viver. Ali, às vezes, somos solicitados para conferências e sempre se paga alguma coisa. Um professor universitário pode viver sem se marginalizar muito. Os ganhos e os biscates que aí se fazem talvez não sejam tão marginais assim. Mas, geralmente, em Angola uma pessoa dificilmente vive sem fazer algumas habilidades. Aqui toda a gente faz e eu próprio, às vezes, faço as minhas. Se me quiserem levar para a cadeia, levem!

L&O Que destino deu ao dinheiro do prémio?

Pep Está bem empregue. É para assegurar o futuro da minha filha.

L&O Que conselho dá a quem queira trilhar o mundo da literatura?

Pep Ler muito, viver, escrever, guardar, mostrar, rasgar, escrever, escrever. Fazer o que se quiser, mas escrever, porque assim como só se aprende a nadar estando na água, só se aprende a escrever, escrevendo.

L&O Durante o tempo em que ficou em Lisboa, como lhe pareceu a recepção do livro angolano no mercado português?

Pep Há pouco conhecimento do livro angolano em Portugal. Tirando quatro ou cinco escritores angolanos que são regularmente publicados em Portugal, os outros não são conhecidos. O problema também

reside no facto de os escritores angolanos não serem publicados regularmente em Angola. Veja-se que os escritores angolanos que hoje são publicados, facilmente, em Portugal primeiro foram publicados aqui. Naquela altura, havia um acordo entre a União dos Escritores Angolanos e editoras portuguesas, em que os livros eram feitos para Angola e uma parte ficava à venda em Portugal. Foi assim que alguns escritores angolanos foram sendo conhecidos e conquistando leitores.

L&O Que avaliação faz da crítica literária angolana?

Pep Quase não existe. E digo isto há muitos anos: faz falta a crítica literária. Os únicos que faziam crítica literária eram o David Mestre, que já morreu, o Bonavena, que não está cá, e o Luís Kandjimbo, que não sei se continua a fazê-la.

L&O Que livro está a escrever?

Pep Neste momento estou a escrever algumas coisas. Ainda não é nada. Ainda não é um livro. Só estou a escrever.

L&O Já alguma vez se interrogou sobre a possibilidade de a criação artística estar sob orientação de alguém que vive para lá das nuvens?

Pep Não!

L&O Nunca escutou a «voz» de Deus?

Pep Qual Deus?

L&O Para si, quem é Deus?

Pep Sou eu. É o homem, somos todos nós.



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Nesta entrevista, verifica-se, claramente, uma progressão temática.
 - a) Identifica as várias partes que constituem a entrevista, de acordo com o assunto abordado.
- 02) Imagina a conclusão que o jornalista poderia ter redigido, pronunciando-se sobre a realização da entrevista e sobre o entrevistado.
- 03) Realiza uma investigação sobre o escritor angolano Pepetela e elabora um texto informativo a partir das informações recolhidas.

Incêndios

Enquanto escrevo, arde em Beirute o consulado da Dinamarca. Não sei como estará o mundo quando esta minha crónica vier a lume. Vir a lume, aliás, parece-me uma expressão particularmente apropriada para estes dias. A qualquer observador culturalmente situado na Europa terá surpreendido a enorme desproporção entre a ofensa provocada por meia dúzia de obscuros caricaturistas dinamarqueses e a reacção enfurecida das multidões nos países islâmicos. É um pouco como imaginar que dois países possam entrar em guerra devido, por exemplo, a um desafio de futebol. E, no entanto, isso já aconteceu. Em 1969, na sequência de um jogo de apuramento para o mundial, entre a selecção nacional das Honduras e a de El Salvador, tropas salvadorenhas cruzaram a fronteira do país vizinho, dando início a um conflito que ficou conhecido como a guerra do futebol.

A história da humanidade está cheia de guerras horríveis que começaram por motivos aparentemente mesquinhos. Por outro lado, aquilo que parece a um leigo uma simples pedra, sem qualquer serventia, pode ter uma importância extraordinária para, por exemplo, um geólogo – ou para um palestiano. Isto é particularmente verdade no que diz respeito a questões de fé. A fé não se discute, não se pode discutir, pelo simples motivo de que não pertence ao domínio do racional. Não se contesta um sonho por parecer inverosímil. Faz parte da natureza dos sonhos o serem absurdos. Antigamente a vida dos homens era quase inteiramente controlada pelo assombro, o mistério, o sagrado, ou, se preferirem, a escolha é vossa, por uma vasta arquitectura de superstições.

A ciência foi-se pouco a pouco substituindo à magia. Ainda hoje, porém, em todas as grandes cidades da Europa, muitos milhões de pessoas condicionam as suas acções, ao longo do dia, à deriva dos astros, ou à sorte das cartas. Outros milhões, senão os mesmos, ajoelham-se diante de uma imensa legião de pequenas divindades, e muitas são capazes de matar, ou de se deixar matar, para protegerem uma qualquer figura de barro. Em noites de trovada, a minha avó cobria os espelhos com cobertores. Eu continuo a fazer isso, não por acreditar que os espelhos são capazes de atrair os raios, mas porque, ao fazê-lo, me sinto de alguma forma ligada à minha avó e à avó dela e assim sucessivamente.

Há muitas interpretações do Islão, da mesma forma que existem muitas versões da doutrina de Cristo, desde as pacifistas às mais violentas e belicistas. O exemplo de Jesus Cristo inspirou a Gandhi, que nem sequer era cristão, mas o seu nome também foi utilizado para justificar os crimes da Inquisição, as Cruzadas ou, mais recentemente, do colonialismo português. Os meus amigos muçulmanos ficaram tão chocados com as caricaturas dinamarquesas como com a reacção das multidões em alguns países nos quais o Islão é a religião maioritária.

O lado positivo de todo este incrível episódio é que ele nos conduziu a um aceso debate, não apenas no Ocidente mas também nos países da liberdade de expressão e do direito à defesa do sagrado. Há aqui matéria para criar um debate apaixonante. Lançar fogo a edifícios ou a bandeiras, porém, equivale a fugir dele. Não há volta que se lhe dê: a violência é sempre uma cruel exibição de estupidez.



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Em que acontecimento se baseou Faíza Hayat para redigir esta crónica?
- 02) Sintetiza a opinião da autora sobre este assunto.
- 03) Por que razão classificamos este texto como sendo uma crónica?
- 04) Atribui um outro título ao texto.



Relembrar Viriato da Cruz

Viriato Francisco Clemente da Cruz nasceu na vila de Porto Amboim, freguesia de Santo António, Província do Kuanza Sul, a 25 de Março de 1928. Era filho de Francisco Abel da Cruz e de Clementina Clemente da Cruz. Fez os seus estudos primários e secundários em Luanda, tendo passado por vários estabelecimentos de ensino da época, dentre os quais se destaca o Colégio D. João II. Entre os anos de 1940 e 1946, estudou Letras no Liceu Nacional Salvador Correia, tendo frequentado o 7.º ano, sem, no entanto, o concluir.

Em Luanda, desenvolveu as suas actividades patrióticas e literárias, tornando-se um poeta apreciado.

Realizou os seus estudos políticos em contacto com a intelectualidade da época, dentre os quais se realça Mário Pinto de Andrade e Higinio Aires (1947-1948).

É exactamente nesta época que Viriato da Cruz lança o movimento cultural «Vamos Descobrir Angola», que viria a impulsionar a consciencialização dos seus aderentes sobre as «coisas do país», nomeadamente sobre a criação literária e artística com carácter endógeno, factores que, mais tarde, tornaram possível o surgimento do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola.

Atacado dos pulmões e sofrendo de tuberculose, Viriato da Cruz é internado no Hospital Central de Luanda (Maria Pia), tendo recebido, em meados de 1948, a visita de Mário Pinto de Andrade, companheiro com quem, já nessa ocasião, trocava literatura, textos de natureza política e ideológica e confidências políticas. Curado definitivamente da doença que o afligia, Viriato da Cruz não retoma os estudos e emprega-se na administração pública, primeiro na secretaria da Escola Industrial de Luanda, de onde foi transferido, na primeira década de cinquenta, para a secretaria do Liceu do Lubango. Daí transfere-se para o Lobito e, numa firma privada, a Singer, consegue um emprego mais bem remunerado, de onde é transferido mais tarde para Luanda, como gerente dessa firma.

Sentindo-se muito vigiado pela Pide, Viriato da Cruz deixa Angola, o que acontece a 30 de Setembro de 1957. Vai para Lisboa, viajando semiclandestino no paquete *Uíge*, sem se despedir da Singer. Segue, mais tarde, para Paris, onde, com outros companheiros, participa na «Reunião de consulta e estudo para o desenvolvimento da luta nas colónias portuguesas».

Expulso de França, Viriato da Cruz segue para Frankfurt e daí para Berlim, a convite da Associação dos Escritores da então RDA. Entre Setembro e Outubro de 1958, participa no Congresso dos Escritores Afro-Asiáticos, em Tachkent.

Em Março/Abril de 1959, Viriato e outros companheiros representando o «grupo das colónias portuguesas» participam em Roma (Itália) no II Congresso dos Escritores e Artistas Negros, apresentando uma mensagem que figura no relatório do Congresso.

De 1966 a 1969, Viriato foi funcionário da Associação dos Escritores Afro-Asiáticos, exercendo as suas funções conjuntamente com a tarefa de escrever. Publicou artigos de natureza política e ideológica e de opinião em distintos jornais e revistas da República Popular da China.

Viriato da Cruz faleceu em Pequim, a 13 de Junho de 1973, devido a um enfarte de miocárdio, deixando viúva e uma filha. Pioneiro de uma poesia de vanguarda, genuinamente angolana, Viriato da Cruz tem colaboração dispersa em *Mensagem* (Luanda), *Mensagem* (Lisboa, CEI), *Padrão*, *Diário de Luanda*, *Jornal de Angola*, *Itinerário*, *Notícias do Bloqueio*, *Angola*, *Boletim da Sociedade de Cultura em Angola* e outras publicações de Angola e Moçambique.

Figura em: *Antologia dos Novos Poetas de Angola*, Luanda; *Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, Lisboa, 1953; *Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, Paris, 1958; *Estrada Larga*, selecção de textos e poesia do suplemento «Cultura e Arte» d'O Comércio do Porto, 1962; *Estudos Ultramarinos*, n.º 3, Lisboa, 1959; *Poetas e Contistas Africanos*, São Paulo, 1963; *Literatura Africana de Expressão Portuguesa* (antologia temática), Volume I, Argel, 1967; *No Reino do Caliban; Textos Africanos de Expressão Portuguesa*, Luanda.

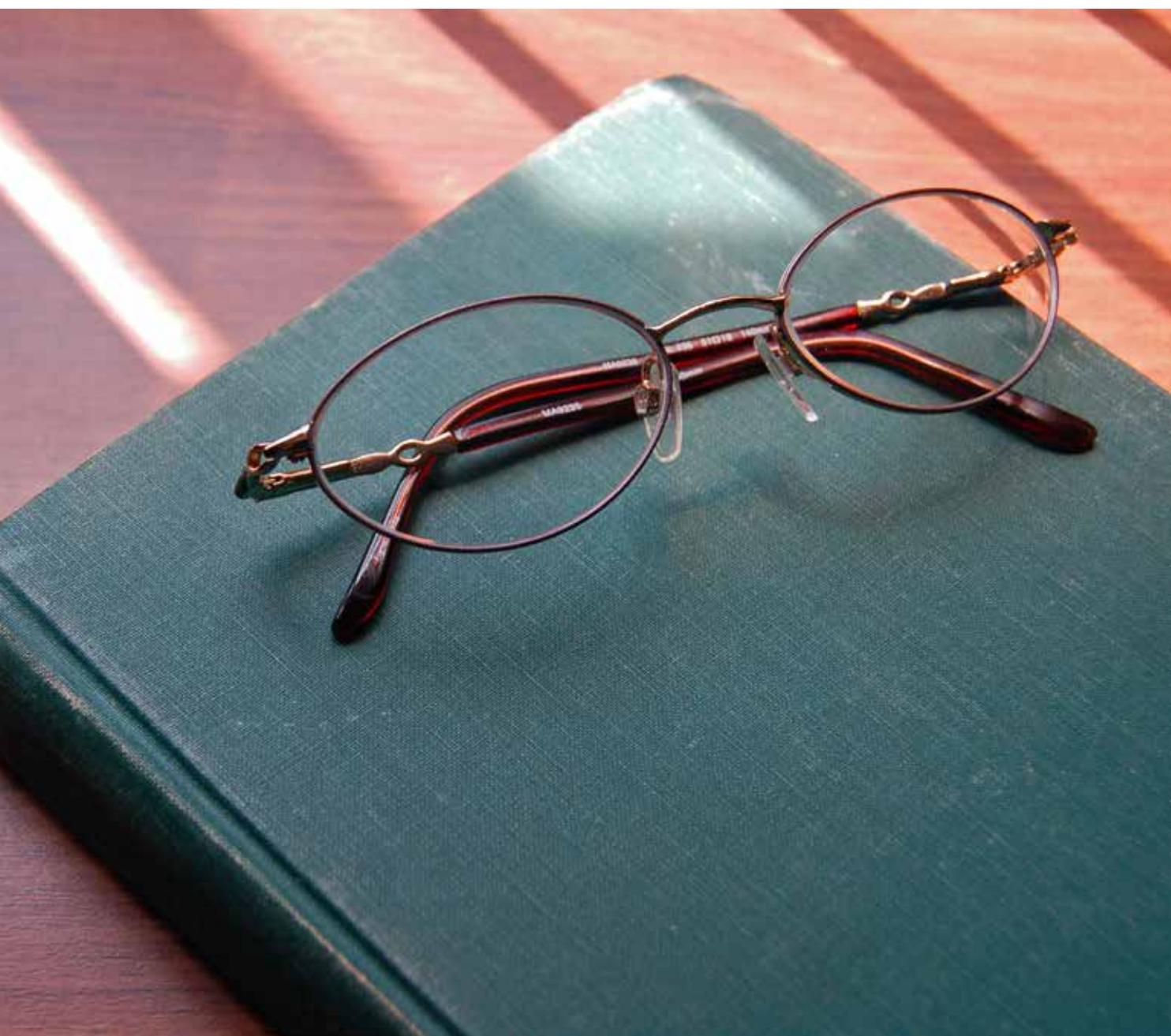
Publicou: *Poemas*, Lisboa, 1961; *Poemas*, Lobito, 1974; *Poemas*, Luanda, União dos Escritores Angolanos. Publicou, igualmente, na República Popular da China, uma colectânea de poemas na língua chinesa, poemas esses inéditos em português.

EME – *Publicação Mensal de Opinião e Informação Geral*,
Março de 1998 (excerto com supressões)



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Identifica os tipos de texto que leste nas páginas 101-105.
- 02) Traça a tua autobiografia. Para isso indica: o teu nome; o nome dos teus pais; onde nasceste; quantos anos tens; quais são os tuas brincadeiras preferidas; se gostas de ler e quais os livros que preferes; outras informações a teu respeito que julgares importantes.
- 03) Respeitando as características deste tipo de texto, elabora o teu *Curriculum Vitae*.



UNIDADE 5

TEXTO EXPLICATIVO

O Texto Explicativo

Como sabes, o texto explicativo tem sempre uma questão como ponto de partida e transmite informações hierarquizadas com o objectivo de fazer compreender determinados factos. Distingue-se do texto informativo por ter uma função didáctica.

Esta tipologia textual permite, por exemplo, explicar as razões de uma determinada obra ou da estética desenvolvida por um autor; fazem também parte desta tipologia histórias onde surja um problema para resolver, a forma de o solucionar e a conclusão final.

O texto explicativo tem características próprias: expõe, esclarece, explana com clareza e evidencia factos, assuntos, temas de várias ciências e, eventualmente, instruções.

Como **suporte linguístico**, este tipo de texto utiliza:

- proposições causais;
- frases conclusivas;
- uma organização lógica das ideias.

A **estrutura explicativa** desenvolve-se, geralmente, em três fases:

- uma fase de questionação;
- uma fase de resolução;
- uma fase conclusiva.

Assim, corresponde, frequentemente, a uma estrutura elementar do tipo: **Porquê (ou como)? + porque...** (ou **se fizermos isto**) + **avaliação**.

Uma Reflexão sobre Modelos na Literatura Angolana

De facto, continuamos convencidos de que os trabalhos de crítica sobre obras individuais, que informam sobre a especificidade de cada escrita e/ou actor, devem ser conjugados com uma percepção global de cada sistema literário nacional, sua evolução e sua sistematização. É que só o conhecimento sistematizado da poética africana permitirá a elaboração de modelos teóricos, porventura mais adequados ao estudo da(s) literatura(s) africana(s). Pensamos, assim, ser importante isolar, determinar e estudar o valor dos núcleos de signos histórico-ideológicos, sociais e culturais que terão contribuído para a existência, na actual literatura angolana, de um período eclético de termos de realizações de escrita e de tendências estéticas, em que o (mero) experimentalismo técnico-formal se casa, por vezes, com a máxima inventividade semântica e com formas que relevam de programas ideológicos e compromissos culturais e intelectuais.

A publicação de *Kissoco de Guerra* (1990), de Henrique Abranches, de *Lueji* (1990), de Pepetela e os *Patriotas* (1991), de Sousa Jamba, veio iluminar as nossas reflexões sobre a informação de uma escrita de que *Mayombe* e *Yaka*, também de Pepetela, e já antes *Nzinga Mbandi*, de Manuel Pedro Pacavira, pareciam ser ocasionais actualizações da inquirição sobre o perfil da identidade pátria, da (re) escrita da História.

Com efeito, a construção desta feição estética reside no resgate da riqueza do património etnográfico e dos valores tradicionais do depósito oral para os ficcionalizar, levando-os à categoria da fábula, num programa de consolidação dos alicerces da literatura africana em universo africano. Neste contexto citaríamos *A Morte do Velho Kipacaça*, de Boaventura Cardoso, *A Konkhava de Feti ou Três Histórias Populares*, de Henrique Abranches, a níveis diferentes de ficcionalidade. Estes textos são, parece-nos, exemplos de reinvenção e recodificação de símbolos tradicionais e sua integração noutra realidade ficcional e ideológico-política.

Estudiosos da literatura angolana, têm, com efeito, colocado na narrativa oral as matrizes da estória, forma que, a partir da segunda metade do século XX, foi veículo de subversão da hegemonia do discurso literário metropolitano – e não dizemos português, note-se!

Inocência Mata, in *Anais*,

I Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa

Programa Ano 2000 - Alimento para Todos

- 5 1) Recuperar para a vida activa, através das frentes de assistência regionais, as populações em estado endémico, promovendo com elas, de forma intensiva, a sua capacidade endógena de auto-suficiência alimentar, através da plena activação do sector da produção agrícola e da criação de animais domésticos, utilizando racionalmente as novas tecnologias aplicáveis para o melhor aproveitamento de solos e diversificação de produções a custos baixos neste sector.
- 10 2) Fazer participar os beneficiários, em todos os estádios da realização, nas acções destinadas ao reforço e conservação das estruturas de produção de víveres.
- 3) Elevar a capacidade de resposta da função sanitária e adequar as formas de prevenção das doenças, visto ser a calamidade da fome a maior fonte actual de doenças várias.

APROVEITAMENTO DE BENS EXCEDENTES NOS PAÍSES DESENVOLVIDOS

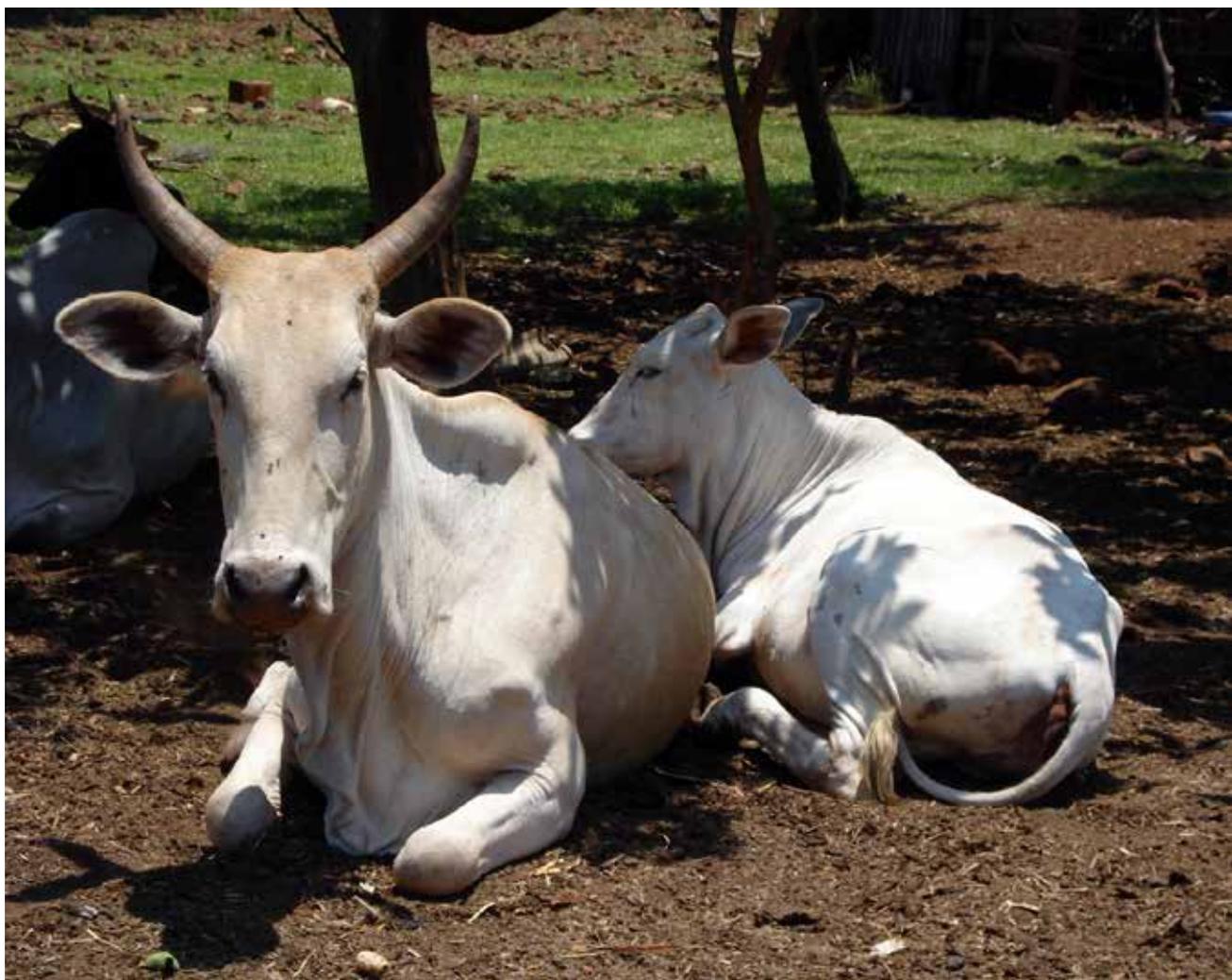
15 Como se sabe, é do conhecimento das demais instâncias internacionais que é frequente, em muitos países europeus desenvolvidos, destruírem-se, em nome da estabilidade dos preços e do proteccionismo do lucro, importantes quantidades de bens alimentares!

20 Esta prática é, no seu todo, contrária ao uso elementar da razão, porquanto imensas pessoas morrem, diariamente, por falta de alimentos. Não é desejo da Liga Permanente Internacional de Combate à Fome questionar quem quer que seja se, sob o ponto de vista de interesses económicos reais, tal prática é ou não lícita no quadro dos Direitos Humanos. Porém, julga-se que, em nome da vida humana, que constitui o meio e o fim de todos os passos dados pelo homem, esta prática jamais devia ter lugar. Em boa fé, admite-se que esta prática tem ocorrido devido à falta de estruturas devidamente articuladas para centralizar e deslocar regularmente 25 tais bens para os países flagelados pela fome, onde o consumo gratuito destes bens não afecta a estabilidade dos preços; pelo contrário, eleva os lucros por consequência da minimização dos custos de conservação de grandes stocks destes, existentes nos países desenvolvidos. Com efeito, doravante, aquele obstáculo 30 fica definitivamente anulado, uma vez que a Liga Permanente Internacional de Combate à Fome disporá, nas cidades principais dos países desenvolvidos, de centros de recolhas de bens, devidamente equipados com sistemas de frio para conservação de alimentos e sistemas de esterilização de roupas usadas, donde 35 estes bens serão deslocados com regularidade para as frentes de assistência nas regiões de carências.



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Identifica os principais objectivos do «Programa Ano 2000 – alimento para todos».
- 02) Por que razão são destruídas grandes quantidades de bens alimentares em muitos países europeus desenvolvidos?
- 03) Indica um dos meios de que dispõe a Liga Permanente Internacional de Combate à Fome para concretizar o seu programa.



Frutos e iogurte - Seu Valor Nutricional

O iogurte é um alimento de grande valor nutricional, pelo que há muito tempo é recomendado como «fonte de saúde».

O cálcio (sal mineral) é um nutriente que está presente em grande quantidade no leite. Sendo o iogurte um derivado do leite, este alimento é, também, rico em cálcio.

- 5 O organismo humano assimila mais rapidamente o cálcio do iogurte do que o do leite, razão por que se poderá dizer que o iogurte é um elemento indispensável ao crescimento e à estabilidade óssea.

Para além de cálcio, o iogurte contém vitaminas (A; B1; B2; B5; B6; B8; B12 e ácido fólico) que contribuem para uma boa saúde.

- 10 O iogurte é um alimento muito digestivo, a tal ponto que existem pessoas que não suportam o leite, em termos digestivos, uma vez que o seu organismo não tem capacidade de digerir a lactose (açúcar do leite). No entanto, suportam o iogurte.

Há iogurtes para todos os gostos:

- com aroma;
- 15 • com pedaços de frutas;
- magros;
- gordos;
- naturais.

- 20 Para os que gostam de beber, têm iogurte líquido, não esquecendo também o batido e mesmo o sólido.

Na constituição do iogurte existem dois fermentos:

- *Lactobacillus bulgaricus*;
- *Streptococcus thermophilus*.

Razão por que podemos afirmar que o «iogurte é um produto vivo».

- 25 Mas a saúde não se obtém só pelo consumo de iogurte. São também importantes na nossa alimentação os frutos.

Vejamos algumas características de frutos tais como o dióspiro.

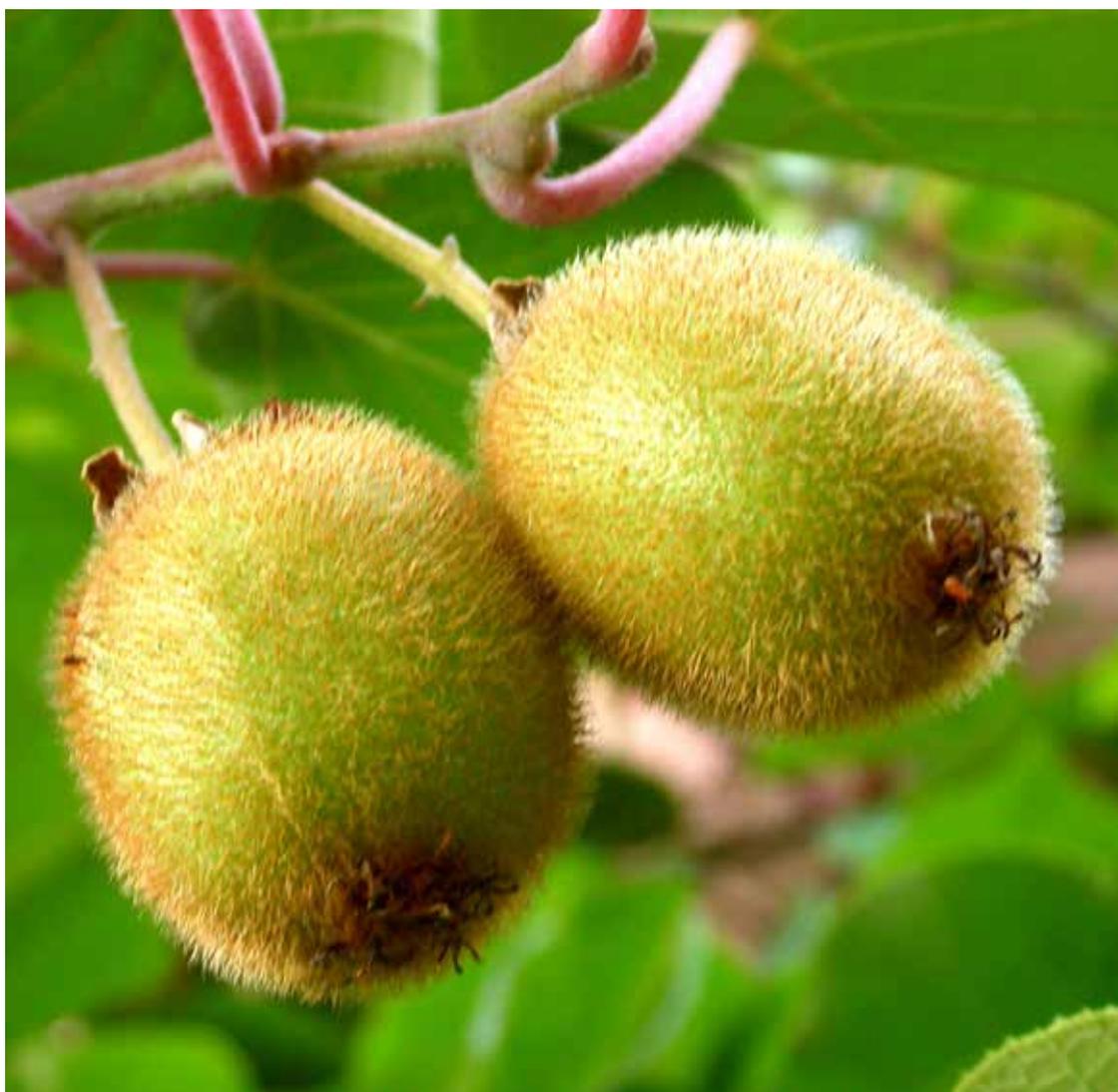
- 30 Com sabor agridoce, deve comer-se muito maduro. Possuidor de grandes quantidades de vitamina A, de cor vermelha-alaranjada, é um fruto considerado de Inverno, pois a sua colheita é feita entre Novembro e Janeiro.

Os dióspiros podem ser utilizados na confecção de pratos de galinha.

Da família dos citrinos, a lima tem uma pequena forma arredondada, casca fina, cor verde amarelada e sabor acre. Rica em vitamina C, é frequentemente usada como tempero de saladas em substituição do limão.

- 35 Os figos são frutos altamente nutritivos, quer sejam comidos frescos ou secos. São um óptimo remédio na cura da obstipação (prisão de ventre) e recomendados aos doentes com hepatite e cálculos biliares, pois são muito ricos em vitamina A, B1, B2, C e também possuem ferro e cálcio. Para os doentes com bronquite recomenda-se uma infusão de figos.
- 40 Fruto tropical, o maracujá possui um sabor exótico. Existem mais de 400 espécies de maracujás e todas elas podem ser utilizadas na confecção de agradáveis gelados. O kiwi é um fruto extremamente rico em vitamina C (é seis vezes mais rico do que a laranja). O seu sabor lembra uma mistura de uva-espim com banana. Pode ser utilizado em bolos, gelados e saladas de frutos.

ANIL – Associação Nacional dos Industriais de Lacticínios



Conservação dos Alimentos: do Passado aos Nossos Dias

Adicionar aos alimentos substâncias que lhes são estranhas é uma prática com raízes antigas.

A expressão «da mão para a boca» só fez sentido enquanto o homem foi caçador e colector. Nesta altura não havia necessidade de conservar os alimentos.

- 5 O problema da conservação dos alimentos surgiu, sobretudo, com a Revolução Industrial, devido à migração das populações para as cidades, em que o consumidor deixou de ser produtor. Assim, surgiu a necessidade de preservar durante mais tempo o que ia sendo produzido.

- 10 A salga foi um dos primeiros processos a ser utilizados, como se pode provar pelas referências que surgem no Antigo Testamento a este método de conservação.

Relendo escritos persas, a secagem e o fogo surgem como meios para conservar os alimentos.

- 15 O fogo confere aos alimentos novos sabores, devido às substâncias que neles são introduzidas. Hoje, o valor destas substâncias está a ser posto em causa, pois são consideradas substâncias cancerígenas.

O açúcar, outra substância usada na Antiguidade, continua a ser usado em larga escala na conservação de frutas em calda.

- 20 Com os trabalhos de Pasteur e Prescott, os problemas da conservação passaram a ser encarados do ponto de vista científico. Foi assim que surgiu a pasteurização e a ultrapasteurização e a esterilização. Pasteur, com os seus trabalhos, concluiu que as altas temperaturas destruíam as bactérias.

Outro processo de conservação consiste na utilização de baixas temperaturas: a refrigeração e a congelação.

- 25 Modernamente, utilizam-se produtos que inibem o crescimento ou matam microrganismos – os conservantes. O seu uso pode ser questionável, uma vez que, frequentemente, eles servem para camuflar a falta de condições higiénicas durante o fabrico do alimento ou para defraudar o consumidor ao diminuir o seu valor nutritivo. Os conservantes devem ser utilizados em concentrações inferiores a 0,5%.

- 30 Como alerta final, lê atentamente a rotulagem dos alimentos que adquires.

Revista Alimentação e Nutrição (adaptado)



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Em que altura se tornou mais premente a necessidade de conservar os alimentos?
- 02) Indica os processos de conservação de alimentos referidos no texto.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) Atenta nas seguintes passagens do texto:
- «o valor destas substâncias está a ser posto em causa...» (l. 14);
 - «O açúcar (...) continua a ser usado em larga escala...» (ll. 16-17).
- a) Qual o tipo de conjugação presente nas passagens sublinhadas?
- b) Que ideia sugere este tipo de conjugação?
- c) Classifica as formas verbais que as constituem.
- d) Identifica a voz utilizada nas duas passagens.
- e) Rescreve-as, utilizando a voz contrária.
- 02) «... lê atentamente a rotulagem dos alimentos que adquires.» (l. 30).
- a) Faz a análise sintáctica da passagem transcrita.
- b) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.



CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Justificação do Nobel de Literatura de 1998

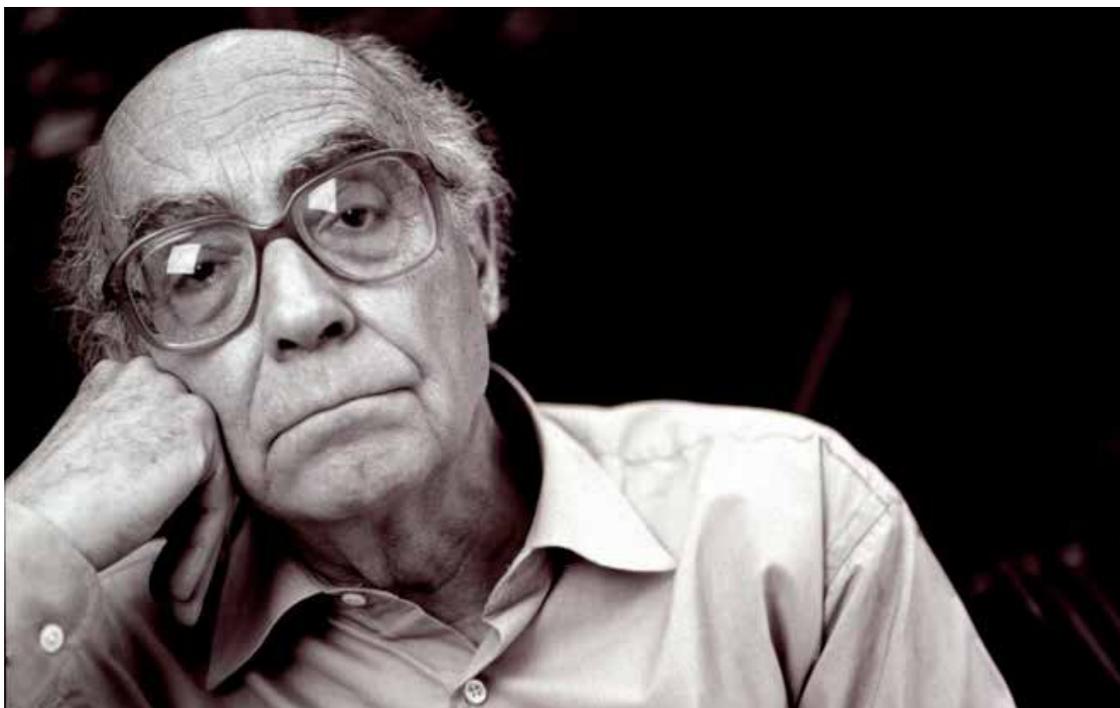
José Saramago pertence à categoria oposta, à dos escritores que repetidamente parecem querer inventar um mundo e um estilo novos. No seu romance *A Jangada de Pedra*, separa a Península Ibérica da Europa e fá-la deambular no Atlântico, uma abertura que prenuncia uma abundância de possibilidades para uma descrição satírica da sociedade. Em *História do Cerco de Lisboa*, não encontramos nenhum vestígio desta catástrofe geológica. Em *Ensaio sobre a Cegueira*, a epidemia que priva as pessoas da sua visão está circunscrita ao próprio romance. Em *Todos os Nomes*, na Conservatória do Registo Civil, não há eco da feroz propagação da cegueira. Saramago parece tentar criar um novo modelo de apreensão de uma realidade evasiva, consciente de que cada modelo é uma aproximação crua que pode admitir outros valores aproximados na verdade, um que os reclame a todos. Condena tudo aquilo que proclame ser «a única versão». As suas imagens do mundo, aparentemente contraditórias, têm de ser postas lado a lado, acautelando as suas próprias alternativas de uma existência que é, fundamentalmente, versátil e impossível de abarcar.

Saramago adoptou uma exigente disciplina artística que permite que as leis da natureza ou do senso comum sejam violadas num só aspecto decisivo, seguindo as consequências da sua irracionalidade com toda a racionalidade lógica e observação exacta de que é capaz. Em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, faz um retrato de carne e osso de uma figura imaginária, uma das máscaras adoptadas pelo poeta Fernando Pessoa. Mas este milagre estende-se a um magistral retrato realista de Lisboa nos anos 30. Por sua vez, a separação da Península Ibérica, que permite que esta se desloque para o Atlântico, é uma violação da natureza humana. Porém, o que se segue é uma descrição precisa e hilariante das consequências desta aberração absurda. Em *História do Cerco de Lisboa*, a ordem aceite das coisas é subvertida de uma forma mais discreta. Um revisor introduz um «não» num livro sobre a reconquista aos mouros, alterando o curso da História. Como penitência, é obrigado a escrever uma história alternativa que traça as consequências da sua emenda.

No mesmo espírito, Saramago publicou também uma nova e maravilhosa versão do Evangelho, uma versão na qual a contravenção da ordem esperada é encontrada no mesquinho desejo de poder de Deus, de modo que o papel de Jesus é redefinido como um desafio. Talvez o maior alcance do fantástico esteja em *Memorial do Convento*, onde a heroína clarividente congrega os desejos dos moribundos – energia que torna possível a viagem aérea no livro. Mas ela e o seu amor também estão inseridos num processo histórico descrito objectivamente, neste caso a construção do convento de Mafra, que custou tanto sofrimento humano.

- 40 Esta obra rica, com as suas perspectivas mutáveis e renovadas imagens do mundo, recebe a sua unidade de um narrador cuja voz está sempre connosco. É um contador de histórias da velha espécie omnisciente, um mestre de cerimónias que fica no palco junto das suas criações, comentando-as, guiando os seus passos e, por vezes, piscando-nos os olhos sob os holofotes. Mas usa estas técnicas tradicionais com uma divertida distância. O narrador é, também, um conhecedor profundo
- 45 das técnicas contemporâneas do absurdo e desenvolve um cepticismo moderno, quando confrontado com a omnisciente proclamação de ser capaz de dizer o estado das coisas. O resultado é uma literatura caracterizada por uma sagaz reflexão e por uma visão interior dos limites da sagacidade, pelo fantástico e pelo realismo preciso, pela empatia cautelosa e pela acuidade crítica, pelo ardor e pela ironia.
- 50 Caro José Saramago [proferido em português], quem tentar retratar a sua obra acaba por articular uma série de paradoxos. Criou um cosmos que não quer ser um universo coerente. Deu-nos versões engenhosas de uma história que não se deixa aprisionar. Entrou no palco como o género de narrador com que, há muito tempo, nos familiarizámos. Mas com todas as nossas liberdades contemporâneas nos seus dedos e imbuído de um cepticismo contemporâneo acerca do conhecimento
- 55 definitivo. A sua marca distinta é a ironia associada a uma simpatia perspicaz, distância sem distanciação. Espero que este prémio atraia muitas pessoas para o seu mundo rico e complexo. Desejo exprimir as felicitações da Academia Sueca, ao mesmo tempo que lhe peço que receba o Prémio Nobel da Literatura das mãos de
- 60 Sua Majestade, o Rei.

Kjell Espmark (membro da Academia Sueca e Presidente do Comité do Nobel)
– texto proferido no momento da entrega do galardão (adaptado)



O Sangue da Buganvília

Cada crónica deste livro propicia uma leitura que sugere o exercício de um caminhar lento e lúdico.

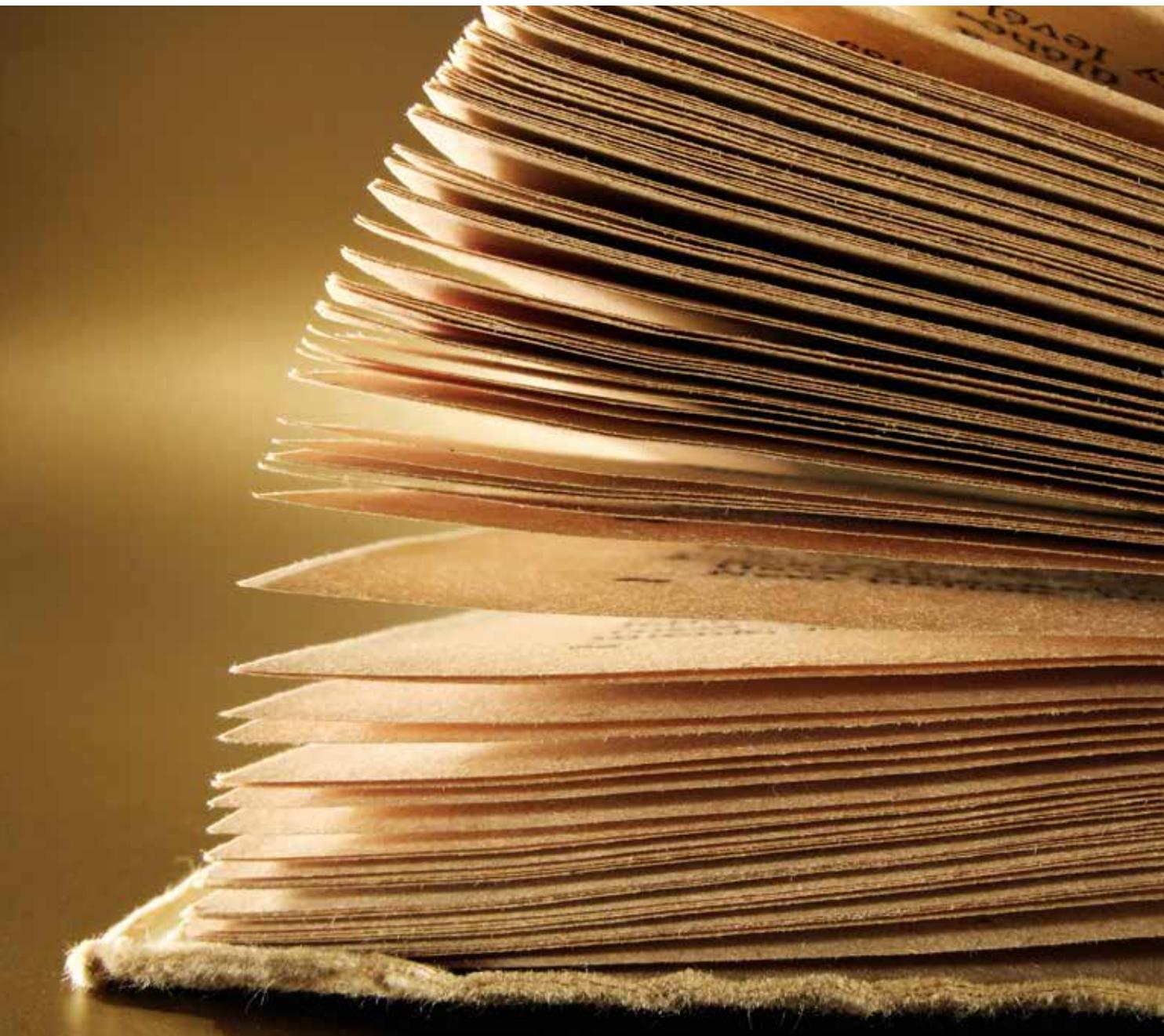
5 Não cheguei à conclusão de ter já ouvido falar do assunto tratado. Tal nem me pareceu essencial. Senti, ao invés, que a autora logra discorrer, de modo diferente, evidenciando a percepção das coisas e do espaço em que viveu, imprimindo-lhe dicções com menor vulgaridade.

10 Os textos trazem subjacentes um tempo vivido em que factos vão impregnando as ideias e os pensamentos de hoje. Mas há, igualmente, um desejo de fazer com que o próprio texto resista à tentação da efemeridade. Poderão ocorrer dúvidas justificadas relativamente ao facto de estarmos perante uma crónica, quando se lêem textos como estes: «Língua Materna», «A África das Cidades», «Viver nas Cidades» e «Países Africanos, Língua Portuguesa, Passado, Presente e Futuro».

15 Na verdade, *O Sangue da Buganvília* pende entre uma tonalidade e atitude ensaísticas que se sentem reprimidas e a brevidade subjectiva da crónica, acabando por ganhar feições da crónica pela intencionalidade e circunstâncias em que os textos são escritos e o veículo que os suporta no imediato.

20 A autora de *Ritos de Passagem* – seu primeiro livro – revela aqui uma personalidade polivalente de que é impossível ignorar as capacidades virtuais e a beleza dos sentimentos. Com *O Sangue da Buganvília*, metáfora que parece ser tributária daquela buganvília de *O Cão e os Calús*, de Pepetela, crescendo no quintal da herdade dos «novos ricos», Ana Paula Tavares consegue fornecer respostas inequívocas, possíveis na literatura, confrontada com os desafios que a condição de expatriada representa para a segurança ontológica de qualquer indivíduo.

L. K.



UNIDADE 6

TEXTO INJUNTIVO/APELATIVO

O Texto Injuntivo/Apelativo

Como sabes, o texto injuntivo tem como objectivo controlar o comportamento do seu destinatário: impõe regras de comportamento ou fornece instruções para o cumprimento rigoroso de diferentes etapas com vista à realização de uma acção, de acordo com uma ordem cronológica.

São exemplos desta tipologia textual:

- regras ou instruções;
- anúncios;
- cartazes;
- propaganda;
- logótipos;
- rótulos;
- etiquetas, etc.

Quando redigimos este tipo de textos, é importante termos em conta o ponto de vista do interlocutor, pelo devemos utilizar frases ou expressões sugestivas e razões ou factos pertinentes e interessantes para aquele a quem nos dirigimos.

O texto injuntivo utiliza, geralmente, a função apelativa da linguagem.

Deve cuidar-se para que, designadamente na propaganda e na publicidade, o texto linguístico esteja em perfeita harmonia com o texto icónico (imagem). A palavra e a imagem devem estar bem combinadas para terem impacto público.

Além dos géneros que já conheces dos anos anteriores, são textos de natureza injuntiva/apelativa: a convocatória e o requerimento.

1) CONVOCATÓRIA

Convocar é chamar, convidar (para reunião), mandar comparecer; a convocatória é, pois, uma carta, circular ou ordem que solicita a comparência e a participação de alguém numa determinada reunião (conselho, assembleia, etc.).

Apresentamos-te, a seguir, um exemplo de convocatória.

Associação de Estudantes do Ensino Médio

Convocatória

Nos termos do Artigo 4.º, ponto 3, do Estatuto da Associação de Estudantes do Ensino Médio, convocam-se os alunos para uma Assembleia Geral, a realizar-se no dia 5 de Dezembro, pelas 15 horas, no anfiteatro do IMEL, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Apresentação das contas do ano lectivo de 2000.
2. Aprovação do Plano e Actividades da Associação para o ano lectivo de 2001.

Luanda, 15 de Novembro de 2000.

O Presidente da Assembleia Geral,
Assinatura

2) REQUERIMENTO

É uma petição por escrito dirigida a uma pessoa de hierarquia superior ou a uma autoridade.

O requerimento é constituído por quatro partes:

- vocativo – indicação da pessoa a quem se dirige o pedido;
- identificação da pessoa que pede – indica-se tudo o que for pertinente para que o destinatário fique a saber quem é o requerente (nome, filiação, data e lugar de nascimento, estado civil, número do B.I., etc.);
- assunto do requerimento – logo a seguir à identificação, apresenta-se o pedido (através dos verbos «requerer» ou «solicitar») e o fim a que se destina;
- conclusão – com a forma oficial «Pede deferimento», seguida da indicação do local e da data e, por fim, da assinatura do requerente.

O discurso do requerimento é de 3.^a pessoa. O papel de requerimento pode ser uma folha de papel azul pautada (25 linhas) ou uma folha branca tipo A4.

Quadros-Negros

O quadro-negro é altamente utilizado como recurso didático. Ele é muito útil para desenhar diagramas ou figuras, para enfatizar palavras-chave ou pontos. Os gizos coloridos são baratos e tornam mais interessantes os materiais escritos e diagramas.

- Pratique a utilização do quadro-negro antes das sessões.
- Utilize um apagador limpo que remova bem o giz.
- Coloque no quadro o material necessário antes de os alunos chegarem.
- Evite escrever demais no quadro – e não fale virado para ele. Os alunos ficarão entediados, olhando para as suas costas.

Recupere um quadro-negro

Pinte novamente os quadros-negros velhos e gastos. Você pode fazer quadros permanentes fazendo uma superfície lisa com reboco numa parede. Um bom tamanho é 1 m x 1,5 m.

- 1) Faça uma argamassa misturando quatro partes de areia com uma parte de cimento.
- 2) Quando o reboco estiver quase duro, alise-o com uma trolha.
- 3) Cubra a parede com um saco molhado ou plástico para que ela seque devagar, evitando rachaduras.
- 4) Deixe secar completamente por vários dias antes de pintar.

Podem fazer-se quadros-negros portáteis com pedaços de madeira compensada. Lixe bem a madeira antes de a pintar.

Tinta

Pode comprar tinta especial para quadros-negros ou fazê-la você mesmo. Seguem-se duas receitas. Aplique, pelo menos, duas camadas de tinta. Antes de utilizar o quadro-negro, esfregue o quadro com um pano coberto de pó de giz.

Receita 1

- 1 parte de negro-de-fumo
 - 1 parte de verniz
 - 1,5 partes de querosene
- 1) Misture bem o verniz e o querosene.
 - 2) Acrescente o negro-de-fumo e misture completamente.

Receita 2

- 1 lata de tinta fosca (não lustrosa) escura-negra, verde-escura ou castanha
 - 2 tijolos cozidos em forno
 - tecido de malha grossa
- 1) Dê uma primeira camada de tinta.
 - 2) Para acrescentar um abrasivo à última camada de tinta, moa os dois tijolos cozidos em forno para fazer um pó fino.
 - 3) Passe o pó por um tecido de malha grossa para remover fragmentos.
 - 4) Acrescente uma parte do pó para 10 partes de tinta. Misture bem.

Passo a Passo, n.º 43, Agosto de 2000 (adaptado)



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Aponta as características do texto que nos permitem integrá-lo na tipologia do texto injuntivo.
- 02) Indica a função da linguagem predominante no texto, citando passagens que a exemplifiquem.

Como Desenvolver a Responsabilidade?

- Exercitar os alunos mais novos, começando por lhes incumbir responsabilidades menores, até chegar, progressivamente, às mais importantes.
- Atribuir-lhes tarefas que sejam acessíveis às suas capacidades e que concorram para o seu desenvolvimento e o seu amadurecimento como pessoas.
- Conceder-lhes uma margem de confiança, respeitando a sua forma de exercer as responsabilidades e assumindo os erros como sendo inevitáveis e compreensíveis na sua idade.
- Definir com toda a clareza as tarefas a cumprir, ensinando-os a realizar aquilo a que se comprometeram.
- Orientá-los a fim de que saibam prever as consequências e as relacionem com uma escala de valores sobre o que for mais eficaz e mais justo.



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) Identifica a subclasse a que pertencem os substantivos do texto: **capacidades, responsabilidades, confiança, erros e consequências**.
 - a) Apresenta outros substantivos que pertençam à mesma subclasse.
- 02) Indica o modo verbal a que se recorreu, no texto, para fornecer instruções.
 - a) Que outro modo verbal poderia ter sido utilizado?
 - b) Rescreve esses verbos no modo verbal que indicaste (2.^a pessoa do singular).
- 03) Atenta na frase: *Os alunos são orientados pelo professor*.
 - a) Em que voz se encontra?
 - b) Rescreve-a, passando-a para a voz contrária.
 - c) Faz a análise sintáctica das duas frases.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Tarefas a Cumprir Visando o Bom Funcionamento das Aulas:

- dirigir a assembleia de turma;
- organizar as saídas, visitas e excursões;
- auxiliar em situações disciplinares;
- recolher trabalhos e distribuir materiais;
- registar atrasos e ausências;
- cuidar do jornal mural e do painel de anúncios;
- cuidar da biblioteca da turma;
- arranjar e decorar a sala de aula;
- fazer a manutenção da sala;
- abrir e fechar janelas e persianas;
- acender e apagar luzes;
- apagar o quadro;
- escrever a data no quadro;
- sacudir o apagador;
- vigiar a limpeza do chão;
- vigiar a ordem de mesas e cadeiras;
- cuidar das plantas;
- cuidar da caixa dos objectos perdidos;
- lembrar os aniversários dos alunos para a sua celebração.

As tarefas podem ser assumidas individualmente ou em pequenos grupos.

Consoante o fim a que se destinam, realizam-se diariamente, semanalmente, mensalmente ou trimestralmente.



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Redige uma convocatória dirigida a directores de turma para a realização de uma reunião com o objectivo de definir tarefas para o bom funcionamento das aulas.

Eduque os seus Filhos a Comerem com Gosto: 10 Bons Hábitos Alimentares

- 1) Marque horas certas para as refeições e tome-as num ambiente relaxado.
- 2) Desenvolva rituais na sua família que simbolizem o começo e o final de uma refeição; pode ser pôr a mesa em conjunto, dizer uma oração ou, simplesmente, desejar bom apetite.
- 3) Pergunte aos outros elementos da família o que gostariam de comer. A base deve ser uma alimentação equilibrada, variada e de qualidade.
- 4) Deixe os seus filhos decidirem sobre as suas próprias opções. Não permita que rejeitem um alimento sem o terem experimentado primeiro.
- 5) Discuta a preparação da comida e convide os seus filhos a ajudarem na preparação dos pratos.
- 6) Permita um chocolate, doces ou biscoitos de vez em quando. Leia cuidadosamente os rótulos dos produtos que come. Dê preferência a fruta fresca entre as refeições principais.
- 7) Inclua as crianças na responsabilidade das compras; leve-as consigo de vez em quando.
- 8) As crianças podem ser autorizadas a guardar os doces que lhes são oferecidos num cesto especial. Esporadicamente, a criança poderá escolher uns. O facto de o cesto nunca ficar vazio tranquiliza-a e diminui o seu desejo.
- 9) Se os avós dão demasiados doces aos netos, diga-lhes como eles também gostariam de visitar o jardim zoológico ou ir ao cinema.
- 10) Deixe as crianças cozinharem para uma ocasião especial. Elas sentir-se-ão orgulhosas!

Receita: Feijão de Óleo de Palma

Esta receita, de origem angolana, é feita com feijão e óleo de palma.

Ingredientes:

500 g de feijão

100 g de óleo de palma

Sal q.b.

Água q.b.

Preparação:

Escolhido e lavado o feijão, ponha-o dentro numa panela com água e leve-a ao fogo. Não utilize água em demasia, apenas o suficiente para ele cozer. Se a água se esgotar, vá adicionando novas porções do líquido, até o feijão ficar cozido. Antes que ele esteja completamente cozido, deite-lhe o óleo de palma para que seja absorvido na cozedura.

Depois de o feijão estar completamente cozido, adicione-lhe o sal e mexa a panela com a ajuda de uma colher de pau, esmagando, propositadamente, alguns bagos. Deixe apurar o feijão, em lume brando. Geralmente, deixa-se formar, no fundo da panela, uma crostazinha torrada que dá um gosto agradável e a que se chama «kioho». Bom apetite!



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) «Se a água se esgotar, vá adicionando novas porções do líquido...»
- Divide as orações da passagem transcrita e classifica-as.
 - Identifica o tipo de conjugação presente na construção sublinhada.
 - Classifica as formas verbais que a constituem.
- 02) Identifica o tipo de frase predominante no texto.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Regras Básicas para Melhorar a Energia do seu Edifício

- 1) Instalar cabos da coluna montante com secção adequada aos consumos do prédio.
- 2) Aterramento do neutro a partir do quadro geral do prédio.
- 3) Quadro geral do prédio bem dimensionado com separação do quadro dos serviços comuns, que deve ter o seu respectivo contador.
- 4) Equilíbrio de fases. Divisão dos andares por fases.
- 5) Colocação de bases porta-fusíveis e fusíveis de protecção das caixas da coluna montante e rasante.
- 6) Colocação de tampas e fechos em todas as caixas da coluna montante e rasante.
- 7) As tampas e os fechos devem estar adaptados à aplicação de selos da EDEL.

Guia do Cliente da EDEL

Como é lido o contador e facturado o consumo

- A leitura do contador é efectuada, quadrimestralmente, pelos nossos agentes. Sempre que o cliente desejar, será fornecida a leitura mensal.
- Os consumos de energia eléctrica são facturados com base na leitura do contador.
- Nos intervalos da leitura quadrimestral, o consumo é facturado com base no consumo médio mensal do cliente.

Agradecemos a indispensável colaboração dos clientes no acesso dos nossos agentes às suas residências para efeitos de leitura.

O que fazer quando faltar a energia eléctrica

Em determinadas circunstâncias, não podemos prever algumas interrupções de fornecimento de energia eléctrica.

Assim, caso fique privado do fornecimento de energia eléctrica, proceda da seguinte forma:

- desligue de imediato os electrodomésticos e deixe apenas uma lâmpada com o interruptor ligado;
- depois do restabelecimento, confirme o nível de tensão e aguarde alguns minutos, para voltar a ligar os aparelhos.

Como utilizar racionalmente a energia

Utilizando melhor os seus aparelhos eléctricos e seguindo os conselhos que lhe transmitimos, obterá uma redução no consumo de energia.

Iluminação:

- Distribua adequadamente os pontos de luz.
- Racionalize a potência utilizada em cada ponto.
- Opte pelo tipo de iluminação mais adequado.

Fogão:

As placas eléctricas e o forno mantêm o calor entre 10 a 15 minutos depois de terem sido desligados. Este calor pode ser aproveitado se desligarmos a placa. Desta forma, não se gastará energia.

Frigorífico e congelador:

- Disponha os aparelhos em local arejado e fora do alcance dos raios solares.
- Desligue e limpe o frigorífico com regularidade.
- Regule o seu frigorífico para a temperatura adequada.
- O congelador deve ser descongelado, pelo menos, duas vezes por ano ou de acordo com as instruções de utilização do fabricante.

Máquinas de lavar roupa e loiça:

- Reduza a frequência das lavagens.
- Evite pôr em funcionamento as máquinas enquanto não estiverem cheias. É preferível esperar até que se complete a carga.



ATIVIDADES

01) Completa as frases com as expressões idiomáticas abaixo, que muitas vezes se utilizam na caracterização de personagens. Investiga o significado daquelas que não conheces.

- um casca-grossa
 - uma língua de prata
 - um troca-tintas
 - um bicho-do-mato
 - um unhas-de-fome
 - um pau para toda a colher
 - um pinga-amor
 - um verbo-de-encher
- a) Aquele indivíduo é insuportavelmente indelicado. Sempre que abre a boca é para dizer grosserias. Enfim, é _____.
- b) Lá no bairro, toda a gente o conhecia e o evitava. É que ele era _____, passava a vida a dizer mal de toda a gente.
- c) Raramente abria a boca e só obrigado comparecia a festas ou jantares. Era _____.
- d) Não adianta pedir-lhe aumento. Ele é _____ e só o dará se a lei o obrigar.
- e) Recordo-me perfeitamente do Luís. Era _____ – fazia os recados, atendia o telefone, trazia o café, dactilografava a correspondência...
- f) No cargo em que o colocaram, ele não tem qualquer poder. De resto, ninguém o consulta para nada. É apenas _____.
- g) Mais uma vez, o Paulo mudou de opinião. É _____!
- h) O Nuno tem uma nova namorada. É _____!

02) Estabelece a correspondência entre as seguintes expressões idiomáticas e os respectivos significados.

Expressões idiomáticas

- não pregar olho
- fechar os olhos a algo
- custar os olhos da cara
- saltar aos olhos
- ter olho
- comer com os olhos
- meter os olhos nos olhos
- arregalar o olho a
- encher os olhos
- deitar o rabo do olho a
- ter mais olhos que barriga
- com olhos de ver
- não tirar os olhos de
- custar os olhos da cara
- ter lume nos olhos

Significados

- não querer inteirar-se
- ser muito inteligente
- não poder dormir
- pretender enganar
- cobiçar
- espreitar
- ser evidente
- observar demoradamente
- ser muito caro
- desejar muito
- de forma atenta
- ter um preço muito alto
- ser agradável à vista
- ser guloso
- ser observador

- 03) Os traços psicológicos das pessoas descrevem-se mediante adjectivos. Estabelece a correspondência entre os adjectivos seguintes, qualificadores de tipos de carácter, e os respectivos significados.

Tipo de carácter	Significado
• compassivo	• Tende a ver as coisas positivamente.
• tenaz	• É irascível e mal-humorado.
• inconstante	• Obediente, aprazível.
• franco	• Sente compaixão pelo mal alheio.
• apático	• É sincero, aberto, simples.
• colérico	• Tem uma grande vontade e constância.
• optimista	• Tende a ver as coisas negativamente.
• pessimista	• Muda facilmente de opinião e de afeições.
• dócil	• Deixa-se arrebatado pela paixão e pelo impulso.
• exaltado	• Manifesta desleixo, negligência.

- 04) Descobre a relação que se estabelece entre as palavras de cada série.
Ex.: bom – óptimo; mau – péssimo.

dia – diurno	noite –
Sol – estrela	Terra –
rio – fluvial	mar –
sagaz – sagacidade	altruísta –
cão – matilha	porco –
cruel – cruelíssimo	doce –
leão – leoa	anão –
Guiné – guineense	Benguela –
barão – baronesa	embaixador –
cinco – pentágono	seis –
afligir – aflição	recair –
fiel – fidelíssimo	áspero –
adaptado – inadaptado	hábil –
ver – viu	intervir –

- 05) Forma substantivos a partir dos seguintes adjectivos:

- a) doce – _____
- b) manso – _____
- c) lascivo – _____
- d) cego – _____
- e) áspero – _____
- f) rústico – _____
- g) agressivo – _____
- h) cruel – _____

- 06) Forma substantivos a partir dos seguintes adjectivos:

Ex.: verso sem medida – verso amétrico.

- a) obra que não morre – obra _____
- b) águas com resíduos – águas _____
- c) navegação de rio – navegação _____
- d) direito do trabalho – direito _____
- e) tempo de chuva – tempo _____

- 07) Em cada uma das séries de palavras que se seguem, há uma que não pertence ao conjunto. Destaca-a, conforme o exemplo:
- a) luta – **soldado** – combate – contenda – peleja
 - b) substantivo – adjectivo – frase – verbo – advérbio
 - c) açucareiro – tinteiro – cinzeiro – paliteiro – chuveiro
 - d) adoecer – morrer – perecer – fenecer – expirar
 - e) escudo – peseta – câmbio – dólar – florim
 - f) divertimento – brincadeira – folguedo – aplauso – entretenimento
- 08) Completa as frases abaixo com a hipótese que te parecer correcta.
- a) Os miúdos estavam tão _____ que não se aperceberam da chegada do pai.
entertidos / entretidos
 - b) Ele trabalhou a vida inteira. É justo que agora possa _____ da reforma.
disfrutar / desfrutar
 - c) A direcção mandou _____ uma estátua ao fundador do clube.
erigir / irigir
 - d) É melhor ligares os _____, senão ninguém te ouve.
altifalantes / autofalantes
 - e) O Benfica do Lubango _____ uma pesada derrota ao clube do Leste.
infligiu / inflingiu
 - f) É, para mim, um _____ poder trabalhar contigo.
previlégio / privilégio
- 09) Coloca o acento agudo ou circunflexo nas palavras em que for necessário:
- camara
 - sadio
 - policromo
 - voo
 - textil
 - eden
 - cafeina
 - cantaro
 - futil
 - orfao
 - celuloide
 - refem

10) Completa as frases seguintes com as palavras ou expressões adequadas:

a) conquanto / com quanto

- Não faltarei à reunião _____ me custe sair à noite.
- _____ esforço ela se levantou!

b) contanto / com tanto

- Não era necessário estares _____ trabalho por minha causa!
- _____ que não me incomodes, podes trazer os teus amigos cá para casa.

c) contudo / com tudo

- Exigiam-lhe um esforço desmesurado: ele não conseguia aguentar _____.
- Compreendo que estivesse muito irritado. _____, não posso aceitar a tua reacção.

d) enquanto / em quanto

- _____ tempo pensas que consegues acabar o trabalho?
- _____ ela dava banho ao bebé, o Rui foi adiantando o jantar.

e) porquanto / por quanto

- _____ vendeste a tua moto?
- Não começaremos a reunião sem chegares, _____ é imprescindível a tua participação.

f) portanto / por tanto

- Fica com o livro _____ tempo quanto o desejares.
- Não consegui acabar o relatório, _____ saio mais tarde.

11) *Conquanto*, *contanto*, *enquanto* e *porquanto* são conjunções subordinativas; *contudo* e *portanto* são conjunções coordenativas. Indica a subclasse de cada uma delas.

UNIDADE 7

TEXTO ARGUMENTATIVO

A Argumentação

Para poderes defender os teus pontos de vista e participar livre e activamente na sociedade a que pertences, é muito importante desenvolveres a tua capacidade de argumentar. Quando te perguntam «Por que razão dizes isso?», a tua resposta pode influenciar as opiniões, as convicções, as acções ou os sentimentos do teu interlocutor.

Um **argumento** é, pois, um raciocínio com o propósito de conseguir a aceitação ou a rejeição de uma determinada tese ou ideia.

Assim, a **argumentação** é uma cadeia de argumentos que conduzem à defesa de uma tese. Uma argumentação trata de justificar uma tese com base em princípios comumente aceites. Ela leva-nos a princípios prováveis.

Com a argumentação, por exemplo, é possível:

- simplesmente impressionar, mas sem decidir;
- influenciar até obter o acordo desejado;
- determinar o apoio para tomar uma posição ou assumir uma atitude.

A argumentação recorre a **provas**, necessárias à defesa de uma tese. As provas podem ser:

- favoráveis – se suprimem ou diminuem as dúvidas sobre a tese;
- insuficientes – se eliminam apenas algumas das possibilidades diferentes da tese sustentada;
- quase completas – se eliminam todas as outras possibilidades ou as tornam inverosímeis;
- completas – se estabelecem a concordância entre a tese e um só facto comprovado.

Considera-se que uma tese está bem fundamentada quanto maior for a diversidade de concordância com essa tese apresentada.

O Texto Argumentativo

O texto argumentativo visa, pois, convencer um interlocutor, obter aprovação, justificar ou refutar pontos de vista.

Como tal, além de procurar encadear as ideias de forma lógica e clara, é fundamental utilizar uma linguagem correcta e cuidada, assim como um vocabulário variado e adequado e recursos expressivos que tornem o discurso mais persuasivo.

Tradicionalmente, o texto argumentativo obedece à seguinte estrutura:

1. apresentação da proposição ou tese;
2. análise da proposição ou tese (esclarecimento do seu sentido);
3. formulação de argumentos ou provas (factos, exemplos, dados estatísticos, depoimentos, etc.);
4. conclusão.

As formas mais importantes do texto argumentativo são:

- o discurso político;
- o discurso forense;
- o discurso académico;
- o discurso religioso;
- o debate;
- a publicidade;
- o conselho;
- a crítica;
- a discussão;
- a polémica.

Entre as formas mais comuns, encontram-se a **discussão** e a **polémica**, em que os participantes sustentam pontos de vista que diferem de muitas maneiras, podendo mesmo ser completamente antagónicos.

Na discussão como na polémica, argumenta-se e refuta-se; no entanto, a polémica é mais combativa do que a simples discussão. Em geral, o acordo:

- é impossível, se os participantes defendem teses contraditórias;
- é difícil, mas não impossível, se são defendidas teses contrárias;
- é fácil, se as teses em presença são apenas alternativas.

Para Saber Mais

A argumentação visa convencer o interlocutor. Na argumentação, além de externarmos a nossa opinião sobre um determinado assunto, tentamos formar a opinião de quem nos lê ou ouve, através da apresentação de razões em face da evidência das provas.

O que é a evidência?

É a certeza a que se chega pelo raciocínio (evidência da razão) ou pela apresentação dos factos (evidência de facto).

Podem usar-se exemplos em casos específicos. Por exemplo, os dados estatísticos (mapas, números, etc.) também ajudam muito a fundamentar a argumentação.

Os factos são os elementos mais importantes da argumentação porque provam e convencem. No entanto, muitos factos estão sujeitos à contestação porque o seu valor de prova é relativo, uma vez que nem toda a verdade que conhecemos ontem é a verdade de hoje.

Quanto ao testemunho, o seu valor também é relativo. O testemunho só terá valor se for fidedigno. Lembre-se de que existe a possibilidade de um facto ter várias versões.

Segundo Othon M. Garcia, «argumentar é, em última análise, convencer ou tentar convencer mediante a apresentação de razões em face da evidência de provas e à luz de um raciocínio coerente e consistente».

in Palavra e Criação – 8.º ano, Editora FTD

- Informa-te sempre sobre o assunto que vais desenvolver, para poderes argumentar com mais convicção.
- Lembra-te de que desenvolver um assunto significa explicar com clareza o que sabes sobre ele. Pensa que o leitor pode perguntar «O que quer ele dizer com isso?» ou «Quais são as provas que tem?».
- Não sejas vago ou impreciso e fundamenta as tuas opiniões.



ACTIVIDADE

Escreve um texto argumentativo a partir dos seguintes elementos:

Declaração:

As drogas continuam a viciar um grande número de jovens. Este problema exige, cada vez mais, que a sociedade aja no sentido de conhecer mais claramente as razões que os conduzem a essa dependência.

Argumentos:

Alguns jovens entram no caminho da droga porque:

- são movidos pela curiosidade;
- tendem a pensar que a dependência nunca os afectará (acham-se diferentes);
- não sabem ultrapassar adequadamente as suas frustrações, ansiedades e tensões;
- possuem pouco conhecimento do seu próprio valor pessoal;
- desejam fugir às suas responsabilidades;
- querem experimentar sensações novas e desconhecidas;
- o consumo da droga reflecte, às vezes, uma espécie de desafio.

O problema do consumo de drogas deve ser encarado com responsabilidade e compreensão pela sociedade, devido aos terríveis danos causados aos jovens, que, muitas vezes, não são capazes de ultrapassar sozinhos a sua dependência.

Em Busca da Felicidade

Quando pensamos em felicidade, pensamos normalmente em algo de extraordinário, num ponto alto de grande alegria, ou seja, em momentos que parecem ser cada vez mais raros à medida que vamos envelhecendo.

5 Para uma criança, a felicidade tem uma qualidade mágica. Apesar de passar também por períodos maus, a sua alegria, em momentos de grande felicidade, é como a vitória numa partidinha de futebol, numa corrida ou quando recebe um presente novo. Na adolescência, o conceito de felicidade altera-se: de repente passa a estar-se condicionado por coisas como a excitação, o amor, a popularidade, o olhar para a sombra...

10 Na idade adulta, as coisas que nos trazem profunda alegria, como o nascimento de um filho desejado, o amor ou o casamento, acarretam também responsabilidades, bem como o risco da perda. O amor pode não durar, o sexo nem sempre é bom, as pessoas de que gostamos morrem. Para os adultos, a felicidade é algo de complicado. O dicionário define «feliz» como «afortunado», «ditoso», mas uma definição de
15 felicidade mais apropriada seria «capacidade de experimentar prazer». Quanto mais conseguirmos, apreciar aquilo que temos, maior será a nossa felicidade. É fácil negligenciarmos o prazer que nos dá amar e sermos amados, a companhia dos amigos, a liberdade de viver onde queremos e até mesmo encontrarmo-nos de boa saúde. Nunca sabemos quando é que um momento de felicidade vai aparecer.

20 Os psicólogos dizem que, para sermos felizes, precisamos de uma mistura de tempo de divertimento e de realização no trabalho.

Devemos sentir-nos felizes com o que temos em vez de transformarmos a felicidade em mais uma coisa que «temos de ter». Capacitámo-nos de tal maneira do nosso «direito» a ela que acabamos por sentir-nos infelizes.

25 Por isso a procuramos e a ligamos à riqueza e ao sucesso, sem nos darmos conta de que as pessoas que têm essas duas coisas não são necessariamente mais felizes do que nós.

30 Mas se, por um lado, a felicidade pode ser algo de complexo para nós, a solução é a mesma de sempre: a felicidade não tem que ver com aquilo que nos acontece; tem que ver com a forma como encaramos aquilo que nos acontece. Trata-se da capacidade de ver algo de positivo em cada ponto negativo e de encarar um insucesso como um desafio. Não se trata de desejar aquilo que não temos, mas sim de apreciar aquilo que temos.



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Com os teus colegas, prepara a realização de um debate sobre o tema do texto «Em busca da felicidade», argumentando a favor de ou contra as afirmações nele contidas.
- a) Escolhe um moderador responsável por:
- apresentar o tema;
 - coordenar as intervenções dos participantes;
 - evitar que os intervenientes se afastem do tema proposto;
 - controlar o tempo utilizado por cada um;
 - apresentar, no final, uma síntese das conclusões a que se chegou.
- 02) Faz a avaliação da forma como decorreu o debate:
- a) Os intervenientes utilizaram um vocabulário adequado?
- b) Deram a sua opinião?
- c) Justificaram as suas ideias com argumentos sólidos?
- d) Concordaram ou discordaram?
- e) Protestaram?
- 03) Produz, com os teus colegas, um texto argumentativo sobre o tema.



O Escritor, o Intelectual...

Alguns autores consideram que os intelectuais não se situam nem numa classe, nem numa esfera ou numa categoria social determinada, e que constituem uma categoria relativamente incerta com raízes mal definidas.

5 Outros entendem que os intelectuais não constituem nem uma classe, nem camada social, nem um partido, mas uma categoria relativamente autónoma dentro da sociedade.

10 Um autor marxista italiano sustentava que os intelectuais são um apêndice das principais classes sociais. Segundo este autor, cada grupo social cria para si, ao mesmo tempo e organicamente, um ou mais grupos de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função. São os intelectuais orgânicos. Mas admite ainda a hipótese de os grupos sociais essenciais encontrarem categorias intelectuais pré-existentes.

15 Temos em Angola vários cenários para a determinação dos comportamentos do intelectual diante do político. Mas apresento dois: um sob o estado colonial e outro sob o estado pós-colonial. O primeiro cenário é aquele em que vigora a teoria sartriana do compromisso político. É o período dos movimentos de libertação e da guerrilha. É a época das ideologias. É o tempo dos intelectuais de esquerda que dirigem e militam em movimentos e partidos políticos em defesa da causa da independência política.

20 Para o estado pós-colonial, o intelectual angolano, aquele que se opunha ao colonialismo, traz uma tenebrosa herança desenvolvida no seio do Movimento de Libertação Nacional: a interdição da crítica e a cumplicidade perante o político, bem como a intolerância ideológica. Estes são os germes de um comportamento que tem algumas das suas manifestações nas respostas de alguns desses movimentos aos acessos de crítica de seus militantes intelectuais. É revelador o que terá acontecido a Viriato da Cruz e a Mário Pinto de Andrade, por exemplo. Eles participaram no movimento dos intelectuais que, na década de quarenta, determinaria o rumo do nacionalismo e da literatura moderna angolana. Seriam afastados na década de sessenta e banidos da hagiografia política oficial.

Luís Kandjimbo, *Apologia de Kalitangi* (adaptado)

A Juventude e a Sociedade

Dai-nos a juventude e mudaremos a face da Europa antes do século. (Leibnitz)

A missão do professor não deve ser considerada uma profissão qualquer! Mais do que uma simples profissão, é uma arte, um sacerdócio. Necessita duma formação adequada, de muita prática e exercício, como, aliás, todas as profissões. Mas nunca
5 será um professor no sentido ideal do termo quem não tiver, como adjuvante, a alma, incentivo da arte, e a força mantenedora dum apostado sentido.

Não basta tirar um curso e ostentar um diploma com maior ou menor classificação; não basta a aquisição em maior ou menor grau de conhecimentos científicos ou literários, filosóficos ou artísticos; não basta ser um funcionário zeloso e cumpridor,
10 daqueles que entram e saem sempre às horas regulamentares; não basta ser um escravo da Lei. Todas estas qualidades, extremamente louváveis e infinitamente apreciáveis num funcionário público, não chegam para qualificar um verdadeiro professor. Toda a vida humana é, antes de mais, uma luta pela vida.

Uma das maiores vitórias do Homem é, sem dúvida, a conquista do direito à
15 Educação, problema de alta importância que todos os povos civilizados colocam no plano dos mais prementes interesses nacionais. Mas o que é, afinal, a educação?

A Educação é um diálogo vivo, permanente, sério; diálogo para conhecimento de realizações comuns, tendentes ao bem-estar do indivíduo e da sociedade em que o jovem e o adulto e a criança estão integrados e no qual o jovem é o motor.

(adaptado)





EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Explica, por palavras tuas, a citação de Leibnitz que serve de epígrafe ao texto.
- 02) Interpreta as seguintes expressões:
 - «a força mantenedora dum apostado sentido» (l. 6);
 - «ostentar um diploma» (l. 7);
 - «extremamente louváveis» (l. 11);
 - «um diálogo vivo, permanente» (l. 17).
- 03) Comenta o segundo parágrafo do texto.
- 04) Identifica a figura de estilo presente na passagem: «... e no qual o jovem é o motor» (l. 19).
- 05) Transcreve duas metáforas, figura de estilo recorrente no presente texto.
- 06) O que entendes por figuras de estilo?
 - a) Em que difere a ironia da metáfora?
 - b) E a hipérbole da aliteração?



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) «Todas estas qualidades, extremamente louváveis e infinitamente apreciáveis num funcionário público, não chegam para qualificar um verdadeiro professor.» (ll. 11-13).
 - a) Divide e classifica as orações que constituem a frase transcrita.
 - b) Analisa sintacticamente a última oração.
 - c) Diz qual é a função sintáctica da expressão sublinhada.
- 02) Classifica morfologicamente as palavras «extremamente» e «infinitamente».
 - a) Refere-te ao processo de formação das duas palavras.

CONSULTA
O BLOCO GRAMATICAL
no fim do teu livro!

Rapazinhos

São tão engraçadinhos. Os rapazinhos. O mérito não é só deles, meninos e meninas fizeram-se nesses últimos anos uma delícia, gerações novíssimas de gente garrida, sem dúvida o mais encantador e talvez o mais indisputável sinal de que realmente os tempos mudaram. Como podíamos nós ter sido assim se eram as nossas

5 mães que nos escolhiam a roupa, e a norteá-las só admitiam os critérios sisudos da durabilidade, resistência e eficácia da camuflagem das nódoas? Passavam-se os anos e não havia maneira de aqueles monos se estragarem, para podermos, por fim, comprar uns novos.

10 Franjas e botas, caracóis e pernas, cor-de-rosa e amarelo, com todos os adereços à mão andar na rua é uma festa. Meninos e meninas crescem em beleza como numa história colorida em que estivesse sempre sol. Mas, apesar de tudo, as meninas sempre tiveram a herança civilizacional do seu lado, para instruírem sem que ninguém lhes diga essa arte subterrânea de ser um apetite. Por isso os rapazes são agora tão comoventes na descoberta do código que esteve por séculos

15 excluído do quarto de brinquedos deles, uma certa forma de abrir muito os olhos, um certo sorriso que tem muito no fundo qualquer coisa de medo, qualquer coisa de deslumbre, uma aragem de promessa, assim. Como quem nem sequer dá por nada. E aquela maneira de imperceptivelmente rasgarem mais os gestos, acentuarem mais as palavras, se pelo viés do subconsciente percebem que estão a

20 ser observados. Vaidosos, tontos, quase delicados, cabelos para a testa, um brinco pequeno que de vez em quando cintila de passagem por um raio de luz. É bonito. É muito melhor.

Clara Pinto Correia





EXPLORAÇÃO DO TEXTO

- 01) Identifica o assunto do texto.
- 02) Que funções da linguagem predominam no texto?
 - a) Justifica a tua resposta, exemplificando com algumas passagens.
- 03) Neste texto, a autora não esconde a sua ironia, como recurso ou processo literário.
 - a) Transcreve as frases em que ela resulta com mais vigor.
- 04) Por que motivo os «monos» não se estragavam tão cedo?
- 05) Diz em que diferem os meninos e as meninas.
- 06) Identifica os recursos de estilo presentes nas passagens seguintes:
 - a) «Como podíamos nós ter sido assim se eram as nossas mães que nos escolhiam a roupa, e a norteá-las só admitiam os critérios sisudos da durabilidade, resistência e eficácia da camuflagem das nódoas?» (ll. 4-6);
 - b) «... com todos os adereços à mão andar na rua é uma festa» (ll. 9-10);
 - c) «... crescem em beleza como numa história colorida...» (ll. 10-11);
 - d) «E aquela maneira de imperceptivelmente rasgarem mais os gestos...» (l. 18);
 - e) «Vaidosos, tontos, quase delicados...» (l. 20).
- 07) Explica o sentido das frases:
 - a) «Mas, apesar de tudo, as meninas sempre tiveram a herança civilizacional do seu lado, para instruírem sem que ninguém lhes diga essa arte subterrânea de ser um apetite...» (ll. 11-13).
 - b) «Por isso os rapazes são agora tão comoventes na descoberta do código que esteve por séculos excluído do quarto de brinquedos deles, uma certa forma de abrir muito os olhos...» (ll. 13-15).
- 08) Substitui por termos de sentido equivalente as palavras e expressões:
 - «indisputável» (l. 3);
 - «critérios sisudos» (l. 5);
 - «deslumbre» (l. 17);
 - «uma aragem de promessa» (l. 17);
 - «imperceptivelmente» (l. 18);
 - «por um raio de luz» (l. 21).



FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- 01) Classifica morfologicamente a palavra rapazinhos.
- 02) «... gerações novíssimas de gente garrida, sem dúvida o mais encantador e talvez o mais indisputável sinal...» (ll. 2-3).
 - a) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.
 - b) Diz em que grau se encontram.
- 03) *Choveu tanto na minha cidade que os rios e lagos inundaram as terras.*
 - a) Divide e classifica as orações no período acima.
- 04) *Não respondi, de triste que fiquei, e de triste que já estava.*
 - a) Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas

O Investigador

Nós não vemos com os sentidos; vemos, misturadamente, com a inteligência também. Elimino, agora, a hipótese, já anormal, da alucinação. Refiro-me apenas à experiência normal. Um exemplo: passo por uma rua e vejo um homem caído no passeio. Instintivamente me pergunto: por que é que este homem caiu aqui? Já aqui vai um erro de raciocínio e, portanto, uma possibilidade de erro de facto. Eu não vi o homem cair ali. Vi-o já caído. Não é, portanto, um facto, para mim, que o homem caísse ali. O que é um facto, para mim, é que ele está caído ali. Pode ser que tenha caído noutra lugar e que o tenham transportado para ali; muita coisa mais pode ser. Creio ter-lhes demonstrado bem como é complicado o que parece tão singelo. É preciso, em qualquer problema, separar-se cuidadosamente, logo no princípio, os dados e as conclusões.

Maria Rosa R. V. S. Monteiro, *in Revista da Lusofonia*, n.º 35-40

Gentes

Dar e receber são gestos constantes de um povo que, desde sempre, aprendeu a retalhar-se pelo mundo numa busca constante de dias melhores de dinheiro, mais fácil, de aventura. Enquadrado nos planos de corva, no «sistema» que planeou as viagens, que executou as conquistas, que rentabilizou o comércio, o povo partiu, trocando a dureza da charrua pelo cordante das velas, a servidão da terra pela servidão do mar, a dor do quotidiano pela esperança do desconhecido.

As mulheres e os pomares secaram no reino que fez filhos e frutos nos Brasis, nas Áfricas, nas Índias, nos confins da Ásia, arrojados bárbaros do Sul que ousaram entrar em impérios de outro mundo.

Construímos a guerra com a revolta de a fazer, apaixonados pela paz, destruímos a solidão com as nossas próprias mãos, trocando barcos ancorados por terras verdes e quentes que envolvemos em beijos de amantes.

Reinventámo-nos pela Cruz e pelo sangue noutros sítios, noutras gentes, através do silêncio, de espanto, do amor e da morte. Partilhámos segredos, gozos, calúnias e traições no atravessar dos séculos, por entre a extensão infinita da Terra, que fomos descobrindo ao mar.

Somos um povo do mundo, ainda hoje, ainda sempre, vivendo em todo o lado e em lado nenhum, tão perfeito é o nosso ir e vir, quase sem estar. Nunca nos despedimos do mundo porque nunca tivemos o mundo, encontrámo-lo no exacto momento em que os outros completavam o encontro.

No fluxo indomável da História permanecemos com o melhor de nós, a língua. Com ela transpusemos as ruínas do império impossível. Por ela nos demos à paz de uma vida de conquistas.

Nem sempre se entende esse povo sem noite, que em cada crepúsculo vê uma madrugada.

Rui Rasquilho e Jorge Barros, *Portugal e Mar*



EXPLORAÇÃO DO TEXTO

01) Elabora um texto argumentativo sobre o fenómeno da emigração.

A Vida está Mal

Eh, mana Antonica, a vida está mal! Os nossos filhos que nos podiam ajudar, cuétados!, não podem fazer nada. O meu cassule estava a estudar tão bem... agora veja só, desde que foi na tropa no ano passado nem carta nem nada... Ninguém sabe se ainda está vivo ou se morreu. Todos os dias rezo pelo meu filho, só peço a

5 Deus p'ra ele voltar vivo. De tanto chorar e pensar no meu cassule perdi o gosto da comida. Será que já aconteceu com ele o que aconteceu com os outros irmãos dele, o Joaquim e o Gaspar, que morreram na guerra e só depois de três anos é que veio a notícia? Como é que a nossa vida pode ir p'ra frente, mana Antonica, se os filhos que nós nascemos com tanta dor, que criámos com tanto trabalho, nos
10 são arrancados assim dessa forma? E quando morrem lá na guerra ninguém nos diz nada, ninguém nos diz quando nem como morreram! Não, mana Antonica, a vida está mesmo mal!

– Eh, fala baixo, comadre, não é preciso gritar ainda podem nos ouvir lá fora.

– D. Antonica, a mãe do Abel, lançou um largo olhar em volta do quintal. A vida
15 está mesmo mal! Mas vamos fazer mais como então, se o Estado é que está a chamar os nossos filhos! O Estado sabe o que está a fazer...

– Isso não quero saber. Só sei que os dois meus filhos morreram e ninguém me explicou nada, e que o outro, o cassule, desde há um ano que está desaparecido. D. Antonica, sentida, voltou-se para o filho Abel, que escutava a conversa sentado
20 numa kibaka. Abel emagreceu muito, parecia uma criança. Há uma semana não ia à escola e debatia-se no dilema de ir ou não apresentar à tropa. Caso fosse deixaria a mãe e o irmão sozinhos. Tentaram requerer o adiamento à incorporação invocando a sua condição de filho mais-velho da mãe, viúva, mas desistira quando
25 rasgados nas ruas e os respectivos portadores arrastados à tropa. Mas não indo apresentar-se, a vida tornava-se difícil, quase intolerável. Considerava seriamente a possibilidade de ir apresentar-se, pois talvez fosse a única maneira de poder continuar a levar uma vida honrada: caso não fosse a sua vida transformar-se-ia num emaranhado de hesitações, de opções falhadas, e os altos valores que sempre
30 nortearam a sua existência diluir-se-iam e seriam substituídos pelos valores mais baixos e imediatos da sobrevivência. Abel era realista, sabia do que eram capazes a fome e os instintos libertados por uma existência acossada. Mas... ir mesmo?

Isaquiél Cori, *in Sacudidos pelo vento*

A Cidade dos Mistérios

Luanda deve estar na esteira das cidades capitais do mundo onde melhor se conduz, onde há, também, menos acidentes de viação, onde o peão é dotado de compreensão, calma e paciência jamais vistas. Bem, isto porque temos de convir e atender a diversos factores que inesperadamente a transformam em cidade enorme, de distâncias longas e espaços largos. Esta cidade de Luanda, sem bosque, nem lagos nem flores, sem parques nem estufas...

Esta Luanda eternamente amada pelo ciumento Atlântico que chega até si ora revoltoso, ora manso que nem uma pomba branca, conforme o sabor das marés.

É. Luanda deve ser, das capitais do mundo, a mais ordenada no trânsito. E ela sabe. As cidades têm vida, têm coração.

Para tal devem existir milagres, feitiços, elixires de bem-querer; mas dizem os mais atentos que nada destas coisas existe!

Que se passa então? Se milhares de veículos se cruzam entre si diariamente e nada acontece... Nesta capital onde impera o desleixo, a leviandade cívica e social ou puramente em gozo acéptico (!), se conduz mesmo nos becos e nas travessinhas a 100 à hora...

É um profundo mistério como se consegue conduzir assim!...

O leitor já imaginou Paris, São Paulo brasileiro, Lisboa ou Madrid nestas condições? Ah! não?... Então faça um esforço e experimente imaginar. Se não ficar louco, para lá caminhará.

Eu ando a pé, que, não sendo mais seguro, pelo menos me faz fugir da muralha de carros e de gente.

E agora uma pergunta inocente: é assim tão difícil ordenar para que se cumpram coisas/cuesas ou cuesinhas deste género e que afinal são usuais em todo o mundo civilizado?...

Ó Luanda, meu amor, cidade de mistérios...

Luanda imagem, lembranças de romantismo antigo e saudades incontroláveis/ rebeldes.

Ricardo Manuel, *Figuras e Mujimbisses* (Crónicas de uma cidade)

EXPLORAÇÃO DO TEXTO

01) Elabora um texto argumentativo sobre o trânsito nas grandes cidades.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

01) Identifica o tipo das seguintes frases do texto:

- «Que se passa então?» (l. 13).
- «É um profundo mistério como se consegue conduzir assim!...» (l. 17).
- «Então faça um esforço e experimente imaginar.» (l. 19).
- «As cidades têm vida, têm coração.» (l. 10).

02) «Esta Luanda eternamente amada pelo ciumento Atlântico...» (l. 7).

- Faz a análise sintáctica da passagem transcrita.



ACTIVIDADES

Dissertação

A dissertação, exposição escrita ou oral sobre um determinado assunto, tem, também, uma natureza argumentativa, uma vez que são apresentados um ponto de vista ou tese e uma argumentação que fundamenta essa tese.

Com vista à elaboração de uma dissertação, deves preparar uma lista de argumentos para defender o teu ponto de vista. Se os argumentos forem baseados em factos, usa todas as fontes de informação que possam reforçar o teu ponto de vista. Essas fontes podem ser livros, artigos e reportagens de jornais e revistas, filmes, programas de rádio ou televisão, adultos bem informados e as tuas próprias experiências.

Organiza o texto dissertativo em três partes:

- introdução – que apresenta a tese a ser defendida;
- desenvolvimento – que contém os argumentos que fundamentam a tese;
- conclusão – confirmação da tese.

Realiza uma dissertação sobre um destes temas:

- O que é ser jovem?
- Os meninos também devem realizar tarefas domésticas.
- Quando um jovem quer ser popular.
- As mulheres têm direitos iguais aos dos homens.

Crítica

Ao escreveres um texto crítico, certifica-te de que:

- começaste por apresentar aquilo que é objecto da tua crítica;
- exprimiste as tuas opiniões e fundamentaste-as com argumentos sólidos;
- utilizaste uma linguagem adequada à tua crítica, valorativa ou depreciativa;
- utilizaste recursos de estilo, como a comparação e a ironia, para exprimir juízos de valor.

Mesa-redonda

Já assististe, na televisão ou ao vivo, a uma mesa-redonda? Como qualquer técnica de comunicação, a mesa-redonda obedece a regras que deverão ser respeitadas. Enunciá-las-emos de seguida, ao mesmo tempo que propomos uma forma de organização desta actividade.

- 01) Recolhem-se sugestões de temas que irão sendo registados no quadro. Escolhe-se o que suscitar maior interesse.
- 02) Determina-se quem são os alunos que farão parte da mesa-redonda.
- 03) Em casa, todos os alunos (especialmente os alunos seleccionados) recolhem elementos sobre o tema escolhido, de forma a prepararem a discussão a realizar na aula seguinte.
- 04) Depois de escolhido um moderador, este e os colegas anteriormente seleccionados sentam-se em semicírculo, de frente para toda a turma.
- 05) O moderador expõe o tema, em linhas muito gerais, e apresenta os elementos da mesa (ou pede a cada um que se apresente). Dá-se início às diferentes intervenções, em que cada um deve expor as suas opiniões durante alguns minutos, sem ser interrompido.
- 06) Durante as intervenções, o moderador toma nota dos principais aspectos referidos e controla o tempo gasto por cada um dos intervenientes, de forma a equilibrar os respectivos tempos de intervenção.
- 07) Concluídas as intervenções, o moderador dará a possibilidade aos cinco elementos da mesa de dialogarem entre si para esclarecimento de dúvidas, reforço de um ponto de vista, refutação de uma opinião, etc.
- 08) Terminado o debate entre os elementos da mesa, é altura de alargar a discussão a todos os alunos da turma.
- 09) No final, o moderador sintetizará as diferentes intervenções, destacando os pontos mais importantes.
- 10) Como prolongamento desta actividade, poderá ser feito o registo escrito das principais conclusões.

Eis alguns temas para discussão:

- Serão os pais de hoje demasiado permissivos e condescendentes para com os seus filhos?
- A Escola prepara um aluno para a vida? Qual é a missão da Escola?
- Que contribuição podem dar os jovens para evitar a degradação ambiental no continente africano?

Reunião

A reunião consiste num encontro de várias pessoas para examinarem atenta e pormenorizadamente um assunto e tomarem decisões sobre o mesmo.

Os bons resultados de uma reunião dependem muito de quem a ela preside: o presidente ou moderador. Este deve manter a máxima imparcialidade, pelo que não pode expressar nem deixar entrever as suas opiniões pessoais.

O presidente ou moderador é responsável por:

- iniciar, favorecer e dirigir a discussão;
- conceder a palavra aos participantes;
- regular as diferentes intervenções, evitando a monopolização da palavra;
- evitar afastamentos em relação ao tema;
- evitar os ataques pessoais;
- encontrar pontos comuns e promover consensos.

Conferência

Uma conferência é uma exposição oral sobre um tema determinado, perante um público. O título da conferência deve ser conciso e, ao mesmo tempo, apresentar o tema de maneira atractiva.

A sua realização compreende as seguintes fases:

- saudação e introdução, referindo-se o objectivo da conferência;
- desenvolvimento do tema, em que o conferencista expõe as suas ideias e os seus conhecimentos de forma clara e organizada;
- conclusão, reunindo-se as principais ideias expostas e transmitindo-se uma ideia de conjunto, uma visão pessoal do tema exposto, etc.; o conferencista pode, ainda, convidar o público para um colóquio.

Como se prepara uma conferência?

- Primeiramente, há que recolher informação sobre o tema escolhido. Os dados recolhidos devem ser apontados em fichas. A selecção do material não se pode limitar a uma única fonte de informação: é importante procurar dados e opiniões em várias obras (enciclopédias, revistas, manuais, etc.).
- Recolhido o material, é preciso examiná-lo e seleccionar somente aquele que interessa. Também é conveniente elaborar um esquema que sirva de guia para o desenvolvimento da conferência.
- De acordo com o esquema anteriormente elaborado, há que desenvolver os conteúdos por escrito. Este texto não deve ser lido integralmente diante do auditório, por isso convém fazer um guião que permita recordar a ordem das ideias da exposição e preparar o material a utilizar (diapositivos, fotografias, etc.).

Exposição oral

Na tua exposição oral, deves certificar-te de que:

- comesças por apresentar o tema de forma atraente, para captar a atenção da assistência;
- anuncias as partes em que se divide a tua exposição;
- expões o tema mantendo sempre viva a atenção e a curiosidade da assistência;
- apresentas uma tomada de posição sobre o tema;
- fazes uma síntese das ideias expostas.

Para maneres o interesse da assistência, deves:

- usar interrogações;
- variar o nível de língua utilizado;
- diversificar a entoação de voz;
- utilizar vocabulário simples e objectivo.

Realiza uma exposição oral subordinada ao tema:

«Ocupação dos tempos livres».

Depoimento

Depoimento é o acto ou efeito de depor. Depor é prestar declarações, fornecer indícios, provas.

«Duma maneira geral, é toda a narração feita por uma testemunha perante uma autoridade judicial ou administrativa acerca de determinado facto de natureza civil ou criminal.»

Enciclopédia Luso-Brasileira, Verbo



APÊNDICE
BLOCO GRAMATICAL

Este apêndice pretende ajudar-te, sobretudo, nas seguintes áreas:

- **lexicologia** (ramo da linguística que se ocupa da história, da forma e da significação das palavras, nas suas relações com as outras áreas da linguística):
 - processos de formação do léxico;
 - origem e evolução da língua portuguesa;
 - palavras divergentes e convergentes;
 - evolução fonética e semântica;
- **morfologia** (área da linguística que se ocupa da formação e da flexão das palavras, dentro das classes gramaticais a que pertencem):
 - tempos verbais;
 - formas especiais de conjugação;
 - voz activa e voz passiva;
 - conjunções e locuções conjuncionais;
- **sintaxe** (ramo da linguística que estuda os termos da frase e a ordenação dos mesmos dentro da frase):
 - concordância do verbo com o sujeito em pessoa e em número;
 - elementos da oração;
 - orações subordinadas;
 - tipos e formas de frase;
 - discurso directo, discurso indirecto e discurso indirecto livre;
- **expressão literária**
 - modos literários;
 - recursos de estilo.

PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LÉXICO

Ao conjunto de palavras que constituem uma língua chama-se **léxico geral**. Deste, apenas uma parte é do conhecimento de cada indivíduo, que o utiliza em função da cultura e do meio social e profissional em que está inserido – é o **léxico individual**.

A língua é uma entidade dinâmica em constante mudança e evolução. Assim sendo, há palavras que vão caindo em desuso; outras são introduzidas quando aparecem novos conceitos ou objectos; outras ainda formam-se a partir de palavras já existentes.

Temos, pois:

- **Arcaísmos** – palavras que desaparecem da língua por não se fazer uso delas.
Ex.: **asinha** (depressa), **soer** (costumar), **samica** (talvez), etc.
- **Neologismos** – palavras criadas pela necessidade de designar conceitos ligados ao domínio científico, artístico, técnico, industrial, etc.
Ex.: parabólica, audiovisual, digital, multimédia...
- **Estrangeirismos** – palavras pertencentes a línguas estrangeiras mas que vão entrando na língua portuguesa.
Ex.: **meeting** (encontro, reunião), **mailing** (correspondência), **collant** (meia-calça)...

Sempre que possível, deve substituir-se o estrangeirismo por um vocábulo português.

Os estrangeirismos são designados segundo a língua de origem:

- galicismos (do francês);
- anglicismos (do inglês);
- germanismos (do alemão);
- italianismos (do italiano), etc.

DERIVAÇÃO

- **Derivação por prefixação** – anteposição de um elemento (prefixo) a uma palavra primitiva.
Ex.: leal / **desleal**.
- **Derivação por sufixação** – posposição de um elemento (sufixo) a uma palavra primitiva.
Ex.: leal / **lealdade**.
- **Derivação por prefixação e por sufixação** – anteposição e posposição de um prefixo e um sufixo à palavra primitiva.
Ex.: feliz / **infelizmente**.
- **Derivação parassintética** – anteposição e posposição de um prefixo e um sufixo em simultâneo à palavra primitiva.
Ex.: **amadurecer** (maduro), **anoitecer** (noite), **engordar** (gordo), **enlouquecer** (louco)...
- **Derivação regressiva** – consiste em retirar um elemento à palavra primitiva (formação de um substantivo a partir de um verbo).
Ex.: **alcance** (alcançar), **amparo** (amparar), **demora** (demorar), **erro** (errar), **espanto** (espantar)...
- **Derivação imprópria** – consiste na alteração da classe de uma palavra e do seu significado, sem que se verifiquem modificações formais.
Ex.: O manso **caminhar** deste riacho.
(verbo usado como substantivo)
A Rosa dos **Anjos** veio da cidade.
(substantivo comum usado como substantivo próprio)

COMPOSIÇÃO

- **Composição por justaposição** – junção de palavras, geralmente por hífen, numa só, mantendo as palavras primitivas independência de acentuação.
Ex.: **couve-flor**, **cabra-cega**, **caminho-de-ferro**...
- **Composição por aglutinação** – junção de palavras numa só, sendo que apenas a segunda palavra primitiva mantém acento tónico.
Ex.: **bancarrota**, **planalto**, **aguardente**, **boquiaberto**...

ONOMATOPEIA LEXICALIZADA

- Criação lexical que procura imitar sons da Natureza, vozes de animais, ruídos de objectos, etc.
Ex.: **ribombar**, **grasnar**, **murmúrio**, **tilintar**, **miar**, **tiquetaque**...

ABREVIACÃO LEXICAL

- Omissão de uma parte final da palavra sem prejuízo para o seu significado.
Ex.: **foto** (fotografia), **hiper** (hipermercado), **metro** (metropolitano), **moto** (motocicleta), **pneu** (pneumático), **quilo** (quilograma)...

SIGLA (caso particular de abreviação)

- Redução de uma palavra ou de um grupo de palavras às suas iniciais.
Ex.: **AMI** (Assistência Médica Internacional), **BD** (Banda Desenhada), **CD** (Compact Disc), **ONU** (Organização das Nações Unidas), **RTP** (Rádio Televisão Portuguesa), **UE** (União Europeia), **UEFA** (União Europeia de Football Association)...

VALOR SEMÂNTICO DE PREFIXOS E SUFIXOS DE ORIGEM ERUDITA

Eis alguns dos prefixos mais frequentes na língua portuguesa:

Prefixos de Origem Grega	Significados	Exemplos
a- (an-)	negação	analfabeto
ana-	sentido contrário	anacronismo
	repetição	anáfora
anfi-	movimento circular	anfiteatro
	dois elementos	anfíbio
anti-	oposição	antipatia, antinacional
arqui- (arce-)	superioridade	arquidiocese
dia-	através de	diacronia
endo-	interioridade	endocárdio
epi-	posição superior	epiderme
hemi-	metade	hemisfério
hiper-	posição superior	hipermercado, hipertensão
hipo-	posição inferior	hipotensão
meta-	mudança	metátese
peri-	em volta de	perímetro
pro-	anterioridade	prognóstico, propósito
sin- (sim-, si-)	simultaneidade, união	sincronia
Prefixos de Origem Latina	Significados	Exemplos
a- (ab-)	afastamento	abster-se, aversão
a- (ad-)	aproximação	adjunto
amb- (ambi-)	dualidade	ambíguo
bis-	duplicidade	bisavó, biforme
com-, con-	companhia, união	cooperar, compadrecer
contra-	oposição / proximidade	contradizer, contracurva
de- (des-)	separação / ideia contrária	depenar, desfolhar
dis- (di-)	movimento em vários sentidos	dispersar
en- (em-)	movimento para dentro	enterrar, embarcar
in- (im-, i-)	movimento para dentro	ingerir, imigrar
	ideia contrária	impassível
menos-	ideia contrária	menosprezo
pene- (pen-)	quase	peneplanície, península
pos- (pós-)	posição posterior	pospor, pós-laboral
pre- (pré)	posição anterior	predizer, pré-primário
re-	repetição	reler
retro-	movimento para trás	retocesso
semi-	metade	semicírculo

Prefixos de Origem Latina	Significados	Exemplos
sobre- (super-, supra-)	posição superior	sobretudo
	excesso	supérfluo
sub- (sob-, su-, sus-)	posição inferior	subalterno, supor
trans- (tra-)	para além de	transtornar, translação
ultra-	movimento para além de	ultrapassar
	excesso	ultra-sensível

Segue-se uma lista de alguns sufixos frequentes na nossa língua.

SUFIXOS DE ORIGEM GREGA

Significados	Sufixos	Exemplos
Qualidade	-ico	tirânico
	-ia	simpatia
Afecção	-ite	otite
	-ose	neurose
Terminologia científica, doutrina, sistema	-ismo	neologismo, reumatismo, judaísmo, comunismo

SUFIXOS DE ORIGEM LATINA

Significados	Sufixos Nominais	Exemplos
Abundância	-ada	papelada
	-agem	folhagem
	-al	pinhal
	-aria	selvajaria
	-ário	formulário
	-edo	arvoredo
Acção ou resultado da acção	-agem	aprendizagem
	-ança	-lembrança
	-mento	esquecimento
Aumento ou grandeza	-aço	morenaço
	-aça	mulheraça
	-ão	rapagão
	-eirão	vozeirão
Diminuição ou pequenez	-inho	sapatinho
	-ito	rapazito
	-ico	burrico
	-únculo	homúnculo
	-zinho	pezinho

Significados	Sufixos Nominais	Exemplos
Naturalidade ou origem	-ano	alentejano
	-ão	beirão
	-ense	portuense
	-ês	português
	-eiro	leceiro
	-enho	nortenho
	-ol	espanhol
Qualidade ou estado	-ez	estupidez
	-ia	cobardia
	-ice	tolice
	-il	dócil
	-oso	amoroso
	-vel	tolerável

Significados	Sufixos Verbais	Exemplos
Começo da acção	-ecer	adormecer
	-escer	florescer
Repetição frequente da acção	-ear	cabecear
	-ejar	pestanejar
	-iscar	namoriscar
	-itar	saltitar

Significados	Sufixo Adverbial	Exemplo
Modo	-mente	gradualmente

Há palavras formadas por elementos de origem erudita (latina ou grega) que se designam por **compostos eruditos**.

Ex.: **audiovisual, automóvel, antropólogo, multiforme, oftalmologia, piromania, psiquiatria, quadrúpede, telefone, telepatia, televisão...**

ORIGEM E EVOLUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A expansão do povo romano levou-o a dominar diversas regiões. Uma destas regiões foi a Península Ibérica, para onde veio no século III a.C. Embora os povos da Península possuíssem a sua própria língua, a necessidade de conviver com os dominadores obrigou-os a aprender, não o **latim literário** (usado pelos escritores latinos), mas o **latim vulgar** (língua falada pelos soldados, comerciantes e funcionários do Estado).

É este latim que constitui o **estrato**, ou seja, a base da língua portuguesa. Contudo, a Península Ibérica já anteriormente fora dominada pelos Fenícios, que, obviamente, deixaram elementos linguísticos que fazem parte do **substrato** da língua portuguesa.

Mais tarde, outros povos instalaram-se na Península – Germânicos e Árabes. Também estes lá deixaram vestígios linguísticos, que ainda hoje se mantêm e constituem o **superestrato**.

Assim, embora a língua portuguesa tenha uma forte base latina (estrato), possui:

- substratos fenícios, celtas e gregos (**camisa, cerveja, lança, mapa...**);
- superestratos germânicos (**arreio, agasalho, feltro, ganhar, guerra, jardim, sopa...**) e árabes (**álcool, álgebra, armazém, almofada, azeite, xadrez, xarope...**).

A evolução da língua compreende, também, a entrada de palavras importadas directamente de outras línguas: os estrangeirismos.

Por ter como principal fonte linguística o latim, o português é considerado uma língua românica ou novilatina, juntamente com o galego, o espanhol (castelhano), o catalão, o francês, o provençal, o italiano, o romeno, o sardo e o reto-romance.

EVOLUÇÃO POR VIA POPULAR E VIA ERUDITA

Vimos que o latim que exerceu maior influência na formação da língua portuguesa foi o latim vulgar, falado pelo povo e assimilado pelos habitantes da Península Ibérica.

Pela sua transmissão oral, o latim vulgar sofreu grandes transformações fonéticas ao longo dos séculos. Assim sendo, foi por **via popular** que entraram na língua portuguesa as palavras provenientes do latim.

Mas há que considerar também outras palavras, com origem no latim literário, que deram entrada na língua portuguesa mais tardiamente, a partir do Renascimento (século XVI), mantendo-se, por isso, mais fiéis ao étimo latino, tendo sofrido apenas ligeiras alterações. Dizemos que estas palavras entraram na língua portuguesa por **via erudita**.

PALAVRAS DIVERGENTES E CONVERGENTES

As duas vias de evolução da língua, popular e erudita, permitiram que o mesmo étimo latino originasse duas ou mais palavras com diferentes significados. Estas palavras são designadas por **palavras divergentes**.

Exemplos:

Latim	Português	
	Via Popular	Via Erudita
<i>Actu</i>	auto	acto
<i>Atriu</i>	adro	átrio
<i>Macula</i>	mancha, malha, mágoa	mácula

Latim	Português	
	Via Popular	Via Erudita
<i>Mater</i>	mãe	madre
<i>Oculo</i>	olho	óculo
<i>Parabola</i>	palavra	parábola
<i>Planu</i>	chão	plano
<i>Plenu</i>	cheio	pleno

Há ainda palavras que, provindo de étimos diferentes, originaram vocábulos que se escrevem da mesma maneira, embora possuam significados diferentes (palavras homónimas).

São as **palavras convergentes**.

Exemplos:

- são (verbo ser) ← sunt
- são (adjectivo saudável) ← sanum
- são (adjectivo santo) ← sanctum
- rio (substantivo) ← rivu
- rio (verbo rir) ← rideo



EXERCÍCIOS

1. Completa o quadro com as formas divergentes adequadas.

Latim	Português	
	Via Erudita	Via Popular
<i>Actu</i>		auto
<i>Cathedra</i>		cadeira
<i>Directu</i>	directo	
<i>Flamma</i>	flama	
<i>Planu</i>		chão
<i>Plenu</i>	pleno	
<i>Coagulare</i>		coalhar
<i>Cogitare</i>		cuidar
<i>Frigidu</i>		frio
<i>Laborare</i>	laborar	
<i>Patre</i>		pai
<i>Superare</i>		sobrar

2. Completa os espaços com as formas convergentes adequadas.

_____ (forma verbal) ← vadunt (latim)

_____ (adjectivo) ← vanum (latim)

_____ (substantivo) ← libru (latim)

_____ (forma verbal) ← libero (latim)

EVOLUÇÃO FONÉTICA

Pudeste ver que a língua portuguesa foi buscar a maior parte dos seus vocábulos ao latim. Porém, atendendo ao dinamismo que caracteriza a língua (está em constante evolução), verificaram-se várias alterações fonéticas nas palavras, com maior ou menor incidência, conforme entraram por via popular ou erudita.

As alterações sofridas pelos fonemas (sons articulados) ao longo dos tempos são chamadas **fenómenos fonéticos**.

As alterações dos sons verificaram-se a nível de:

- elisão (queda);
- adição (acrescentamento);
- permuta (troca).

FENÓMENOS DE ELISÃO DE FONEMAS

- **Aférese** – supressão de um fonema no princípio de uma palavra.
Ex.: **atonitu** → **tonto**
episcopu → **bispo**
ainda → **inda** (registo coloquial e popular)
está → **tá** (registo coloquial e popular)
- **Síncope** – supressão de um fonema no meio de uma palavra.
Ex.: **calidu** → **caldo**
lanam → **lã**
opera → **obra**
rivu → **rio**
para → **pra** (registo coloquial e popular)
- **Apócope** – supressão de um fonema no final de uma palavra.
Ex.: **amat** → **ama**
dare → **dar**
cathedram → **cátedra**
rosam → **rosa**
sic → **si** → **sim**

FENÓMENOS DE ADIÇÃO DE FONEMAS

- **Prótese** – acrescentamento de um fonema no princípio de uma palavra.
Ex.: **nanu** → **anão**
scribere → **escrever**
spasmus → **espasmo**
spiritu → **espírito**
- **Epêntese** – acrescentamento de um fonema no meio de uma palavra.
Ex.: **blatta** → **brata** → **barata**
credo → **creo** → **creio**
humile → **humilde**
stella → **estrela**
- **Paragoge** – acrescentamento de um fonema no fim de uma palavra.
Ex.: **ante** → **antes**
nube → **nuvem**

FENÓMENOS DE PERMUTA DE FONEMAS

- **Assimilação** – dois fonemas contíguos tornam-se iguais.
Ex.: **ad sic** → **assi**
ipsu → **isso**
nostru → **nost'u** → **nosso**
traversa → **travessa**
- **Dissimilação** – dois fonemas contíguos tornam-se diferentes.
Ex.: **anima** → **anma** → **alma**
liliu → **lírio**
rotundu → **redondo**
- **Nasalação** – um fonema oral torna-se nasal por influência de um fonema nasal.
Ex.: **lana** → **lãa** → **lã**
canes → **cães**
manus → **mãos**
ne → **nem**
- **Desnasalação** – um fonema nasal torna-se oral.
Ex.: **bona** → **bõa** → **boa**
cena → **cea** → **ceia**
luna → **lua** → **lua**
- **Vocalização** – passagem de um som consonântico a um som vocálico.
Ex.: **actu** → **auto**
octo → **oito**
pectu → **peito**
regnu → **reino**
- **Sonorização** – uma consoante surda (p, t, c) passa à sonora correspondente (b, d, g).
Ex.: **lupu** → **lobo**
amicu → **amigo**
- **Contração** – fusão de duas vogais de sílabas diferentes numa só vogal (**crase**) ou num ditongo (**sinérese**).
Ex.: **pede** → **pee** → **pé**
lege → **lee** → **lei**
- **Metátese** – transposição dum fonema dum lugar para outro.
Ex.: **feria** → **feira**
primariu → **primairo** → **primeiro**
semper → **sempre**
- **Palatalização** – transformação de sons consonânticos em sons palatais.
Assim: **cl, fl, pl** → **ch** **n + i** → **nh** **di** → **j**
cl, gl → **lh** **li** → **lh**
Ex.: **clamare** → **chamar**
flama → **chama**
pluvia → **chuva**
genuclu → **geolho** → **joelho**
venio → **venho**
filiu → **filho**
hodie → **hoje**



EXERCÍCIOS

1. Indica os fenómenos fonéticos que ocorreram na evolução das seguintes palavras:

- a) colore → coore → cor
- b) cathedram → cadeira
- c) ipsum → isso
- d) opera → opra → obra
- e) pede → pee → pé
- f) nostru → nosso
- g) maculam → macla → malha
- h) oculu → oclu → olho
- i) ciconiam → cegonha
- j) plorare → chorar
- k) venio → venho
- l) secretu → segretu → segredo
- m) absente → ausente
- n) vidi → vii → vi
- o) malu → mau
- p) totum → todo
- q) thunum → atum
- r) acuculam → acucla → aculha → agulha

EVOLUÇÃO SEMÂNTICA

Além de alterações fonéticas, têm-se verificado, também, alterações do significado das palavras ao longo dos tempos. Eis alguns exemplos:

Vocábulo	Significado Actual	Significado Original
Estilo	Maneira de dizer, escrever, pintar ou compor própria de cada pessoa.	Ponteiro usado pelos romanos em tábuas enceradas.
Gesto	Atitude, movimento corporal.	Rosto, semblante, fisionomia.
Ministro	Cargo de elevado nível.	Escravo, servidor.
Salário	Ordenado, vencimento.	Estipêndio pago aos soldados romanos para adquirirem a sua ração de sal.
Solteiro	Homem que ainda não casou.	Isolado, solitário.

TEMPOS VERBAIS

Os tempos verbais revelam o momento da realização da acção.

O **presente** indica que a acção se realiza actualmente.

Ex.: **estudo, trabalho, quero...**

O **pretérito** indica que a acção é anterior ao momento actual. Pode ser:

- imperfeito: **estava, tomava...**
- perfeito: **estudei, comi...**
- mais-que-perfeito: **tinha visto, vira...**

O **futuro** designa que a acção se há-de realizar num momento posterior ao actual. Pode ser:

- imperfeito: **irei, tomarei...**
- perfeito: (quando/se) **chegar, fizer...**

TEMPOS COMPOSTOS

Quando os tempos são formados com o verbo **ter** (ou **haver**) e o particípio passado, têm a designação de **tempos compostos**. Existem os seguintes tempos compostos:

Pretérito perfeito composto do indicativo e do conjuntivo – formam-se, respectivamente, com o presente do indicativo e do conjuntivo do verbo auxiliar.

Ex.: **tenho lido, tenha lido...**

Mais-que-perfeito composto do indicativo e do conjuntivo – formam-se, respectivamente, com o pretérito imperfeito do indicativo e do conjuntivo do verbo auxiliar.

Ex.: **tinha lido, tivesse lido...**

Futuro perfeito composto do indicativo e do conjuntivo – formam-se, respectivamente, com o futuro imperfeito do indicativo e do conjuntivo.

Ex.: **terei lido, tiver lido...**

FORMAS ESPECIAIS DE CONJUGAÇÃO

- **Conjugação pronominal:** verbos conjugados com os pronomes pessoais **o, a, os, as**. (Só os verbos transitivos se conjugam pronominalmente.)
Ex.: lavo-o
lava-lo
lava-o
lavamo-lo
lavai-lo
lavam-no
- **Conjugação pronominal reflexa:** verbos conjugados com os pronomes reflexos **me, te, se, nos, vos, se**.
Ex.: queixo-me
queixas-te
queixa-se
queixamo-nos
queixais-vos
queixam-se
- **Conjugação perifrástica:** obtém-se pospondo-se o infinitivo impessoal (precedido ou não das preposições **a, de, para...**) ou o gerúndio de um verbo às formas verbais dum auxiliar, como: **ter, estar, haver, andar, ir, vir, começar, deixar, acabar**, etc.
Ex.: Tenho de estudar.
Estou a estudar.
Havia de partir cedo.
Ando a ver se a encontro.
Vou comer.
Vens falar comigo.
Deixei de ter dúvidas.
Acabei de o ver.
Estou estudando.
Estou para partir.
Deixou de me falar.

Os valores assumidos pela conjugação perifrástica são de:

- **Duração ou realização prolongada de acção**
 - **andar a** + infinitivo
 - **estar a** + infinitivo
 - **estar** + gerúndio

Ex.: Eu **andava a pensar** nisto.
Eu **estava prevendo** isto.
Nós **estávamos a projectar** uma viagem.
- **Intenção de praticar a acção num futuro próximo**
 - **haver de** + infinitivo

Ex.: **havemos de aceitar** o teu conselho.
- **Necessidade de praticar a acção**
 - **ter de** + infinitivo

Ex.: **Tenho de estudar** para o teste.
- **Realização gradual ou progressiva da acção**
 - **ir a** + infinitivo
 - **ir** + gerúndio

Ex.: Ele **ia a observar** a sua horta.
Ela **ia observando** a chuva.

VALOR ASPECTUAL DO VERBO

O aspecto verbal exprime o início, o desenrolar ou a conclusão da acção. Há verbos cujo significado, só por si, já tem valor aspectual (**começar, acabar, concluir, continuar**, etc.).

Atenta, agora, nos vários valores aspectuais que pode ter um verbo:

- **Aspecto incoativo:** início de acção ou passagem de um estado a outro.
Ex.: O João Kambulo **começou** a ler a obra de Óscar Ribas.
Anoiteceu.
- **Aspecto durativo:** a acção perdura durante algum tempo.
Ex.: Tínhamo-lo ouvido a **chegar**.
Batiam à porta.
- **Aspecto cessativo ou conclusivo:** conclusão da acção.
Ex.: **Deixou** de ler o jornal.
Acabámos o trabalho no mês passado.
- **Aspecto frequentativo ou iterativo:** o verbo exprime uma acção que se repete com alguma frequência.
Ex.: **Tens** ido à escola poucas vezes.
Ele **bebe** o vinho quase sempre.

VOZ ACTIVA E VOZ PASSIVA

Tal como aprendeste no ano transacto, a acção expressa pelo verbo pode apresentar-se:

- na voz activa, em que o sujeito pratica a acção.
Ex.: O aluno **estuda** a lição.
- na voz passiva, em que o sujeito recebe ou sofre a acção.
Ex.: A lição é **estudada** pelo aluno.

Para transformares uma frase activa numa frase passiva, deves observar o seguinte:

- o sujeito da voz activa torna-se complemento agente da passiva regido pela preposição **por** ou **de**;
- o verbo da voz activa conjuga-se, na voz passiva, com o auxiliar **ser**, no mesmo tempo em que está o verbo da voz activa, e o participio passado deste verbo.
Ex.: O aluno **estudou** a lição. → A lição foi **estudada** pelo aluno.

Repara, ainda, que:

- Há outros verbos auxiliares que contribuem para formar a voz passiva: verbos que exprimem estado (**estar, andar, viver**, etc.), mudança de estado (**ficar**) e movimento (**ir, vir**).
Ex.: Os alunos **vinham** acompanhados do professor.
- A voz passiva forma-se também com a partícula apassivante **se**, sem complemento agente da passiva e com o verbo na terceira pessoa.
Ex.: No século XIX cantava-**se** boa música.
Vendem-**se** casas.

CONJUNÇÕES E LOCUÇÕES CONJUNCIONAIS

As conjunções são palavras invariáveis que servem para ligar duas orações ou elementos de uma oração com a mesma função.

Classificam-se em conjunções ou locuções conjuncionais coordenativas (ligam entre si orações independentes) e conjunções ou locuções conjuncionais subordinativas (ligam orações que dependem uma da outra).

As conjunções ou locuções conjuncionais coordenativas podem ser:

Copulativas	<p>e, nem, não só... mas também Ligam orações da mesma natureza ou palavras que na frase desempenham iguais funções. Ex.: O Makuntima está na escola e chega tarde.</p>
Adversativas	<p>mas, porém, todavia, contudo, apesar disso Opõem duas orações, isto é, apresentam ideias contrárias. Ex.: Ele chamou a tia, mas o irmão não gostou.</p>
Disjuntivas	<p>ou, ou... ou, quer... quer, já... já, seja... seja Indicam uma alternativa. Ex.: Vais à praia ou ao cinema?</p>
Conclusivas	<p>logo, pois, portanto, por conseguinte... Indicam uma conclusão. Ex.: Estudou pouco, portanto deve reprovar.</p>

As conjunções ou locuções conjuncionais subordinativas podem ser:

Condicionais	se, a não ser que, a menos que, salvo se... Indicam uma condição necessária para a realização ou não do facto principal. Ex.: Se eu não me atrasar, não faltarei ao prometido.
Finais	para, que (= para que), a fim de que... Indicam a finalidade do que é afirmado na oração anterior. Ex.: A tia fez um bolo para que todos o provassem.
Causais	porque, porquanto, visto que... Exprimem uma causa ou motivo. Ex.: O cão do Rui morreu porque estava doente.
Temporais	quando, antes que, enquanto, logo que... Exprimem uma ideia de tempo. Ex.: Eles sentiram-se bem-dispostos quando chegaram às suas casas.
Consecutivas	que (depois de tal, tão, tanto), de maneira que, de modo que... Indicam uma consequência do que se afirmou anteriormente. Ex.: Choveu tanto ontem que os rios encheram.
Integrantes ou Completativas	que, se... Completam o sentido da oração anterior. Ex.: É bom que os alunos estudem. Perguntou se querias comer.
Comparativas	como, conforme, segundo, bem como Estabelecem comparação entre as ideias expressas nas duas orações. Ex.: Será feito conforme pediste. Aconteceu como foi definido. Segundo me disseram, amanhã não haverá aulas.
Concessivas	embora, que, conquanto, posto que, se bem que... Introduzem orações cujo sentido, embora contrarie as afirmações das respectivas subordinantes, não impede que estas se realizem. Ex.: Embora esteja sem dinheiro, não deixo de comparecer.

CONCORDÂNCIA DO VERBO COM O SUJEITO

Concordância do verbo com o sujeito simples

Regra geral, o verbo concorda com o sujeito em pessoa e número.

Ex.: Ele **é** um homem honesto.

Eles **ficam** sempre em casa.

- O verbo vai para o plural se o sujeito é um número plural precedido de **cerca de, mais de, menos de**.
Ex.: Mais de duzentos alunos **passaram** de classe.
- O verbo fica no singular com as expressões **mais de um, metade de, mais que um**.
Ex.: Mais de um passageiro **magoou-se** na viagem.
- Com o pronome relativo **que**, o verbo concorda com o antecedente desse pronome.
Ex.: Eu li os livros que **estavam** no gabinete.
- Os títulos de obras que têm forma de plural são considerados como singular se o artigo não fizer parte do título.
Ex.: *Os Lusíadas*, de Camões, **são** uma obra interessante e de estudo.
Capitães da Areia é uma obra de Jorge Amado.
- Com o pronome relativo **quem**, o verbo vai sempre para a terceira pessoa do singular.
Ex.: Fomos nós quem **disse** tudo aquilo.
- Se um sujeito é representado pelos pronomes **isto, isso, aquilo, tudo o que** e os verbos **ser** ou **parecer**, a concordância verbal faz-se com o predicativo do sujeito.
Ex.: Isso **são** situações do nosso tempo.
Tudo o que ficou registado **são** apenas conversas.
- Se o sujeito é constituído por um nome próprio no plural, o verbo fica no singular se o nome não for precedido de artigo.
Ex.: Os Estados Unidos da América **são** uma nação democrática.
Quilengues **tem** algumas atracções turísticas.

Concordância do verbo com o sujeito composto

Quando o sujeito é composto (se consta de dois ou mais elementos), a **concordância em número** depende da posição do sujeito.

- Se o sujeito está antes do predicado, o verbo vai para o plural.
Ex.: O programa e o livro **são** manuais de leitura.
- Quando a seguir a um sujeito composto ocorre qualquer das palavras **tudo, nada** ou **ninguém**, o verbo permanece no singular.
Ex.: O livro, o jornal, tudo **desapareceu**.
- Se o sujeito está depois do predicado, o verbo pode concordar com o elemento mais próximo.
Ex.: **Desapareceram** o livro e o jornal.
Desapareceu o livro e o jornal.
- Quando o sujeito composto é formado por nomes no singular ligados pela conjunção **nem**, o verbo vai para o singular, se houver a ideia de exclusão de outros.
Ex.: Nem a minha tia nem a tua **será** beneficiada.
- Sujeitos desempenhados por infinitivos têm o verbo no singular.
Ex.: Rir e brincar **é** próprio do ser humano.

Quando o sujeito é composto, a **concordância em pessoa** depende da pessoa gramatical a que os diferentes elementos pertencem.

- Se um dos elementos do sujeito é da primeira pessoa, o verbo vai para a primeira pessoa.
Ex.: Eu, tu e ele **somos** da mesma pátria.
- Se todos os elementos são da terceira pessoa, o verbo vai para a terceira pessoa.
Ex.: Ele e o tio **lançaram** mãos à obra.
- Se um dos elementos do sujeito é da segunda pessoa e não há nenhum da primeira, o verbo vai para a segunda pessoa.
Ex.: Tu e ele **fostes** à festa do Rui?
- Se um sujeito é representado por um dos pronomes interrogativos (**quais, quantos**) ou indefinidos (**alguns, muitos, poucos**) seguidos dos pronomes **nós** e **vós**, o verbo fica na terceira pessoa do plural ou concordará com **nós/vós**.
Ex.: Quais de nós **faremos** a pesquisa?
Alguns de nós **vieram** das Lundas.

ELEMENTOS DA ORAÇÃO

Recorda os elementos acessórios da oração que estudaste em anos anteriores:

O Carlos viu o João.

Complemento directo

O Mandinga deu um beijo ao amigo.

Complemento indirecto

A carro vermelho é fora de série.

Atributo

Manuel, vem cá!

Vocativo

Que fizeste ontem?

Complemento circunstancial de tempo

Entrámos repentinamente.

Complemento circunstancial de modo

Em casa, todos dormem.

Complemento circunstancial de lugar

Não dormiu bem por causa da dor de cabeça.

Complemento circunstancial de causa

Ontem, preparámos tudo para a festa da escola.

Complemento circunstancial de fim

Ceguei a casa com os meus pais.

Complemento circunstancial de companhia

Comprei uma mesa de pinho.

Complemento circunstancial de matéria

O vinho tinto de Portugal é apetitoso.

Complemento determinativo

O bolo foi comido pelos alunos.

Complemento agente da passiva

A Rosa é inteligente.

Predicativo do sujeito (nome predicativo)

Quanto ao **predicativo do sujeito**, que indica um estado ou uma característica do sujeito, recorda-te de que está associado a um verbo de ligação (**ser, ficar, parecer, permanecer**, etc.) e pode ser expresso por:

- substantivos
Ex.: Os olhos dela parecem **estrelas**.
A coragem é **uma virtude**.
- adjectivos
Ex.: Os responsáveis estão **preocupados**.
O tempo está **fresco e húmido**.
- numerais
Ex.: Os copos são **três**.
Eles eram **sete**.
- pronomes
Ex.: Este relógio é **meu**.
O dinheiro não é **tudo**.
- advérbios
Ex.: O meu irmão está **bem**.
A tua camisa está **ali**.

São também elementos acessórios da frase o predicativo do complemento directo e o aposto.

Predicativo (ou nome predicativo) do complemento directo

Este é desempenhado por uma palavra ou expressão que, colocada junto ao complemento directo, o caracteriza e com ele concorda em género e número. Não pode ser retirado da frase, pois alterar-se-ia o sentido desta.

O predicativo do complemento directo aparece em frases com os verbos: **achar** (no sentido de considerar), **chamar, considerar, eleger, nomear, julgar, tomar**, etc. Pode vir precedido de **por, para, de** ou **como**.

Ex.:

Achamos a praia belíssima.
Compl. directo + Predicativo do complemento directo

Nomeámos a Sandra como chefe de turma.
Predicativo do complemento directo

Aposto

É uma expressão nominal que se coloca a seguir a um nome, para completar o seu sentido, fornecendo uma explicação acerca dele. Aparece entre vírgulas e pode retirar-se da frase sem que haja uma alteração importante do seu sentido.

Ex.:

Carlota, a prima da Ruth, faz bons fatos.
Aposto

A Paula visitou o seu tio, o Sr. Quiosa.
Aposto

ORAÇÕES SUBORDINADAS

Distinguem-se três grandes grupos de orações subordinadas: subordinadas substantivas, subordinadas adverbiais ou circunstanciais e subordinadas relativas ou subordinadas adjectivas.

Orações subordinadas substantivas ou completivas

Estas orações são também designadas substantivas, por exercerem funções equivalentes às dos substantivos. Completam o sentido da oração subordinante e são introduzidas pelas conjunções subordinativas **que** e **se**.

Ex.: A Joana **garantiu que as portas estavam mesmo fechadas**.

A Ruth perguntou **se o tio já tinha chegado**.

Orações subordinadas adverbiais ou circunstanciais

Além das orações causais, condicionais, temporais, finais e comparativas, que conheces de anos anteriores, há as orações concessivas e consecutivas.

- **Oração subordinada concessiva** – oração que exprime uma concessão. Apesar da contrariedade expressa pela oração subordinada, realiza-se o acontecimento expresso pela subordinante.

Ex.: Embora tivéssemos vindo de avião, estávamos todos cansados.

Oração subordinada + Oração concessiva subordinante

Eles compraram o carro, **se bem que tivessem pouco dinheiro**.

Beberam coca-cola, **ainda que não tivessem autorização**.

- **Oração subordinada consecutiva** – oração que indica uma consequência do que se afirmou anteriormente na oração subordinante.

Ex.: Sentíamos uma tal satisfação que nos abraçámos.

Oração subordinante + Oração subordinada consecutiva

Ontem choveu tanto **que a casa velha ficou inundada**.

A viatura corria velozmente, **de modo que não evitou o acidente**.

- **Oração subordinada relativa** – oração que está ligada por um pronome relativo à oração da qual depende. Este pronome relativo associa-se a um outro pronome ou substantivo que funciona como seu antecedente.

A oração subordinada relativa pode ser **restritiva** ou **explicativa**.

- **Oração subordinada relativa restritiva** – oração que não pode ser suprimida, pois limita o sentido da frase a que pertence.

Ex.: Os filhos que obedecem são recompensados pelos pais.

Observa que restringe o sentido da oração subordinante, pois não são todos os filhos que são recompensados pelos pais, mas apenas os que lhes obedecem.

- **Oração subordinada relativa explicativa** – oração que acrescenta uma ideia, explica um pormenor. Tem uma função semelhante à do aposto, aparecendo também entre vírgulas.

Ex.: A minha prima, que é distraída, esqueceu a bagagem.

A oração subordinada relativa explicativa pode ser retirada à frase a que pertence, pois a informação que acrescenta sobre o seu antecedente é acessória.



EXERCÍCIOS

1. Liga cada par de frases com uma conjunção/locução subordinada ou pronome relativo com o sentido indicado. Respeita o conteúdo das frases, mas faz as alterações necessárias, sobretudo nas formas verbais, e evita repetições.

a) Relativa

- O capitão encontra o avião.
- O avião estava no campo.

b) Condicional

- A ovelha comeria a flor.
- A ovelha não tinha comida.

c) Temporal

- O cão morreu.
- A cobra envenenou o cão.

d) Concessiva

- Os adultos não possuem imaginação.
- As crianças possuem imaginação.

e) Causal

- O motorista estava zangado.
- O motor do carro tinha uma avaria.

f) Final

- O rapaz comprou uma caixa.
- O rapaz guarda a ovelha dentro da caixa.

g) Completiva

- A toupeira sentiu isso.
- A raposa queria fazer amigos.

h) Consecutiva

- A Marta influenciou a irmã.
- Era impossível resistir-lhe.

i) Concessiva

- O Miguel queria levar o cão consigo.
- O cão fugiu.

j) Relativa

- Os pássaros eram belos.
- Os pássaros transportaram a criança.

k) Final

- As flores fabricam espinhos.
- As ovelhas não as comem.

l) Condicional

- O Miguel falava de jibóias.
- Os adultos consideravam o Miguel insensato.

TIPOS E FORMAS DE FRASE

Chama-se frase a um conjunto de palavras com sentido.

Existem diversos tipos de frase, consoante a intenção do emissor.

- **Tipo declarativo** – transmite informações ou descreve situações.
Ex.: Hoje vou à praia.
- **Tipo interrogativo** – formula perguntas.
Ex.: Já foste à praia hoje?
- **Tipo imperativo** – ordena, aconselha, pede, exprime desejos...
Ex.: Vamos já para a praia!
- **Tipo exclamativo** – exprime sentimentos e emoções.
Ex.: Hoje a praia está ótima!

Consideram-se, ainda, várias formas de frase:

- **Forma afirmativa** – exprime uma afirmação.
Ex.: Vou à praia.
- **Forma negativa** – exprime uma negação.
Ex.: Não vou à praia.
- **Forma activa** – o sujeito pratica a acção expressa pelo verbo.
Ex.: O João levou a bola.
- **Forma passiva** – o sujeito sofre a acção expressa pelo verbo.
Ex.: A bola foi levada pelo João.
- **Forma enfática** – contém uma palavra ou expressão de realce (é que, cá, lá...).
Ex.: O João é que levou a bola para a praia.
- **Forma neutra** – não contém qualquer palavra ou expressão de realce.
Ex.: O João levou a bola para a praia.

ORTOGRAFIA

Emprego de *por que*, *por quê* e *porquê*

A forma **por que** é usada:

- nas frases interrogativas directas e indirectas, indicando razão ou causa, no início ou no meio do período.
Ex.: **Por que** vocês vieram?
E vocês, **por que** ficaram?
- equivalendo a **pelo qual**, **pela qual**, **pelos quais**, **pelas quais**.
Ex.: São muitos os problemas **por que** passo.
Todos sabem que este é o ideal **por que** luto.

A forma **por quê** é usada no final de frases interrogativas.

Ex.: Ele não compareceu à reunião. Alguém sabe **por quê**?

A forma **porque** é usada para introduzir uma explicação ou causa.

Ex.: Está quieto, **porque** é melhor. (explicação)

Não te telefonei, **porque** estou ocupado. (causa)

Faltou à aula **porque** estava doente. (causa)

A forma **porquê** pode ter valor de substantivo quando é usada como sinónimo de motivo, razão.

Ex.: Não entendo o **porquê** de tanta agressividade.

Não sabemos o **porquê** de sua ausência.



EXERCÍCIO

1. Completa os espaços com as formas **por que**, **por quê**, **porque** e **porquê**.

- a) Não percebes o _____ do meu nervosismo.
- b) _____ ladram os cães tão ferozmente?
- c) A greve terminou _____ o sindicato assim decidiu.
- d) Não sei _____ o meu pai está zangado.
- e) A chuva parou repentinamente _____ ?
- f) Não consigo explicar o _____ de seu insucesso.
- g) Eles não foram à palestra _____ não arranjaram transporte.

DISCURSO DIRECTO, DISCURSO INDIRECTO E DISCURSO INDIRECTO LIVRE

Atenta no texto A:

E a hora chegou inesperadamente, depois de um grande nevão cair a serra enquanto eles dormiam.
- **Vai-me buscar alguém, homem!** - *pedia Maia, no pânico das suas dores.*

A fala da personagem encontra-se no **discurso directo**.

Observa, agora, o texto B, com a apresentação da fala da mesma personagem em **discurso indirecto**:

E a hora chegou inesperadamente, depois de um grande nevão cair a serra enquanto eles dormiam. O Maia, no pânico das suas dores, pedia ao homem que lhe fosse buscar alguém.

Atenta no texto C:

A Júlia é que não desistia. Visse lá bem! Não podia parir como as rezes do monte... Tinham de ir a Provezende fazer algumas compras. O Rebel acabou por ouvir, e prometeu que sim, que iriam. Levavam quatro cabritos, e o que eles rendessem... Mas não havia pressa... Quando nascia o pequeno? O quê? Em Janeiro?! No pino do Inverno?! Juizinho! Ao menos deixasse vir o Março.

Miguel Torga, *Contos da Montanha*

Este texto conserva as interrogações e exclamações do discurso directo, mas não apresenta o verbo declarativo que introduz o diálogo, e sofre as mesmas transformações de modo, tempo e pessoa do discurso indirecto.

Este tipo de discurso, que permite ao leitor penetrar mais profundamente na própria personagem, designa-se por **discurso indirecto livre**.

MODOS LITERÁRIOS

Os textos literários agrupam-se em três modos literários distintos: narrativo, lírico e dramático.

O modo narrativo

Caracteriza-se por uma determinada **acção** que se desenrola num determinado **espaço** e num certo período de **tempo**, que está relacionada com o mundo exterior (mundo em que vivemos) e é desempenhada por personagens. Os acontecimentos são contados por um narrador, que pode ou não participar na acção.

Os **modos de representação** de texto narrativo são a narração (momentos de avanço da história) e a descrição (momentos de pausa).

Os **modos de expressão** são o diálogo e o monólogo.

O texto narrativo pode ser em **prosa** ou em **verso**.

Faustino gostava de flores. Regava-as com carinho, não deixando cair água de muito perto, salpicando-as só. Depois colhia uma e dizia em voz baixa:

- Pedúnculo, cálice, corola...

- Que chatice! Já te disse mais de uma vez que o teu trabalho não é estragar as flores. Estás aqui para as regares e não para lhes tocares. As flores são para as senhoras do prédio. Qualquer dia vais para a rua. Pretos há muitos para este emprego. Ora esta, a mexer nas flores! Isso não é para as tuas mãos. Anda lá, anda lá depressa a regar o jardim que ainda tens de lavar as escadas.

Faustino não sorriu. Não gostava que o encarregado dissesse aquilo. Flores são flores, não são de uns nem de outros. São de todos. Nascem da terra se os brancos plantam ou se os pretos plantam. E não nascem mais bonitas por serem plantadas por brancos.

Ficou a olhar o encarregado que se afastava e dentro dele ia crescendo a raiva que o acompanhava há dias. Depois que Maria não trouxera mais cigarros porque fora despedida. O encarregado não deixava trazer mais. Só se ela fosse a casa dele. Para ouvir uns discos de baiões e mambos - como ele disse. Maria era a flor de Faustino e disparatou o encarregado. Foi despedida.

Desde esse dia Faustino não riu mais. Já não sorria ao fechar ou abrir as portas do elevador. E não se interessava se os meninos corriam ou não perigo. Assim naquele momento teve ganas de deitar fora a mangueira, despir a farda e ir-se embora com os seus livros para a sombra do seu quarto ou das suas mandioqueiras do quintal, estudar, estudar muito até ser alguém.

Manuel Rui, *Quem me Dera Ser Onda*

Não direi nada
nunca fiz nada contra a vossa pátria
mas vós apunhalastes a nossa
não direi nada mesmo que me ameacem de morte

Quem dormirá
quando assiste ao enlouquecer
ali na cela ao lado
morto o espírito pela tortura

Quando voltei
Até o riso das crianças tinha desaparecido
e também vós
meus bons amigos meus irmãos
Benge, Joaquim, Gaspar, Ilídio, Manuel

e quem mais?

centenas, milhares de vós amigos
desaparecidos para sempre
para sempre vitoriosos na sua morte pela vida.

Agostinho Neto, *A Voz Igual*

O modo dramático

O texto dramático é concebido para ser representado, daí que a **acção** protagonizada pelas **personagens** se caracterize pelo diálogo travado entre elas. Decorre num determinado período de **tempo** e num certo **espaço** (cenário).

Para além do **diálogo** e do **monólogo**, há o aparte, comentário que permite a comunicação entre o actores e o espectador.

Anjo Que quereis?

Fidalgo Que me digais
 pois parti tão sem aviso
 se a barca do Paraíso
 é esta em que navegais.

Anjo Esta é; que demandais?

Fidalgo Que me leixeis embarcar.
 Sou fidalgo de solar,
 é bem que me recolhais.

Anjo Não se embarca tirania
 neste batel divinal.

Fidalgo Não sei porque haveis por mal
 que entre a minha senhoria...

Anjo Pera vossa fantasia
 mui estreita é esta barca.

Fidalgo Pera senhor de tal marca
 nom há aqui mais cortesia?
 Venha a prancha e atavio!
 Levai-me desta ribeira!

Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*

O modo lírico

Exprime a **subjectividade** do **sujeito poético** e a sua própria interiorização do mundo exterior. As declarações praticamente não existem e, se aparecem, revelam os sentimentos do «eu», isto é, do sujeito poético.

É um texto **plurissignificativo** e **conotativo**.

Mar Português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa, *Mensagem*

RECURSOS DE ESTILO

Cada autor tem o seu próprio estilo, a sua própria linguagem, que utiliza para exprimir ideias que serão tão mais originais e subjectivas quanto mais rica e variada for a mensagem. Daí que faça uso dos recursos expressivos ou de estilo.

Abordamos alguns deles:

- **Aliteração** – repetição de consoantes ou de sílabas.

Ex.: Chegamos de uma terra feia, fria
fétida, fútil.

Que aonde o vento a leve o vá levar

Foguetes, bombas **ch**uvinhas
chios **ch**uveiro **ch**iando
chiando
chovendo
chuvas de fogo!

- **Anáfora** – repetição de uma palavra ou expressão no início de frases ou versos sucessivos.

Ex.: **Tudo** cura o tempo, tudo gasta,
tudo digere, tudo acaba. (Padre António Vieira)

Sem ti, tudo me enoja e aborrece
Sem ti perpetuando estou passando... (Luís de Camões)

- **Antítese** (ou **contraste**) – emprego de palavras ou expressões contrastantes, ou seja, de sentidos opostos.

Ex.: Toda a **guerra** finaliza por onde devia ter começado: a **paz**.

Sem ti, perpetuamente estou passando
nas mores **alegrias**, mor **tristeza**. (Luís de Camões)

Saiba **viver** o que **morrer** não soube. (Bocage)

- **Apóstrofe** – invocação de alguém, do mundo real ou imaginário.

Ex.: Agora tu, Calíope,
me ensina. (Luís de Camões)

Deus, ó Deus! onde estás,
que não respondes? (Castro Alves)

- **Eufemismo** – emprego de palavras ou expressões agradáveis, em substituição das que têm sentido grosseiro ou desagradável.

Ex.: dar o último suspiro (por morrer)
não falar a verdade (por mentir)
tumor maligno (por cancro)
criança excepcional (por retardada)

- **Enumeração** – apresentação sucessiva de vários elementos. O primeiro, ou o último, pode ser uma palavra que sintetiza todos os outros.

Ex.: Ocorrem-me em revista países:
Angola, Paris, Berlim, Brasil, o mundo! (Cesário Verde)

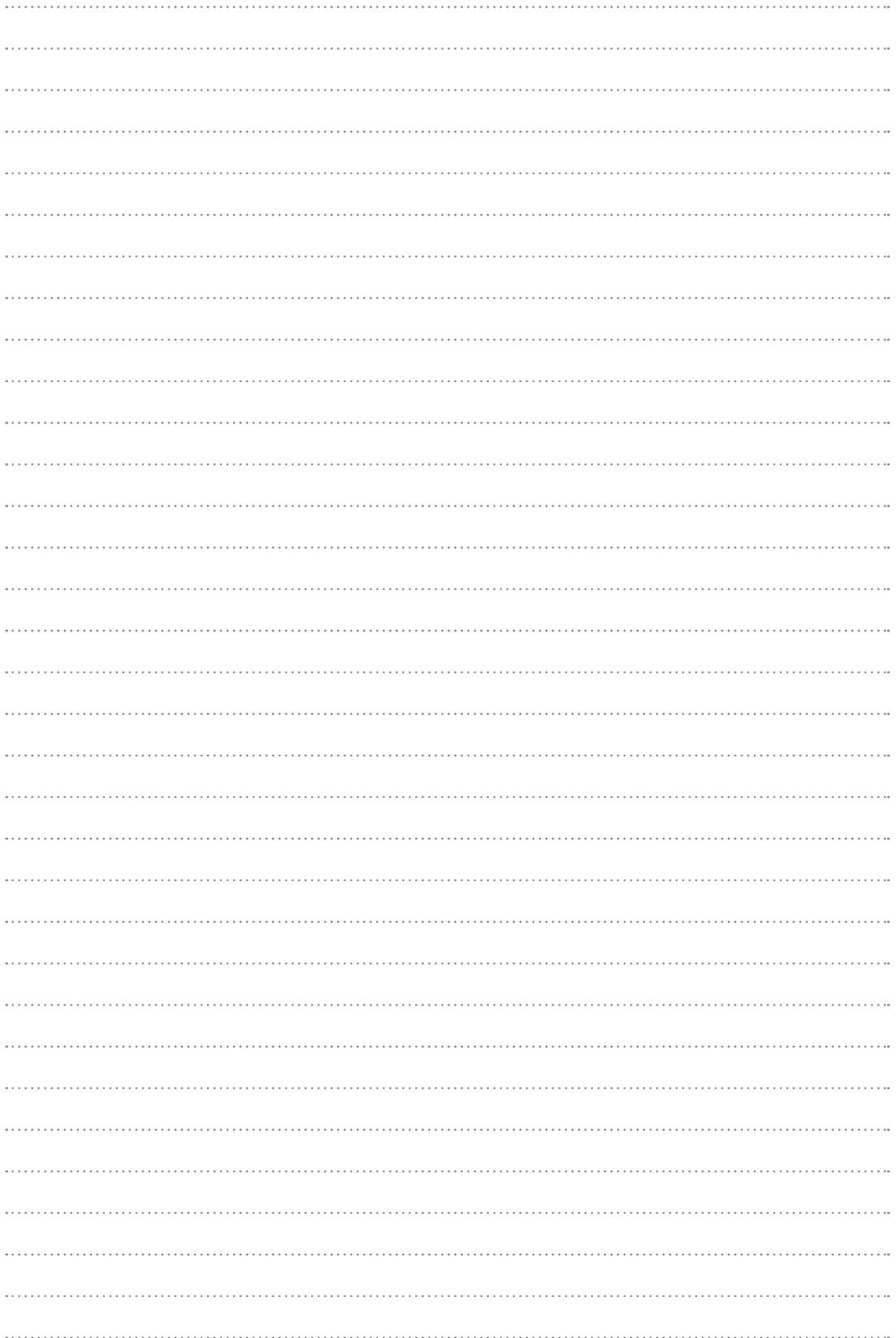
- **Hipérbole** – exagero na afirmação, com o objectivo de realçar o pensamento.

Ex.: Já lhe disse isso um milhão de vezes.
A mãe chorou rios de lágrimas.
Esse homem vê até com os olhos fechados.

- **Ironia** – sugestão, pela entoação e pelo contexto, do contrário do que as palavras ou frases exprimem, com uma intenção sarcástica.
Ex.: Que aspecto magnífico! (Quando algo tem um aspecto horrível.)
Que menina linda! (Quando se comportou muito mal.)
Vejam que bela administração a nossa! (Quando alguém cai num buraco na rua, lembrando-se do prefeito.)
- **Metáfora** – figura que consiste na substituição de um termo por outro, com o qual apresenta semelhanças. É uma espécie de comparação abreviada, pois não possui partícula comparativa ou termo da comparação.
Ex.: Esse homem é **uma fera!** (É bravo como uma fera.)
Então lembrou-se da grande **noite azul** de Jerusalém toda **bordada de constelações.**
(Sophia de Mello Breyner Andresen)

Santarém é **um livro de pedra.** (Almeida Garrett)
- **Metonímia** – substituição de um nome por outro, havendo entre ambos uma relação de proximidade. Tal substituição pode realizar-se referindo:
 - a causa pelo efeito: Viver **do trabalho.**
(Trabalho, causa, está por alimento, efeito.)
 - o autor pela obra: Conhecer **Augusto dos Anjos.**
(Augusto dos Anjos, autor, está por a obra de.)
 - o lugar pela coisa: Ir ao **correio.**
(Correio, lugar, está por edifício onde funciona o serviço do correio.)
- **Onomatopeia** – consiste na imitação dos ruídos da Natureza, de animais, de pessoas ou de objectos. Quando a onomatopeia constitui uma palavra com categoria gramatical, designa-se por onomatopeia lexicalizada.
Ex.: uivar (verbo)
Sino de Belém bate bem-bem-bem
frufriu (substantivo)
- **Perífrase** – exprime por diversas palavras o que poderia exprimir-se por uma única.
Ex.: Convocados, da parte do Tonante,
pelo **neto gentil do velho Atlante.** (Mercúrio) (Luís de Camões)
- **Pleonasmo** (ou **redundância**) – emprego de termos desnecessários, com o objectivo de realçar ou enfatizar o pensamento.
Ex.: Subir para cima.
Entrar para dentro.
(por inépcia)

Vi claramente visto. (Luís de Camões)
Vi com os meus próprios olhos.
Toquei-a com as minhas próprias mãos.
A mim ninguém me engana.
(para intensificar)
- **Prosopopeia** (ou **personificação**) – atribuição de características humanas (acções, sentimentos, falas...) a seres inanimados ou animais.
Ex.: A raposa disse ao corvo: «As árvores são imbecis: despem-se justamente quando começa o cacimbo.»
- **Repetição** – consiste em retomar a mesma palavra ou expressão.
Ex.: E que necessidade há que eu lho diga? Pois não sabe perfeitamente **que a adoro, que a adoro, que a adoro?** (Eça de Queirós)



Manual do Aluno

Língua Portuguesa 9ª Classe

Autores: Helena Mesquita | Gonçalves Pedro

Apresentação

Com este Manual da 9ª classe, terminarás mais um ciclo de estudos, o 1º Ciclo do Ensino Secundário. Conheces já muitos dos teus colegas, mas esperam-te inúmeras novidades.

O Manual do Aluno da 9ª classe é constituído por um leque de textos bem seleccionados, que irão constituir uma boa fonte de conhecimentos a todos os níveis. Obedeceu-se, como nos manuais anteriores, às linhas programáticas para este ano, atendendo às exigências pedagógico-didácticas para a 9ª classe, não descurando a inovação e o rigor adequados a este nível, no que concerne a uma maior fluência no falar, um maior domínio no escrever, um melhor entendimento no ler e uma melhor compreensão da gramática.

O Manual está estruturado com sete tipologias textuais, contendo cada uma delas uma introdução prévia, nomeadamente:

1. Texto Narrativo
2. Texto Descritivo
3. Texto Poético/Lírico
4. Texto Informativo
5. Texto Explicativo
6. Texto Injuntivo/Apelativo
7. Texto Argumentativo



**EDITORA
DAS LETRAS**

"Pensando o futuro"

ISBN 978-989-98725-2-3



9 789899 872523 >